

ANO XLIV
N.º 6

Revista da Semana

Cr\$ 1,50 em todo o Brasil

6 de Fevereiro
de 1943



O BRASIL LAPIDA OS SEUS DIAMANTES

(REPORTAGEM NO TEXTO)

A Escola Moderna de Corte, Alta Costura e Chapéus de Mme. Bastos

A mais completa Escola do Brasil sabado ultimo esteve em festas

A diplomada senhorita Genoveva Perfetti, oradora pela segunda turma, recebendo de Mme. Bastos o seu diploma.



A diplomada senhorita Maria da Gloria Ribeiro, oradora em nome da primeira turma, recebendo das mãos de Mme. Bastos o seu diploma.



Pela manhã, foi rezada missa em ação de graças pela feliz terminação dos cursos na Igreja da Lapa, e á tarde na sede da Escola á Praça Tiradentes nº 50, 1º andar, foi em sessão solene feita a entrega dos diplomas á Turma de 1942.

Saudando Mme. Bastos, falaram, pela primeira turma, a diplomada Maria da Gloria Ribeiro; pela segunda turma a diplomada Genoveva Perfetti e pelo corpo de auxiliares dos atelieres de Mme. Bastos foi feita uma saudação pela jovem Fernanda Venancio.

Pelos convidados saudou Mme. Bastos o academico de medicina Helio Mendes de Freitas.

A todos, Mme. Bastos respondeu em brilhante improviso, visivelmente emocionada pelas provas de carinho e afeto que lhe estavam sendo tributadas.

Após a entrega dos diplomas, foi feita a entrega das medalhas ás diplomadas contempladas, cabendo na primeira turma o 1º lugar á senhorita Maria de Lourdes Oliveira; o 2º lugar á senhorita Laurinda Maria Pinto de Lima e o 3º lugar á senhora Maria Bessa da Silva; na segunda turma coube o 1º lugar á senhora Bernadette Messias Rocha Passos; o 2º lugar á senhora Maria Neves de Souza e o 3º lugar á senhora Genoveva Perfetti; na terceira turma foi agraciada com o 1º lugar a senhorita Jovina Mamede Neves; o 2º lugar á senhora Eulalia da Rocha Jambre e o 3º lugar á senhora Elvira Aldeia Calvo.

Mme. Bastos, com a gentileza que lhe é inata, foi muito cativante para com todos os seus convidados, deixando todos os que tiveram a honra de comparecer á sua festa encantados com a fidalguia de seu trato, sempre distinto e hospitaleiro.

Pose tomada após a entrega solene dos diplomas, vendo-se Mme. Bastos com a turma diplomada.



Foto tomada á porta da Igreja da Lapa, vendo-se Mme. Bastos cercada pelas diplomadas de 1942.

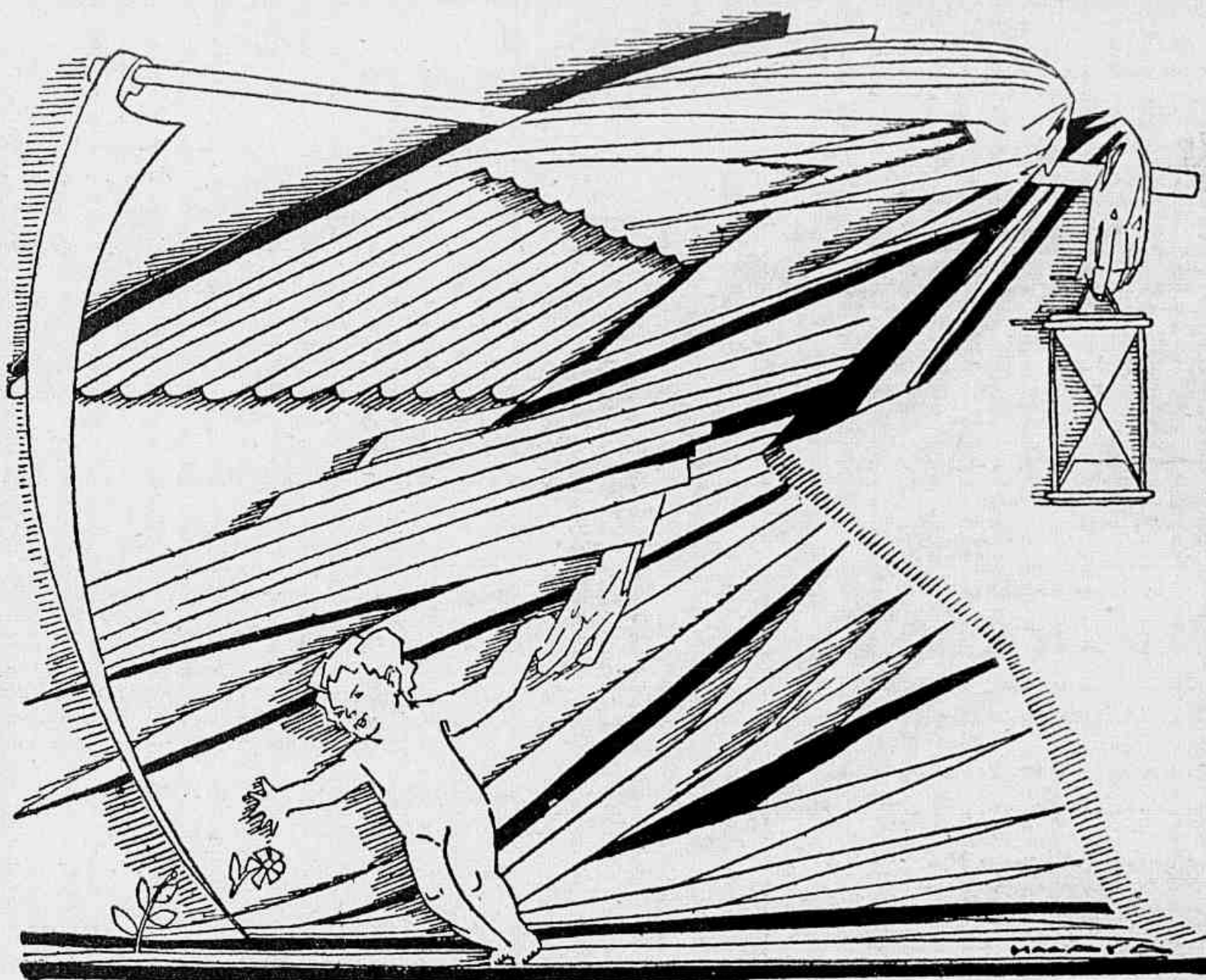
A Escola Moderna de Corte, Alta Costura e Chapéus de Mme. Bastos, o notavel estabelecimento da arte do corte e da alta costura superiormente dirigido por MME. BASTOS, sua diretora-proprietaria, esteve em festas no ultimo sábado com a formação de mais uma legião de moças, aptas eficientemente que estão para a arte do corte, da alta costura e do chapéu entre nós.

Mme. Bastos, nome padrão na esfera da alta moda no Brasil e quicá nos 5 continentes do Mundo, sabido que Mme. Bastos é solicitada a dar opinião para a cronista de modas da B. B. C., estação oficial do governo inglês, e de outras estações de renome mundial, pela voz de sua cronista oficial de modas, foi muito cumprimentada pelo nosso mundo social por seus felizes e invulgares sucessos, quer no ambiente de educação técnico-profissional em sua escola, quer na da moda ditada no Brasil, pela qual Mme. Bastos, artista emérita, é a unica e absoluta responsavel.



AS CORRENTES DE PROMETEU

ANSELMO MACIEIRA



Revista
da
Semana

ERAMOS três — eu, um amigo e um relógio. Pela janela aberta entrava um pouco de vento e, de noite, entrava principalmente a idéia do silêncio e a sugestão do absoluto. Minutos luminosos no espaço, as estrelas integravam, em sucessão infinita, a própria eternidade. Percebíamos o Tempo, esse tempo maior do que as horas, flutuando no mar morto das sombras imoveis. Então ele falou:

— Ainda que o artista arranque das fogueiras interiores a centelha da musica perfeita, o silêncio será mais belo, o nada mais harmonioso. Todos os sons têm fronteiras, todas as melodias têm fim. Na ausência total é que reside o supremo repouso, o estado nirvanico das divinas participações.

— Buscar o silêncio é empreender uma fuga cósmica. E a fuga é uma covardia, uma atitude negativa. Lembra-te de que a vida não passa de uma competição atlética em que um abandono significa uma derrota.

— Não se trata de fuga nem de covardia. Gosto do silêncio porque representa um oceano de possibilidades, uma fonte de universos. Através dele atingimos os sagrados roteiros da conquista e da plenitude.

— Prefiro o movimento, o pandemonio de tempestades que o mundo nos oferece. A noite e o silêncio são as muralhas físicas da solidão humana. No seu pórtico, tal qual no inferno de Dante, está escrito: “deixai aqui toda esperança...”

— E que esperança teremos cá fóra, que luminosas perspectivas serão essas que tanto o arrebatarem? “Vida” é sinonimo de “Tempo”, ela só vale por esse tesouro que nos faculta. Necessário aproveitá-lo. Criar, construir algo, nem que seja nossa própria dor. Só adquirimos “consciência” de nós mesmos, só atingimos equilíbrio, quando percebemos nossa auto-atividade criadora. Quando sabemos que estamos reagindo às sugestões do sol e da terra, dos ventos e dos mares...

Com as mil solicitações do mundo, dispersão tremenda de energias a que estamos condenados, o mais que conseguimos é atordoar a nossa inquietude, é adiar as nossas crises. O primeiro problema do ser humano é o “problema do tempo”.

— Qual seria esse problema do tempo?

— Viver em intensidade o que a civilização nos tem obrigado a viver em horizontalidade. Em uma palavra: ser “dono” do tempo, possuir essa liberdade que a civilização, aos poucos, nos vem tirando. Que van-tagem existirá em construirmos arranha-céus cada vez mais altos, navios, aviões, em nos cercarmos de aparelhos elétricos, de bugigangas diversas, se tudo isso gera apenas a escravidão e o tédio? Aquela mesma “seca” de que se queixava o Jacinto? Preferível a vida

livre dos povos primitivos, o contacto eufórico da gleba e dos horizontes. A cidade é eminentemente fáustica. Ela é o simbolo da coletividade organizada, é a expressão pluralística, dentro da qual o homem se aniquilou. Da cidade nasceram a civilização e a guerra. Dai precisarmos abandoná-la, reencontrar no ermo das distancias o sentido do infinito e da solidão, para sermos, outra vez, felizes. Não devemos entender felicidade, na concepção burguesa e vulgar. Ela não se limita a essa mensagem efêmera dos nervos, que embriaga e empolga, deixando o vácuo depois que passa. Devemos concebê-la, antes de tudo, como um vir-a-ser contínuo, onde as emoções mais fortes sejam, justamente, a esperança e a luta. Dinamismo sem dispersão — eis a sua fórmula. Para realizá-la precisamos viver. “Vida” é a consciência plena dos atos criadores. E bem sabemos que o tempo e a vida são uma coisa só. Nenhum valor mais variavel do que o tempo. As crianças são dotadas de uma certa percepção do tempo, segundo a qual ele é mais longo do que o do adulto. Do mesmo modo, achamos que certos periodos da existência transcorrem muito mais rapidamente do que outros. A saudade é um “tempo” breve, os dramas intimos são relampagos que incendiam o nosso universo, onde o espaço, como em todos os universos, é sinonimo do tempo. O supremo ideal é a morte, a suprema ventura é o não-ser. Só então atingiremos o absoluto, estaremos “substancialmente” integrados no proprio tempo...

Contempla a cidade amortalhada de sombras. Considera que em cada um destes edificios de pedra e cimento, comprimem-se os corações angustiados. Amon-toa-se a legião dos aflitos. Que esperarão eles do amanhã? Que nostalgias sentirão do ontem? Prejudicando cada meditação, cada minuto de vida interior, existe um problema pessoal absorvendo o raciocinio e a imaginação. O cinema, o romance, a musica, fornecem estímulos mentais para prolongar a farça. Fico verdadeiramente indignado quando penso sobretudo isso... (sua mão fechada agitou-se numa vaga ameaça á cidade coberta de fosforescências e de promessas; os ossos pontudos do rosto brilharam á meia luz da lampada vermelha, notei uma intenção sinistra nos seus dentes esgarçados e nos seus olhos; em seguida tomou o relógio entre os dedos e arremeçou-o de encontro á noite).

— Que fizeste?

— Destruí um relógio, assim como destruirei todos os outros. Eles são as nossas algemas, as nossas correntes. E eu quero ser “dono” do tempo. Eu quero a libertação do homem! (Neste momento despedi-me, cheio de precauções).

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo,
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações da asma, como dispnéas, influências, defluxos, bronquites, catarrhos agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocação, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogarias
Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARGUINO

REVISTA MILITAR BRAZILEIRA

Recebemos e agradecemos o número 2 do vol. XXXIX do ano XXX da "Revista Militar Brasileira".

Corresponde ao período de Abril a Junho de 1942.



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Bríg. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

«NAÇÃO ARMADA»

Está á venda o número de Fevereiro de "Nação Armada", revista civil e militar.

Traz farta matéria, dedicando grande parte do espaço ao centenário de Taunay, figura que vem estudada sob todos os aspectos.

Agradecemos o número que nos foi enviado.



PRISÃO DO VENTRE?
PILULAS
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

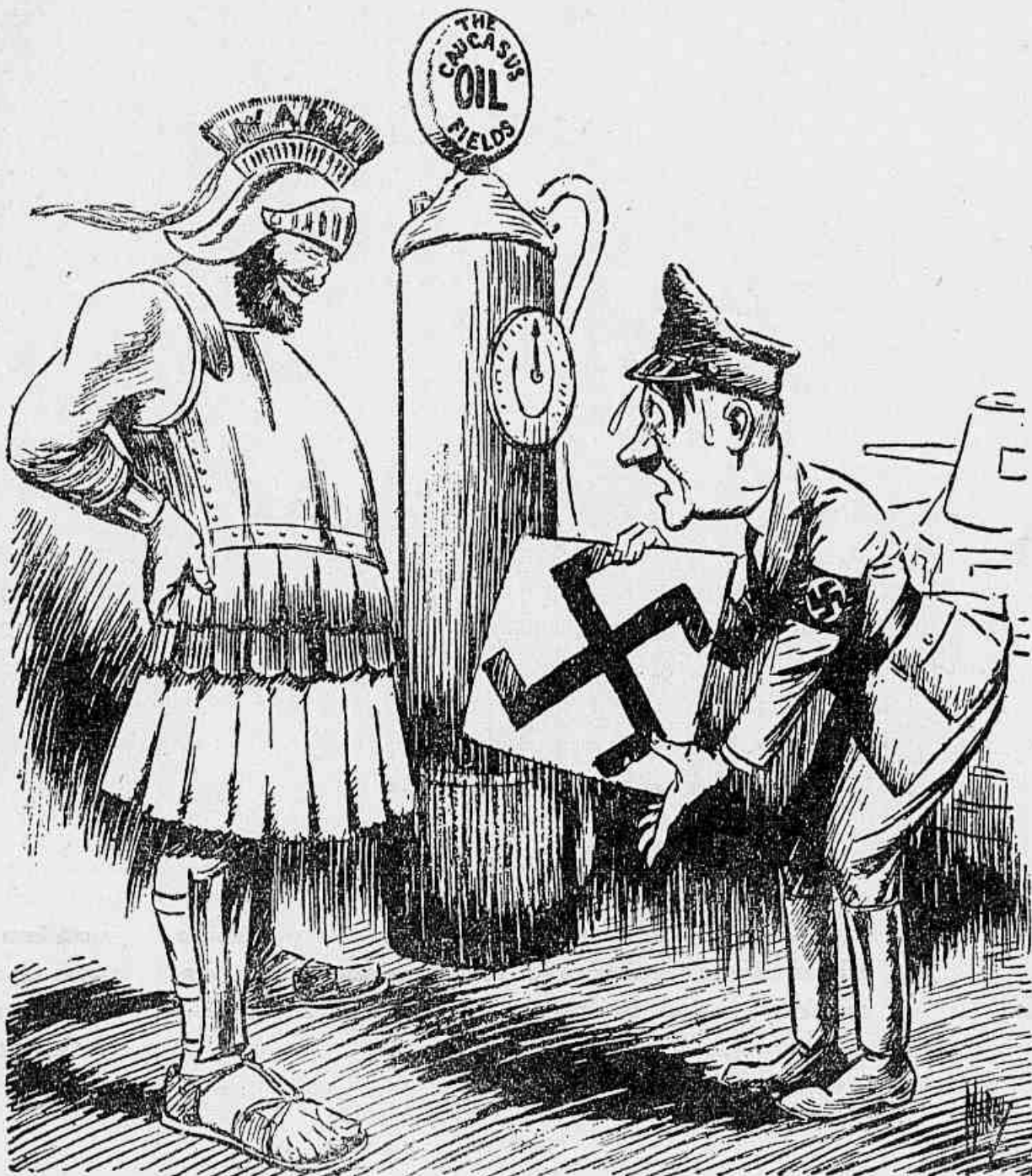
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

Outros riram...**O POSTO DE GASOLINA DO CAUCASO**

Um portador de cartão de racionamento atrapalhado com o fornecedor.
(The New York Times)

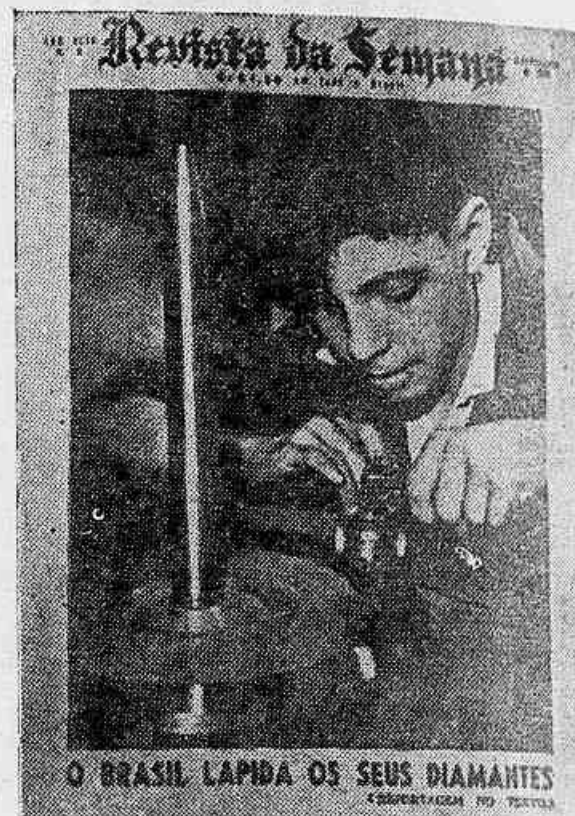


— Aquela criada que você teve o ano passado está agora comigo. Mas tranquilize-se: só acredito em metade do que ela diz de você.



— E de que marca deseja a porcelana?

— Da mais sólida. E' para presentear dois conjuges ainda moços... e que torcem por diferentes clubes de football.

A nossa capa

Integrando a série de fotos da nossa reportagem deste número, sobre a lapidação de diamantes brasileiros, feita no Brasil, por operários de nossa terra, vemos na capa da REVISTA desta semana um garoto de nada mais de quatorze anos, que já é um homem conciente de suas grandes responsabilidades na tarefa que lhe cabe, ao realizar uma das operações mais importantes do preparo dos nossos brilhantes de tanta beleza e brilho.

Esta figurinha de pouco menos de um metro de altura será amanhã com certeza um técnico consagrado e sabe Deus quantos milhões de cruzeiros não passarão pelas suas mãos, em pedras de cintilações maravilhosas, para levarem depois a todos os mercados do mundo o sinal rutilante das riquezas do solo brasileiro.

REVISTA DO CLUBE MILITAR

Recebemos e agradecemos o N.º 68 do ano XVI, da "Revista do Clube Militar". E' a edição referente a Novembro e Dezembro ultimos.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papais

BANKETS**Aviso aos Católicos**

Encontram-se nas trezentas páginas da preciosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 além de utilíssimos calendários, assuntos de interesse dos católicos, como: « Os animais na vida dos Santos e os Santos na vida dos animais » — « São Francisco de Assis, segundo um quadro pouco conhecido » — « A virgem da árvore » — « A cerimonia do fogo no sepulcro de Cristo » — « A Trappa e os trappistas » — « As festas religiosas do ano » — « Os dias santificados » etc. — e muitas outras informações oferecem ao mundo católico leitura útil e divertida.

O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, ao preço de oito cruzeiros. Pedidos á Redação: Maranguapé, 15 — RIO, pelo Correio, mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso.

O VAMPIRO

Conto do escritor tcheque

JAN NERUDA

Desembarcámos do vapor de recreio na ilha Prinkipo. Não éramos muitos: uma família poloneza, pai, mãe, filha, o noivo desta, e nós dois: o meu amigo e eu. Havia ainda um sujeito que se juntara a nós na ponte de madeira que liga as duas margens do Chifre de Ouro. Era moço ainda e provavelmente pintor, desenhista pelo menos, a julgar pela pasta que trazia debaixo do braço. Tinha cabelos negros e anelados, que lhe desciam até aos ombros, faces pálidas, olhos pretos, profundamente cravados nas órbitas. A princípio interessei-me por ele, devido principalmente ao desejo que mostrava de nos prestar serviços e ao conhecimento que tinha daqueles lugares. Como, porém, era confiado e palrador, logo tratei de me afastar dele.

Com a família poloneza é que simpatizei deveras. Os pais eram evidentemente pessoas de bem, o noivo da moça um rapaz elegante, de maneiras educadas. Iam passar os mezes de verão em Prinkipo, por causa da moça que andava doente. Realmente, tudo na criaturinha acusava uma enfermidade melindrosa. Falava em voz baixa e não muito tempo seguido, porque uma tossezinha seca a interrompia. A cada acesso, ligeiro embora, o noivo se impressionava, queria acudir. Ela, porém, erguia os olhos para ele com uma tristeza conformada, doce, como se lhe quizesse dizer:

— Não é nada. Sinto-me bem. E estou contente assim.

Ambos acreditavam na saúde e na felicidade.

A conselho do artista, que no cais se separara de nós, a família instalou-se no hotel, situado ao alto do panorama. O hoteleiro era francês e em tudo o estabelecimento observava o conforto e o gosto franceses.

Almoçámos juntos. Tendo declinado o calor acabrunhante do meio dia, subimos até ao pinheiral, para gosar a frescura da aragem e a vista soberba que dali se descortina. Mal escolhêramos o lugar mais conveniente para tal repouso, reapareceu-nos o homem da pasta. Cumprimentou ligeiramente, deitou um olhar em volta, foi se sentar a alguns passos de nós. Depois, começou a desenhar.

— Parece que o homenzinho se sentou perto do rochedo para vermos o trabalho que ele ia fazer... observei aos companheiros.

— Não precisamos disso... respondeu o noivo da moça — Para beleza nos basta a que temos diante de nós. — E, passado um momento, acrescentou: — Talvez ele nos aproveite para pôr algumas figuras na paisagem... Mas que importa?

Com efeito, não nos faltava que admirar. Não há no mundo paragem mais formosa do que essa ilha de Prinkipo. Irene, mártir política do tempo de Carlos Magno, ali viveu um mês, exilada. Se eu lá pudesse passar um mês inteiro, creio que ficaria feliz para o resto da vida. E o dia único que lá estive nunca o esquecerei.

O ar estava duma claridade de diamante e tão suave, tão meigo que a alma da gente se sentia embalada, acariciada. A' direita, do outro lado do mar, avistavam-se as elevações cinzentas da Ásia; à esquerda e muito ao longe, divisava-se a costa escarpada da Europa. E ali bem perto, Halki, uma das nove ilhas do arquipélago, erguia-se, com as suas florestas de ciprestes como um sonho triste contra o tom de safira do horizonte.

A água do mar de Mármara, levemente ondeada, espelhava todas as cores, como se fora uma opala imensa. Ao longe, parecia alvo como leite; para cá, entre duas ilhas, duma cambiante alaranjada; e por baixo de nós, dum verde escuro e um tanto azulado, misto de safira e de esmeralda. O mar estava deserto, solitário na sua beleza. Não se avistavam grandes navios. Apenas duas embarcações com bandeira inglesa deslizavam rente à costa, uma delas, vapor minúsculo, a outra guarnecida

por uma dúzia de remadores. Cada vez que os remos se erguiam em cadência, a água escorria, semelhante a prata derretida. E pelas alturas apareciam, de vez em quando, águias tranquilas, pairando como se medissem o espaço entre as duas partes do mundo.

Abaixo de nós, toda a vertente se cobria de roseiras floridas, cujo aroma perpassava, muito leve, no ar. E a música do café situado à beira-mar subia através do ar puro, amortecida pela distância.

A impressão era de verdadeiro encanto. Estávamos calados, deixando todo o nosso ser absorver-se no quadro paradisíaco. Deitada na relva, a jovem polonesa apoiava a cabeça ao peito do namorado. O oval desmaiado do seu rosto adquirira um pouco de frescura; e subitamente os olhos azues se lhe encheram de lágrimas. O rapaz compreendeu, curvou-se para ela e com dois beijos enxugou as duas pérolas de pranto. A mãe desatou também a chorar; e eu próprio me sentia extranhamente comovido...

— Isto deve fazer bem ao corpo e ao espírito... murmurou a noiva. — Que lugar venturoso!

— Deus é testemunha de que não tenho inimigos... disse o pai, numa voz que vibrava de emoção — mas, se os tivesse, daqui lhes perdoaria, a todos.

Calámo-nos de novo. Tudo era tão belo, inspirava tanta ternura... Cada qual sentia em si um mundo de felicidade e desejaria reparti-lo com toda a gente. Em todos nós reinava o mesmo sentimento; não perturbar o enlevo ditoso dos companheiros. Mal tínhamos reparado quando o pintor fechara a pasta, se despedira. Estávamos realmente sós.

Ao cabo de algumas horas, quando o horizonte se tingia dum violeta escuro, impregnado de melancolia, a senhora polonesa chamou-nos à realidade, lembrando-nos que eram horas de voltar para o hotel. Descemos, caminhando ligeira e alegremente, como crianças. Fomo-nos sentar na bela varanda do hotel. E mal nos instaláramos, ouvimos, por baixo da varanda, vozes exaltadas, injúrias.

Era o nosso artista que se desaviava com o hoteleiro. Achámos interessante escutar a altercação. Não durou, porém, muito o nosso divertimento.

— Se não estivessem aqui outros hóspedes, eu sei o que faria! rabujava agora o hoteleiro, subindo a escada na nossa direção.

— Faz favor? disse-lhe eu, cheio de curiosidade — Quem é esse homem?

— Como se chama ele? perguntou o joven polonês.

— O nome certo não sei... resmungou o homem, deitando ainda um olhar rancoroso para o fundo da escada. — Aquí todos lhe chamamos o vampiro.

— Pareceu-nos pintor...

— Sim, mas... Boa pintura, a dele! Só faz defuntos. E àqueles que vão morrer, representa-os já mortos. Assim, quando em Constantinopla falece alguma pessoa mais conhecida, o retrato está já pronto. E não se engana nunca, o patife!

A velha dama poloneza soltou um grito de horror. Apertava nos braços a filha, pálida como a cera e quasi desmaiando.

O noivo descera precipitadamente a escada. Com uma das mãos "abotoava" o desenhista, com a outra tentava apoderar-se da pasta. Descemos nós também. Os dois tinham se engalfinhado, rolavam na areia. As folhas de desenho espalhavam-se pelo chão. E numa delas via-se, a crayon, a cabeça da jovem poloneza, de olhos fechados e coroada de açucenas.



- Como prendi um aviador!...

NO INÍCIO
LUTEI
CONTRA
UM FORTE
INIMIGO...

— V. JÁ NOTOU, SEMPRE
QUE VENHO AO CAMPO,
PAULO SE AFASTA DE MIM?

— DESCULPE, DULCE, MAS
O MÁU HALITO DESTRÓE
O AMOR. PORQUE NÃO
CONSULTA O DENTISTA?

DULCE CONSULTA O DENTISTA

— GERALMENTE O MÁU
HALITO PROVÉM DAS
PARTÍCULAS DE ALI-
MENTO QUE FICAM
ENTRE OS DENTES. EU
RECOMENDO COLGATE
PORQUE REMOVE ES-
TAS PARTÍCULAS E ELI-
MINA O MÁU HALITO.

DEPOIS... GRACAS A COLGATE

— DULCE, ENTRE-
GO-ME INCONDI-
CIONALMENTE.

— ENTÃO, ESTEJA
PRESO PARA O
RESTO DA VIDA!

VOCE PODE TER MAU HALITO SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau halito, dos dentes embaçados e amarelos, das gengivas moles e das cáries dolorosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e saudáveis e o hálito perfumado. Comece a usar Colgate hoje mesmo.

3 TAMANHOS



Tamanho Gigante
DUPLA ECONOMIA
Especial para Famílias

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píbulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píbulas Carter. Não existe outro produto. Preço: 36000.

MANUFATURAS DE MADEIRA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS ANOS

Quando começou a guerra, a exportação que fazia o Brasil de artefatos de madeira não ia além de mil e quinhentos contos, quase exclusivamente de cabos de vassoura.

Em 1940, entretanto, logramos aumentar consideravelmente os embarques dessas manufaturas para o exterior, sobretudo de caixas de sarmadas. Nesse ano, as remessas de madeira manufaturada elevaram-se a 10 mil contos, com preponderância das aludidas caixas, das quais, só a União Sul-Africana, importou quantidade equivalente a 6.500 contos de réis.

No ano findo cresceram mais esses negócios, que atingiram aproximadamente quatorze mil contos, cabendo ainda o maior peso às caixas de madeira, das quais continuou como principal comprador a referida possessão inglesa, cujas aquisições totalizaram 10.000 contos. Dentre outros adquirentes contam-se o Uruguai e Moçambique, porém, com cerca de 600 contos cada. Ainda no citado exercício a exportação de cabos de vassoura se elevou a mil e seiscentos contos, tendo a participação da Argentina sido de 90%, como aliás já acontecera em 1939 e 1940.

As vendas de outras manufaturas consistiram de mobílias, tacos e ladrilhos, objetos de adorno e objetos não especificados. Todas elas assinalaram melhoria em relação a 1940, exceto os tacos e ladrilhos que, em consequência da falta de transporte, declinaram de 150 contos em 1940 para 10 contos em 1941, isto é, o mesmo valor dos embarques realizados em 1939. Há ainda a assinalar que as remessas desses tacos foram feitas no ano passado só para a Argentina, que os comprou pela primeira vez. Em 1939, haviam sido seus importadores a Grã-Bretanha, o Moçambique, a União Sul-Africana. Esta última absorveu a quase totalidade das remessas de 1940 porquanto o outro consignatário, a Bolívia, fez uma importação de apenas 450 contos de réis.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutia.

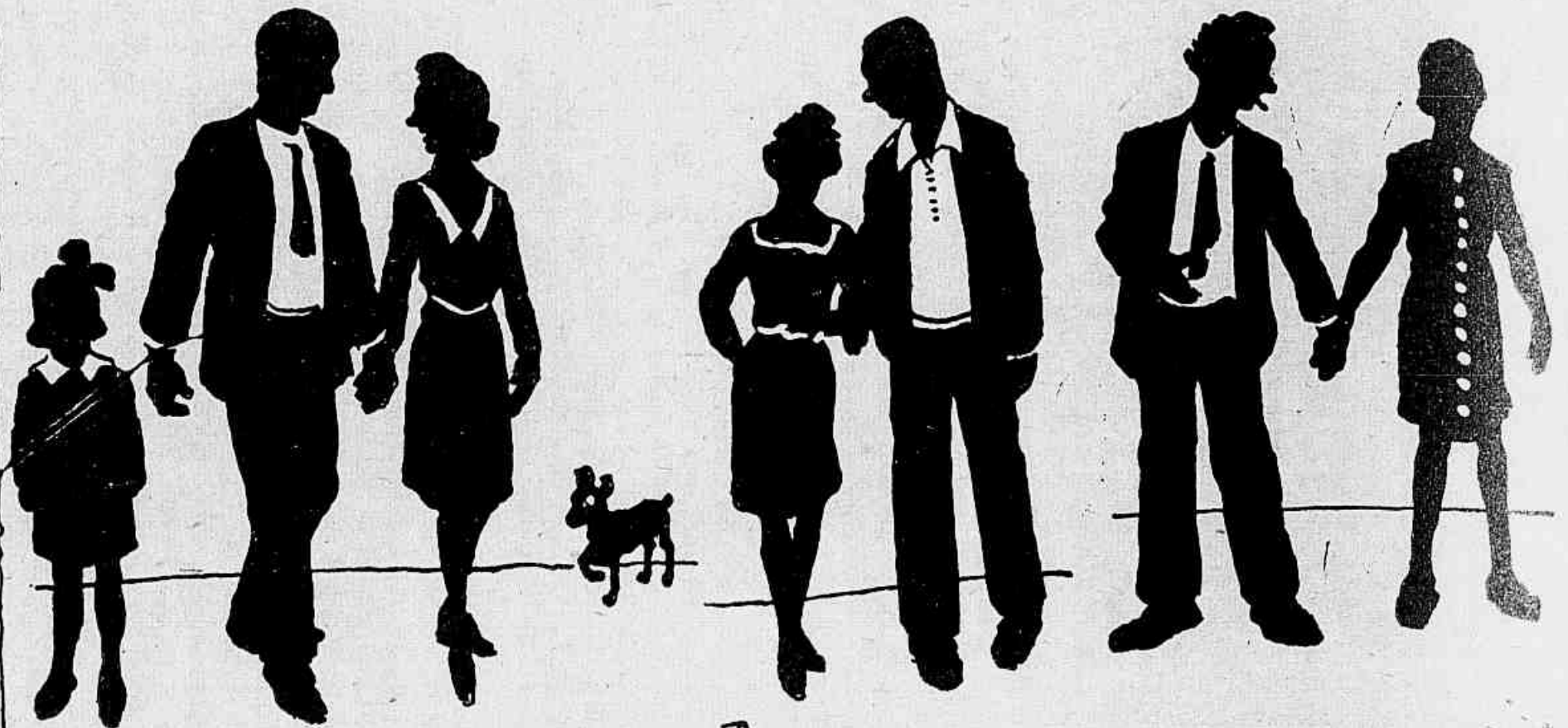
Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutia ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Os Idílios á noilínha...



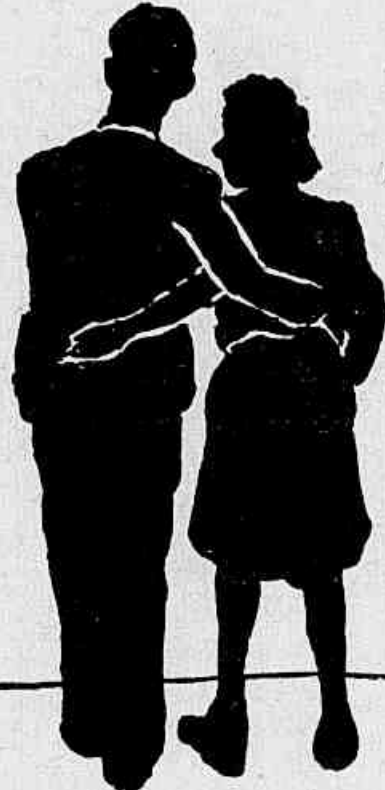
Com sentinela á vista.

De braço dado.

Distanciado.



Cinturado.



Braços cruzados.



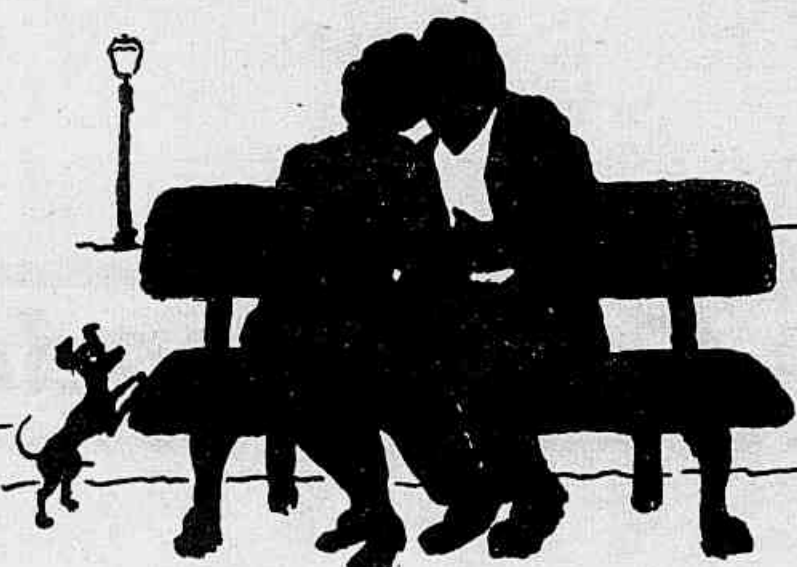
Hombreado.



Tímido.



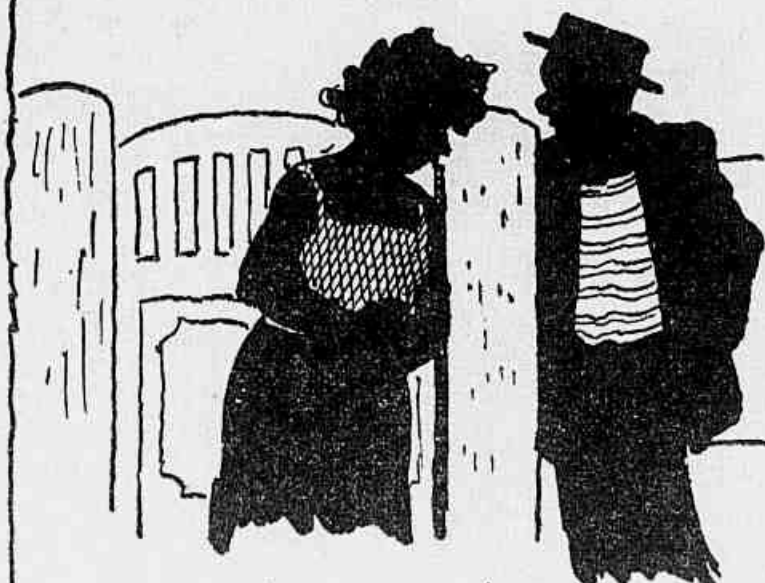
Murado



Abancado



Grudado.



Discreto



Em perspectiva...

A SEMANA EM REVISTA



SO' COM LICENÇA DA POLICIA - E' interessante observar que a mulher não conseguiu até hoje, de um modo definitivo, conquistar o direito que parecia, a principio, ser o mais simples de todos. Possivelmente ela mesma é a primeira a não desejar tal coisa, em virtude do prejuizo certo que sobreviria. Trata-se da questão do traje. E por uma singular coincidência a informação vem de Paris - terra de onde as mulheres, antigamente, ditavam modas ao mundo. Sim, senhores, são deste tipo as unicas noticias procedentes da França. Acrescenta o despacho que só mediante licença da policia as senhoras podem trajar-se "à homem". Pobres damas - como devem sentir nostalgia da liberdade!

15ª ARMA... - O aparecimento de novas armas tem sido de tal maneira frequente que poderemos confessar a impossibilidade de classificá-las convenientemente. Já se disse que a imprensa é a sexta arma, que a "mistica" é a sétima. Chamaremos a 15ª esta a que se refere a presente nota. E' que várias atrizes cinematográficas, entre as quais Carole Landis, Kay Francis, Mitzi Maytair e Martha Ray estão na Africa do Norte dando espetáculos para os soldados aliados. Sem duvida, manter o bom humor da tropa com espetáculos recreativos é uma ótima técnica, no sentido de zelar pela sua eficiencia. Futuramente os exercitos contarão entre suas unidades, grupos de teatro. Aí, como em outras numerosas iniciativas o americano está sendo um precursor.



ENTRE ESCRITORES E CAVALOS - Os livreiros levam existências curiosas. Lidando com livros, entre intelectuais, acabam assimilando um pouco desses textos e imitando um pouco esses letrados. Muitos terminam escrevendo, embora fiquem prudentemente nos simples artigos de jornal. Outros orgulham-se de possuir *faro*, de descobrir novos valores e lançá-los. De qualquer maneira exercem um papel na vida literária do país e não seria exagero dizer que aos editores inteligentes muito devem a riqueza e o brilho de uma literatura.



Comemorou 55 anos de atividades comerciais o sr. José Fernandes de Matos, proprietario da Livraria Quaresma. Durante esse longo tempo foi amigo, entre outros, de Machado de Assis, Bilac, Emilio de Menezes, Alberto de Oliveira. Assistiu com entusiasmo à Abolição e à Republica. Paralelamente a isso, sempre foi entusiasta do hipismo. Um amigo dos cavalos. Frequentou assiduamente o Derby e as rodas boênas da Pascoal, nos velhos tempos. De onde se lembrará mais?

PREÇO DA GUERRA - O século XX tem ultrapassado os anteriores em quasi tudo. Os maiores celeiros dos impérios antigos nada representam em face dos ciclôpicos armazens de viveres das nações modernas. E as formidaveis metrópoles ultrapassaram as vetustas babilônias; no plano científico, a química moderna faria corar de vergonha um daqueles tímidos alquimistas medievais. Mas o assunto para o qual desejamos chamar a atenção aqui é o preço da guerra mantida pela Inglaterra. Custa a insignificancia de quatorze milhões de libras, diariamente. E para atender às despesas, dentro de um futuro imediato, foi aberto um crédito de um bilhão e novecentos milhões de libras esterlinas! Agora perguntamos: que guerra, que empresa teria custado algum dia tão monstruosa soma?



ONDE OS HOMENS SÃO IGUAIS - Nada menos humano do que um chefe nazista. Não tanto pela morfologia, mas pelos hábitos, pela moral, pelas idéias. Principalmente Goering, cuja expressão grotesca revive, no século XX, a hediondez clássica de um bárbaro. Contam-se deste homem detalhes verdadeiramente inacreditáveis, relativos a seus caprichos; antes da guerra entregava-se a divertimentos que em nada ficariam a dever aos folguedos de um Cesar. Pois é este monstro que agora procura enriquecer suas coleções de obras de arte, á custa do patrimônio dos países ocupados. Aliás, há bem pouco tempo disseram que Hitler andava apaixonado pela Mona Lisa, cujo retrato incomparável, pilhado do Louvre, namorava horas a fio. Talvez o caricato marechal esteja apenas imitando o seu chefe. O fato é que Vichi lhe fez a entrega de um quadro - "O cordeiro místico" - de Hubert e Jan Eyck. Que fará, com a figura de um cordeiro em casa, esse sujeito que tanto admira os lobos, a ponto de tentar imitá-los?



Cordeiro místico - de Hubert e Jan Eyck. Que fará, com a figura de um cordeiro em casa, esse sujeito que tanto admira os lobos, a ponto de tentar imitá-los?

UM GRANDE PORCO - "Lisboa - Foi vendido pelo preço de cinco mil cruzeiros, na feira de Pocariça, um porco com dois metros de comprimento e que pesava trezentos quilos". Tal novidade vinda da Europa, nestes tempos, é, na realidade, surpreendente. Várias interrogações veem á tona. Como o bicho conseguiu engordar tanto; como atingiu esse comprimento? O acontecimento demonstra que não existem impossíveis. Em plena Europa conflagrada um porco ainda pôde fazer uma brilhante carreira. Póde chegar a ser o "mais" porco.



FLAVIO

PILULAS DE FOSTER
Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinárias e no tratamento da uricemia e suas manifestações.

IRREGULARIDADES DA BEXIGA



PARA OS RINS
E A BEXIGA

Si seu sono ou seu trabalho são interrompidos frequentemente por irregularidades da bexiga, si o liquido é escasso, queimante, de cor carregada ou contém sedimento, não ha dúvida que seus rins estão necessitando de urgente atenção. Estão funcionando mal e se isso continua por mais tempo, graves e penosas enfermidades poderão resultar. Ajude aos seus rins com as PILULAS DE FOSTER, para que eles possam filtrar com eficiencia os venenos do sangue. As PILULAS DE FOSTER têm uma longa tradição de alívios aos que sofrem dos RINS e da BEXIGA.

PILULAS de FOSTER

Anuncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 206 em 2-4-41

ALMANAQUE EU SEI TUDO

O livro dos Mil Assuntos

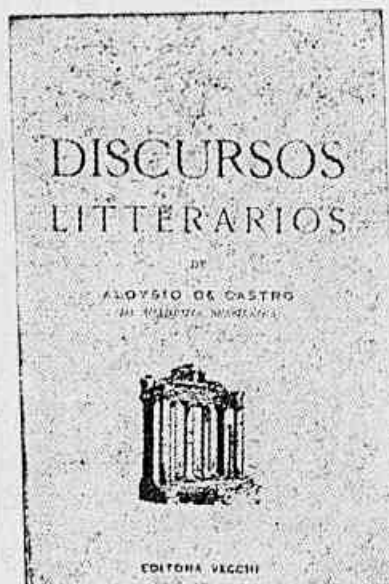
Para adultos e crianças, o **ALMANAQUE** apresenta varias sortes de cartas, jogos de paciência, sombrinhas chinesas, passatempos varios e interessantissimos.

Entre outros assuntos, merecem citação os seguintes: **A falsificação dos selos postais, Proverbios de todos os povos, Palavras estrangeiras de emprego frequente, As mulheres na vida de Balzac, Quando os soberanos abdicam, Creações artisticas de ha 3.000 anos, Começos dificeis de homens célebres, Quadro comparativo dos termômetros, Os remedios caseiros, "Carlos Magno e o abade de St. Gall, e inumeraveis outros.**

Os assuntos brasileiros são tratados amplamente. Rodovias, veículos, diversões, bibliotecas, telégrafos, correios, produção vegetal — com dados comparativos — surgem de par com artigos sobre **Os Símbolos Nacionais, A nobiliarquia brasileira nos logradouros cariocas, Cruzeiro, — a nova moeda;** etc.

EIS POR QUE SE PODE DIZER, COM ACERTO, QUE O **ALMANAQUE EU SEI TUDO** É O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS
PREÇO: 8 CRUZEIROS. Pedidos mediante vale do Correio ou pelo reembolso postal à redação: Maranguape 15, Rio. À venda nas livrarias e pontos de jornais.

DISCURSOS LITERARIOS, de Aloysio de Castro — Rio de Janeiro, 1942.



"Sempre prezamos em mais o que dizemos ou escrevemos na esperança de que nos viva no tempo. Mas os pensamentos tem seu destino, que nem sempre de antemão deciframos; e, às vezes, acontece durar mais do que pudera crer-se o que se compoz só para um dia ou para um minuto. Se assim for com o que se diz nestes discursos, até aqui dispersos em várias publicações ou na imprensa, será porque neles fala a saudade de evocações e na apolo-gia de grandes nomes se defendem conceitos cuja atualidade persiste.

Por terem sido pronunciados, em sua maioria, na Academia Brasileira de Letras, levam estes discursos o título de literários, sem que haja nisto intuito de lhes atribuir mérito de tal gênero.

Assim diz o sr. Aloysio de Castro em nota liminar do seu volume. Apenas o ultimo período nos parece impróprio ou descabido, porque não devia ser "Discursos literários" o título do livro e sim "Discursos academicos". Eis a qualificação apropriada legítima. E o quarto de página que acabamos de transcrever bastaria para dar prova disso.

Dalgum modo se pode definir o sr. Aloysio de Castro um escritor ou um orador doutro tempo. São poucos realmente os que, como ele, resistem à corrente do desprezo da linguagem e do abandono do estilo. Cada vez se preza menos a beleza clássica. Grande parte dos escritores modernos a consideram coisa passada e para se esquecer. Uma vez conseguindo exprimir o que desejamos — argumentam eles — para que requintes de elegância ou preocupações de pureza? Não consideram que o poder de expressão tanto depende da ideia quanto do verbo. E, em verdade, sempre as duas coisas se correspondem. Alto conceito, nobre frase; forma incorreta, pensamento aleijado. Não ha exceção.

Orando ou escrevendo, o sr. Aloysio de Castro é um poeta e um artista. Os documentos mais singelos da sua pena trazem aquela graça e aquele apuro. Quem o ouve falar de improviso imediatamente observa a ditosa relação estabelecida e sempre mantida entre a sua inteligência ou o seu sentimento e o cuidado que vem dum essencial bom gosto. E não esqueçamos que, sendo ainda musicista de intensa cultura e compositor de fina inspiração, este homem de letras dispõe assim de mais um privilégio para sentir e realizar a harmonia.

OS INTERESSES DA COMPANHIA, romance de Gilberto Amado — Rio de Janeiro, 1943.



O sr. Gilberto Amado, que sempre foi um escritor dotado de extraordinário poder de apreensão, assimilação e síntese, tornou-se no romance um observador demorado e um analista dos mais metuculosos. Como os que trabalham principalmente para si próprios, pouco lhes importando o efeito a produzir na inteligência ou na emotividade alheia, o autor dos *Interesses da Companhia* se entrega ao prazer que a minúcia lhe oferece e a prolixidade mesma não deixa do lhe proporcionar. Enleva-se na procura e no exame do pormenor. Esquece-se no gozo de tirar dos pequeninos assuntos e dos aspectos mais efêmeros matéria para longos parágrafos e páginas inteiras. Não ousaremos, porém, apontar nessa condição da sua obra um erro grave ou sequer um inconveniente. Em verdade, a sua descritiva se estende, não raro, exageradamente; não é, porém, menos exato que nunca nos dá a sensação da fadiga. Pelo menos nós, pessoalmente, nunca, por estas trezentas e tantas páginas

além, tivemos vontade de saltar, passar adiante. Diremos mais: ao chegar ao fim do romance, não nos assustaria, nem de modo algum nos desagradaria saber que havia um segundo volume. Por que, portanto, falar, com intenção depreciativa em desproporção ou desmedimento? Não disse tão eloquentemente o mestre francês que só havia um mau gênero literário: o enfadonho?

Dá-se neste romance um jogo extremamente curioso de tendências e de hereditiedades. O protagonista, criador único e diretor em caráter, por assim dizer, absoluto da companhia de seguros *União e Vida*, vive em corpo e alma dentro dessa empresa. Orgulha-se do seu funcionamento primoroso, da sua reputação, da sua prosperidade. Com o correr do tempo chega a isolar-se dentro daquela preocupação. E não compreende que à opulência e ao esplendor da *União e Vida* alguém possa ficar indiferente — as pessoas estranhas mesmas, quanto mais criaturas da sua intimidade e até do seu sangue! Depois se vê que a lei do sangue não falha tanto, neste caso, como a princípio

parece... E todas as figuras estão compostas com expressão e revelo superiores. Todas, desde o primeiro momento, vivem aos nossos olhos, eloquentemente. Decoramos-lhes as feições, fixamos-lhes os sentimentos. Para no-las tornar bem conhecidas, recorre o autor, por vezes, a frases ou palavras dum realismo que nós, consultados a tempo, de bom grado dispensaríamos... A isso o obriga o cuidado extremo do exato, do rigoroso. O sr. Gilberto Amado não perde ensejo algum de acentuar e especializar. A propósito da técnica do seguro, nos desenvolve um cálculo, com todos as letras indicativas, todos os algarismos, todas as frações, para nos dar, conforme ordena o presidente implacável, "o resultado sem zillmeratura, com zillmeratura parcial e com zillmeratura total" Tudo isso, porém, repetimos, se impõe, durante a leitura, à nossa atenção, ao nosso respeito. E nem por um momento os *Interesses da Companhia* deixaram... de nos interessar.

POESIAS (1.ª série) de Narciso Araujo — Rio de Janeiro, 1942.

Este livro valeu ao autor o título de Príncipe dos Poetas Capichabas. Título duplamente oficial: porque resultou duma eleição cujos votantes haviam sido as figuras mais altamente representativas da inteligência e da cultura espiritosantenses e porque os Poderes Publicos o sancionaram e honraram, destinando-lhe o prêmio Virgílio Vidigal, oferecido pelo major Punaro Bley, ex-Interventor Federal. Não pode realmente haver coroa mais legítima. Pelo menos entre as coroas de louros.

Quanto ao caráter administrativo da consagração, ainda uma circunstância, além do talento e da obra realizada, a justifica superiormente. O sr. Narciso Araujo tem o apego e a paixão da sua terra. Aconselhado por amigos, além de sinceros, poderosos, a vir para o Rio, onde as suas faculdades e seu esforço encontrariam o campo necessário para a sua plena expansão; chamado repetidamente com promessas mais ou menos tentadoras, recusou-se sempre a abandonar o Espírito Santo, alegando razões excelentes, tais como o propósito brioso de regularizar negócios em que seu pai não fôra feliz, mas de certo porque lhe custava, acima de tudo, deixar o torrão natal; porque fôra dali não compreendia a felicidade nem a propria vida. Ao que se esclarece num prefácio, o sr. Narciso Araujo passou, há certo tempo, a esquecer-se de Apolo e das nove musas, para se entregar às "chamadas ciências metapsíquicas", nas quais o seu êxito não parece ter sido compensador, pois que naquela mesma referência se inclui o advérbio "infelizmente". Emlim, nem tudo se perdeu. Graças à nobre iniciativa da *Tribuna-Suplemento* ou dos seus redatores, srs. João Calazans e Eugênio Sette, eis o poeta glorificado na sua terra natal e os seus melhores versos, graças ainda ao apoio da Interventoria, reunidos em volume.

O livro, dividido em duas partes, abrange nada menos de trinta anos de poesia: 1900 a 1930. Trata-se, está visto, duma seleção. São quasi sempre versos de amor. Na composição inicial, o poeta se define, fazendo resumo da sua existência enlevada,

MOVIMENTO

apaixonada. Levando pelo braço a criatura eleita, passa, sem fazer caso dos que ex-tranhem aquela espécie de separação ou afastamento do resto do mundo. E o poemeto, de intenso e comunicativo sentimento lírico, assim termina:

Eles não sabem que um amor tranquilo sabe ser nobre pelos sofrimentos, sem que os labios precisem desse estilo, feito de desespero e de tormentos.

Sabemos ver a vida e o seu cortejo de desgostos, de tédio e desenganos; mas sabemos também que há um lampejo que espanca a treva aos corações humanos.

Essa esperança, que nas almas arde, não nos há de vedar de irmos sózinhos, entre beijos e olhares, pela tarde, ver a volta dos pássaros aos ninhos.

E nós, que temos tantas esperanças, cantaremos por vales ou escolhos; eu — com os olhos vagando em tuas tranças, tu — com os olhos perdidos nos meus olhos.

MAMBEMBADAS, anedotas de Olavo de Barros — Rio de Janeiro, 1942.



Não há mal nenhum em encontrarmos, entre as leituras mais ou menos profundas que exigem o esforço de acompanhar, relacionar, concluir, comentar, um volume simplesmente destinado a fazer-nos sorrir. Não ha mal nenhum e há certamente algum bem. Estes livros despreocupados, um tanto estouvados, repousam a gente do trabalho de considerar e julgar os outros. Não nos reclamam, a bem dizer coisa alguma. E assim, é desinteressada, generosamente que se prestam a fazer -nos um pouco de companhia. As *Mambembadas* do sr. Olavo de Barros pertencem a essa categoria despretentenciosa e amavel. Pela condição fragmentada, avulsa, o volume nos convida a percorrer-lhe as páginas até ao fim. Podemos lê-lo duma vez, pois é bastante cativante para isso, ou dar-lhe, de quando em quando, uns minutos, na certeza de que serão agradavelmente empregados. Nem todas estas anedotas nos chegam em primeira mão, quer dizer: nem todas o sr. Barros presenciou ou ouviu, colhendo-as no momento mesmo de surgirem no teatro brasileiro. Algumas já existiam, até antes de ele nascer.

Outras, clássicas ou modernas, vieram do repertório francês, espanhol ou italiano. Mas o nosso artista as aplica engenhosamente, as conta com a leveza e a desenvoltura que o gênero requer. E é quanto basta.

J. L.

ENSAIO DE SOCIOLOGIA RURAL BRASILEIRA por Vasconcelos Torres — A. Coelho Branco Filho — Rio — 1943.

A palavra *sociologia* ainda é aplicada entre nós, inescrupulosamente, para designar quaisquer observações relativas à vida social, mesmo que não passem de um mero jornalismo, de uma crônica descritiva, feita à revelia dos métodos científicos.

Como a física, a química, a astronomia, a sociologia tem um objeto — o social. Cuidando dele, o estudioso não pode, absolutamente, alimentar idéas pre-estabelecidas, adotar sistemas *a priori*, estabelecer teses como pontos de partida. Imparcialidade é apanágio do cientista.

O sr. Vasconcelos Torres é um desses pesquisadores perfeitamente identificados com o *espírito novo* que hoje preside aos estudos sociológicos. Tem o senso da objetividade e o da honestidade. O presente volume representa, pois, mais uma valiosa contribuição ao conhecimento da vida rural brasileira.

Particularizando as observações à lavoura canavieira, analisa, com muito acerto, o divórcio entre o proprietário da terra e o seu cultivador, após o advento da usina. Ocupa-se, também, de vários outros aspectos da vida rural (alimentação, educação, religião), encerrando nos sete capítulos em que se divide o trabalho preciosas informações sobre a gente sertaneja do Brasil.

Trazendo expressiva documentação fotográfica, o livro ostenta um belo prefácio de Oliveira Viana. É uma obra útil na estante dos estudiosos dos problemas nacionais.

A. M.

Custam apenas oito cruzeiros

Custam oito cruzeiros, no Rio ou nos Estados, as trezentas páginas do "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1943.

Mediante o gasto de tão insignificante quantia, v.s. possuirá um livro interessantíssimo porque além de guia seguro para o Ano Novo, é o « Almanaque » um manancial de leituras que instruem e educam. Muitos assuntos ilustrados, gran-

de parte a cores, dão beleza invulgar à edição em apreço.

De posse de um "Almanaque" não lhe faltará distração em casa, em viagem, á noite, aos domingos e feriados.

São quasi tantas páginas quantos são os dias do ano.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" — para 1943 está á venda em toda parte, no Rio e nos Estados. Pode ser adquirido diretamente na redação, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio.

Rua Maranguape, 15 — Rio — Distrito Federal.

DURMA

feliz e com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Seção dirigida por GILBERT DE PARIS
DECORAÇÕES:

LITERÁRIO

A vida anedotica e pitoresca dos grandes escritores

A 21 de fevereiro de 1920, completando Coelho Netto 55 anos de idade, "A Folha" de Medeiros e Albuquerque, mandou entrevistá-lo a respeito de sua carreira literária. As respostas do grande escritor são interessantes:

— "A minha primeira publicação data de 1880 a 1881, si não me falha a memória... Era um soneto "No Egypto", que publiquei nos "A pedido", do "Jornal do Commercio"... Em seguida mandei para a "Gazetinha", sob a direção de Favilho Nunes, dois contos, um dos quais se intitulava "Marocas"... Arthur Azevedo, que fazia então o "Correio" desse jornal, passou-me uma descomponendazinha. Disse lá que o autor de tal "Marocas" deveria procurar outro ofício. Aquilo doeu-me no intimo. Fiquei tristissimo, mas não desanimei. No meu isolamento comecei a trabalhar num poema épico "Guana-bara" de que não sei por onde andam os originaes. Ao mesmo tempo, escrevia tambem uma peça para teatro, uma opereta "A prophesia"... Tudo, porém, ficou sem publicação. Em 1883 fui para São Paulo e lá encontrei Raul Pompeia, meu companheiro literario, com quem comecei a escrever. Entrando na Academia de Direito, lá fui companheiro de Raymundo Correia, Valentim Magalhães e Augusto de Lima, naquela vida boemia de então, sob a impressão ainda dos versos de Alvares de Azevedo... Varios jornais academicos saiam mensalmente, combatendo pelas ideias abolicionistas. Em "A Onda" colaborei ao lado de Rivadavia Correia, Muniz Barreto, Gomes Cardim e Nelson Tobias. Depois fundei "O Meridiano" de que saíram quatro numeros apenas. As ideias combativas do tempo levavam-nos á tribuna, que ocupei por varias vezes, em discursos incendiarios pró abolicionismo...

Em outubro desse ano embarquei para Recife, onde fui prestar exame do meu primeiro ano de direito. Na luminosa capital nortista colaborei em "A Folha do Norte", de Martins Junior... Pairava sobre todos nós a figura inolvidavel de Tobias, de quem fui intimo...

Sigamos. Voltei a S. Paulo em 84 onde, com fervor, tentei os primeiros contos, os artigos de polémica, e senti as primeiras manifestações exercidas no meu espirito por Maupassant. Foi para mim o periodo mais fecundo de leitura ao lado de Pompeia, que era um devorador de livros classicos...

Só em 85 vim para o Rio, onde, a convite de Patrocinio, me fixei, entrando a fundo na campanha abolicionista, com prejuizo da minha carta de bacharel. Aqui, morando com Aluizio de Azevedo, comecei as minhas primeiras tentativas de romance, trabalhando ativamente na "Gazeta da Tarde", em obra jornalística... Na "Vida Moderna", de Luiz Murat e A. Azevedo, comecei a colaborar, publicando os "Contos", com o pseudonimo de Charles Rouget. Diriji "O Dia" e o "Diario Illustrado". Trabalhei no "Novidades", com Alcindo Guanabara; na "Gazeta de Noticias", no "O Paiz", no "Diario de Noticias", com Ruy Barboza. Rediji "O Meio", com Pardal Mallet e Paula Ney. Mais tarde, colaborei na "A Noticia", como folhetinista, no "Correio do Povo", e como corresponsente de varios jornais do norte e do sul do paiz; na "Cidade do Rio", com Patrocinio, sendo secretario da "A Folha", quando veiu a abolição. Ainda fui folhetinista do "Correio da Manhã", publicando um conto aos domingos...

Eis aí minha obra de jornal...

O primeiro volume publiquei depois do meu casamento, em 1890, "Rhapsodia". Tendo feito um contra com Domingos de Magalhães, obriguei-me a dar mediante a quantia de 400\$000 mensais de dois em dois mezes, originaes para um volume, nunca inferior a 200 paginas.

Esse editor publicou oito volumes, perdendo os originaes de sete obras, consideradas. São elas: "Paineis", "Georgicas", "Mozaicos", "Fagulhas", "Maravilhas" e "Vida Nomade". Tambem desapareceu o volume "Fim de Seculo", negociado em 1901 com João Mofreita, de São Paulo.

Tenho tambem entregues e não publicados, á Livraria Alves, desde 1900, o original de uma obra intitulada "Viagem de um familia ao Norte do Brasil" e um sainete, intitulado "Água de Caxambú", escrito por encomenda da empresa das referidas aguas...

Tenho, portanto, publicados, até hoje, 62 volumes.

Entregues e em vespas de sair, tenho quatro, sendo um ao editor Romualdo dos Santos, da Baía; outro, a minha campanha política no Maranhão, que eu mesmo editarei com o titulo "Reacção Civica" e mais dois em mãos de Lello, Irmãos do Porto. Esses editores estão reeditando, em edições revistas, e algumas inteiramente refundidas, toda a minha obra. Nessa estatística, não incluo os folhetos e opusculos que são em numero de sete... Além disto, tenho vertidos para linguas estrangeiras, três volumes em alemão, anunciando os editores em "Wilduis", o aparecimento de mais dois outros: "Urwald" (Floresta) e "Schwartz Koenig" (Rei Negro), livros esses que ficaram encaalhados por motivo da guerra.

Uma casa francesa anuncia a tradução de "Rei Negro", sob o titulo de "Macambira".

Além disso, outras casas, uma francesa e outra sueca, pedem-me para traduzir contos para uma antologia de escritores ibericos...

Aham-se em minhas mãos para enviar aos meus editores portugueses seis volumes e mais um á Livraria Alves, sendo três romances, dois volumes de contos de ficção; um volume de contos sociais e um livro em que escrevo as minhas conferencias na Escola Dramatica... Eis o que você queria. Estão aí a minha obra e a minha vida."



"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

Coragem!

FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!
E' O TONICO DE TODOS
DYNAMOGENOL
É um produto do Laboratorio Sian

DISCURSO DE POSSE

João Daudt d'Oliveira

As orações proferidas durante as solenidades guardam invariavelmente um ressaibo de monotonia e de mediocridade. Existe quasi uma tradição a esse respeito, motivo pelo qual o publico já comparece atemoriza do ás sessões, onde quer que sejam.

Estas palavras vêm a propósito do discurso pronunciado pelo Sr. João Daudt d'Oliveira, por ocasião de sua investidura na presidência da Associação Commercial do Rio de Janeiro, a 23 de dezembro de 1942.

A mencionada peça oratória fugiu aos padrões vulgares. Equilibrado, substancioso, elegante foi verdadeiramente, um discurso á altura do momento. Marcou atitudes e assinalou objetivos, espelhando, com fidelidade, as ideias lucidas do atual presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome, endereço e fins a que as mesmas se destinam.



ASSIM!... A professora demonstra praticamente um passo de ballet. Estas crianças estão justamente no tempo de começar a aprender a arte graciosa. E' muito mais facil para os pequeninos do que para meninos de mais idade.



MAQUILHAGEM... E aqui está uma aula de maquilhagem com cremes e tintas. Não faz mal a nenhuma garota, quer tenha ou não ambições de palco, tomar algumas lições sobre o método correto de se maquilhar.

RITMO

Ler, escrever e contar valeram bem como as pedras fundamentais da educação de milhões de crianças em todo o mundo, durante seculos. Nos ultimos anos, um quarto verbo entrou em cena na educação infantil: Dansar.

Cada vez mais, as autoridades em pedagogia chegam á conclusão de que certa especie do ensino de dansas é tão necessario para as crianças como é o ensino da leitura, da escrita e da aritmetica. E' importante para o desenvolvimento da graça pessoal e das atitudes, sem falar no auxilio que traz em conservar a criança apta para os exercicios fisicos. Não é preciso ser perito para notar a diferença que ha entre as pessoas que tiveram um treino científico nessa base e outras que não o tiveram. Aquelas parecem fazer tudo ritmadamente e as outras estarem fóra de passo.

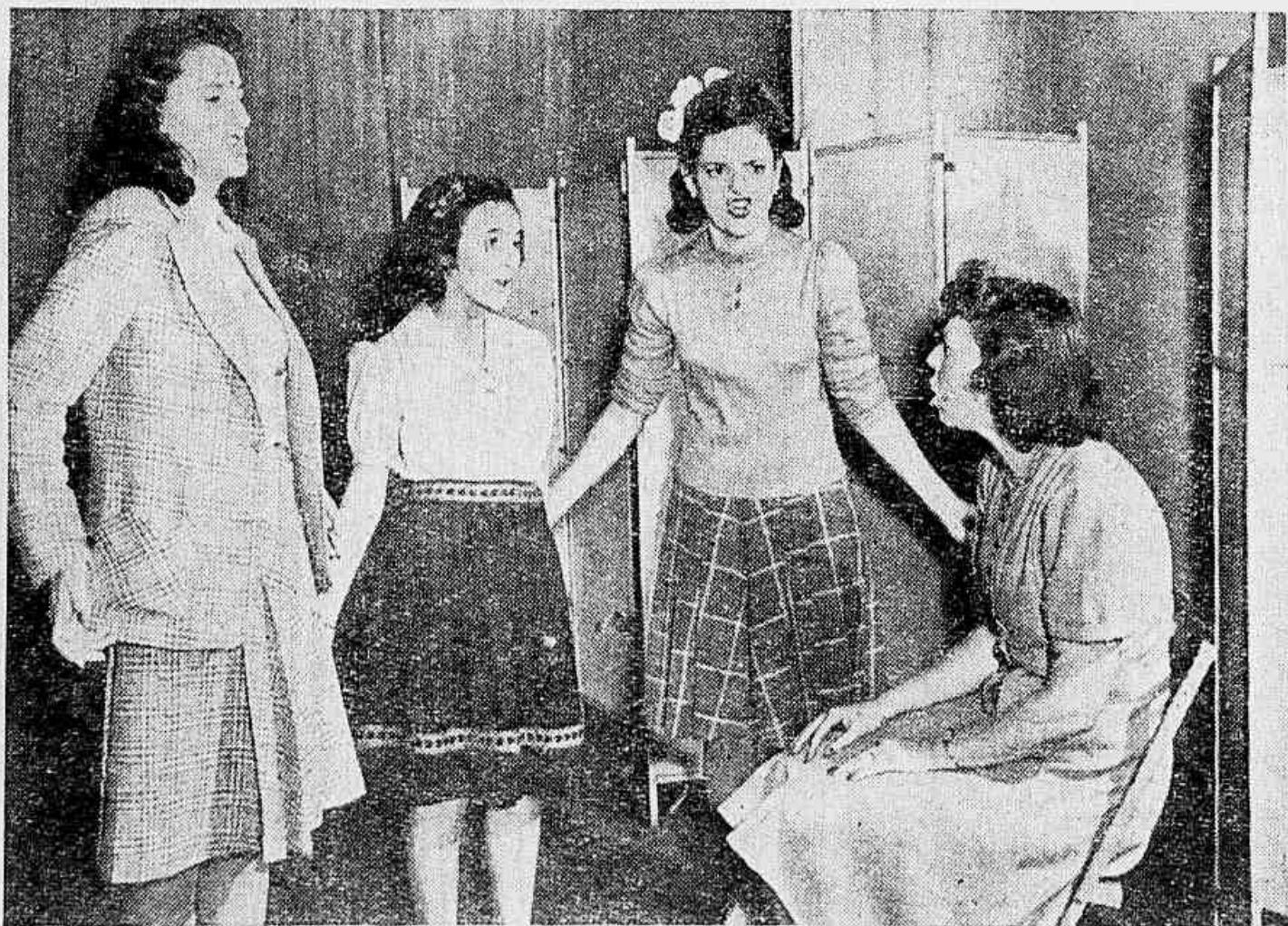
A Escola Wayburn de Dansa, Canto e Arte Dramatica, em New-York, tem um departamento dedicado ás crianças. Muitas estão aprendendo a dansar como parte de sua educação. Outras tantas estão dando os primeiros passos num caminho que pode eventualmente levá-las aos cimos da arte da dansa. Um grupo de alunos da Escola sabe ler como um *Who's Who* do teatro e do cinema.

Vamos encontrar aqui alunos de cinco anos acima, tomando lições de ballet, de movimentos ritmados e toda especie de passos que fazem parte do ensino da dansa...

Esta série de fotografias mostra uma classe de crianças em aula.



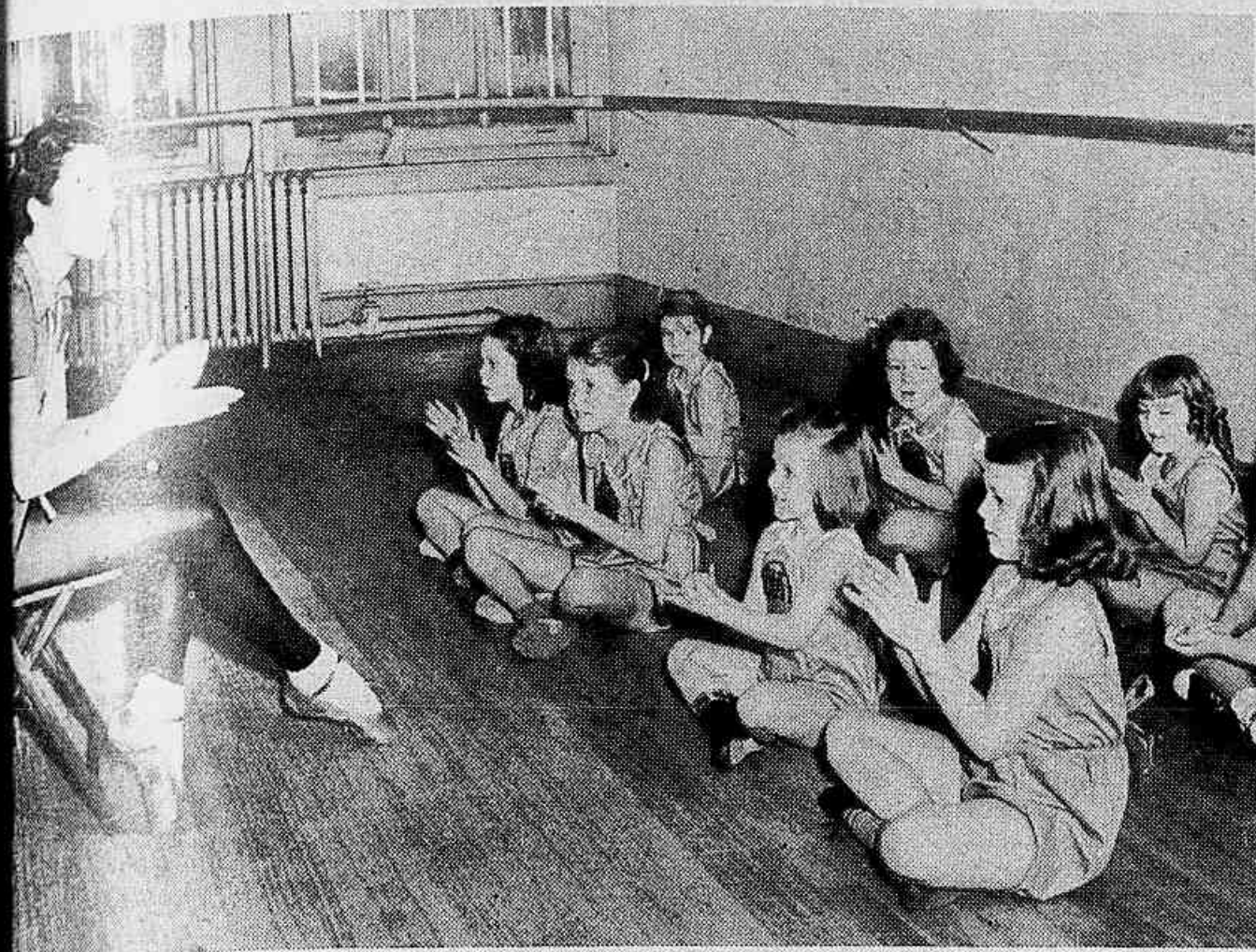
TECNICA — Muitos veteranos do palco e da tela ficam arrepiados quando agem pela primeira vez deante dum microfone. Estes estudantes de Wayburn nunca ficarão aterrados, pois aprendem a tecnica da irradiação, deante de microfones verdadeiros.



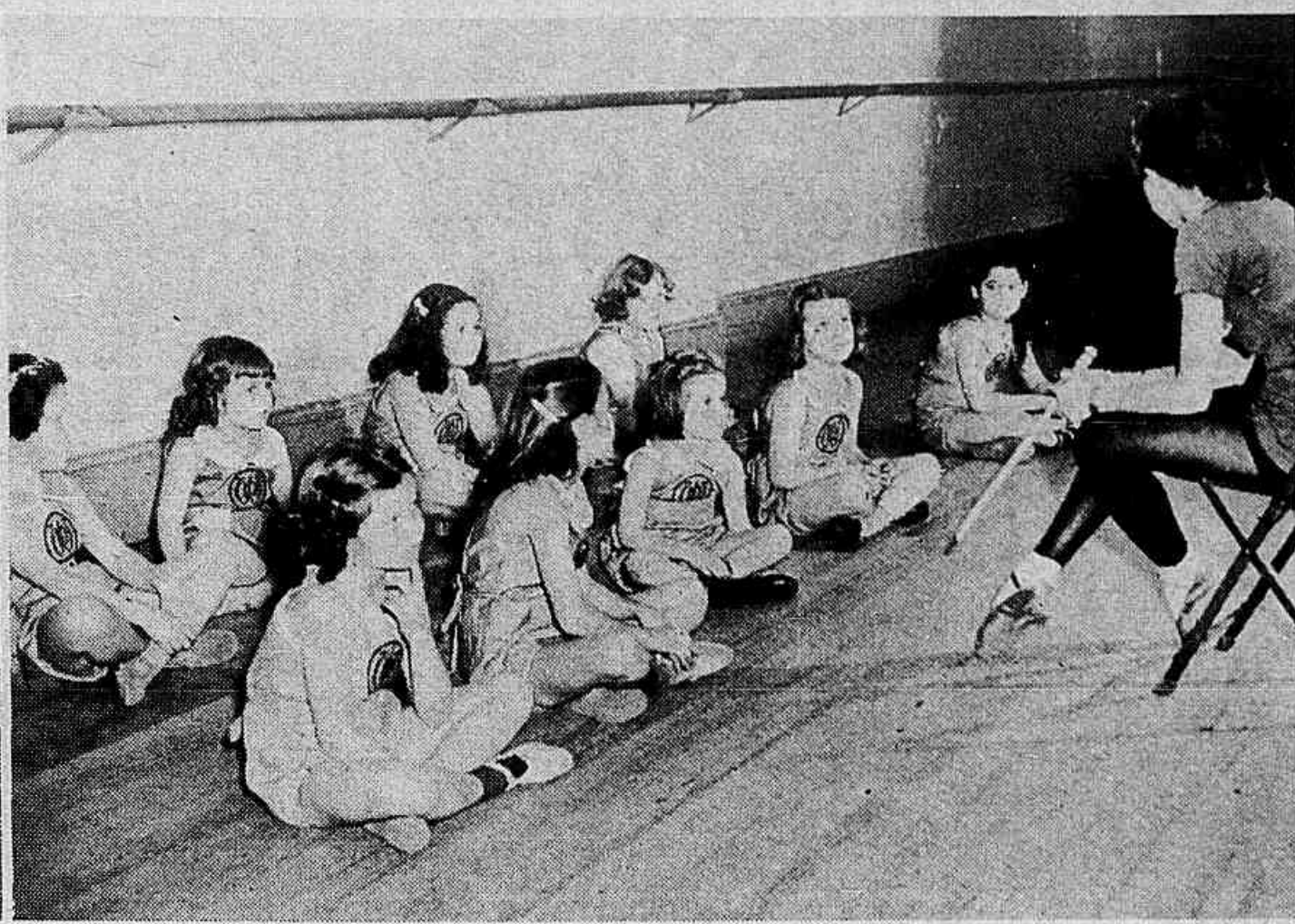
TEATRO — Este é um canto do departamento de Arte Cenica da Ned Wayburn Schooll. Três estudantes defrontam a professora e cada uma faz sua interpretação de uma mulher zangada. Notem que a pequena Miss do centro faz a coisa muito natural.



MAQUILHAGEM — Esta pequena está avançando pelo caminho da arte de maquilhagem. E' possivel obter milagres com creme, tinta e pó de arroz — se praticamente souber como usar essas coisas da melhor maneira.



APLAUSO?... Parece que as crianças estão batendo palmas. Na verdade estão aprendendo a respeito da importância das mãos no ballet. Na próxima vez que fôr a um espetáculo de bailados, note como as mãos da bailarina dançam tanto como os seus pés em ponta.



ESCOLA DE BALLEY — Sentadas no chão, á moda dos alfaiates, pequenas que têm ambição de seguir as pègadas da imortal Pavlowa ouvem atentamente uma lição fora do programa, pela professora, que é também estrela de ballet.



SEIS E UM... Há um garoto nesta aula de meninas, porém não parece nada encabulado com isso. A aula é para aprender o que se chama uma dança característica, na qual a pantomina tem tanta importância quanto o trabalho dos pés.



VAMOS VER ISSO... Aqui estamos olhando um espelho dum dos departamentos da Escola Wayburn. Fazendo as crianças praticarem deante do espelho, é possível mostrar-lhes os erros enquanto os estão cometendo.



JÁ BEM! — As crianças aprendem melhor vendo fazer as coisas. E' por isso que a professora fica diante da classe e dá o passo que deseja que as pequenas aprendam. O guru imediatamente atrás dela é a aluna mais novinha da aula.



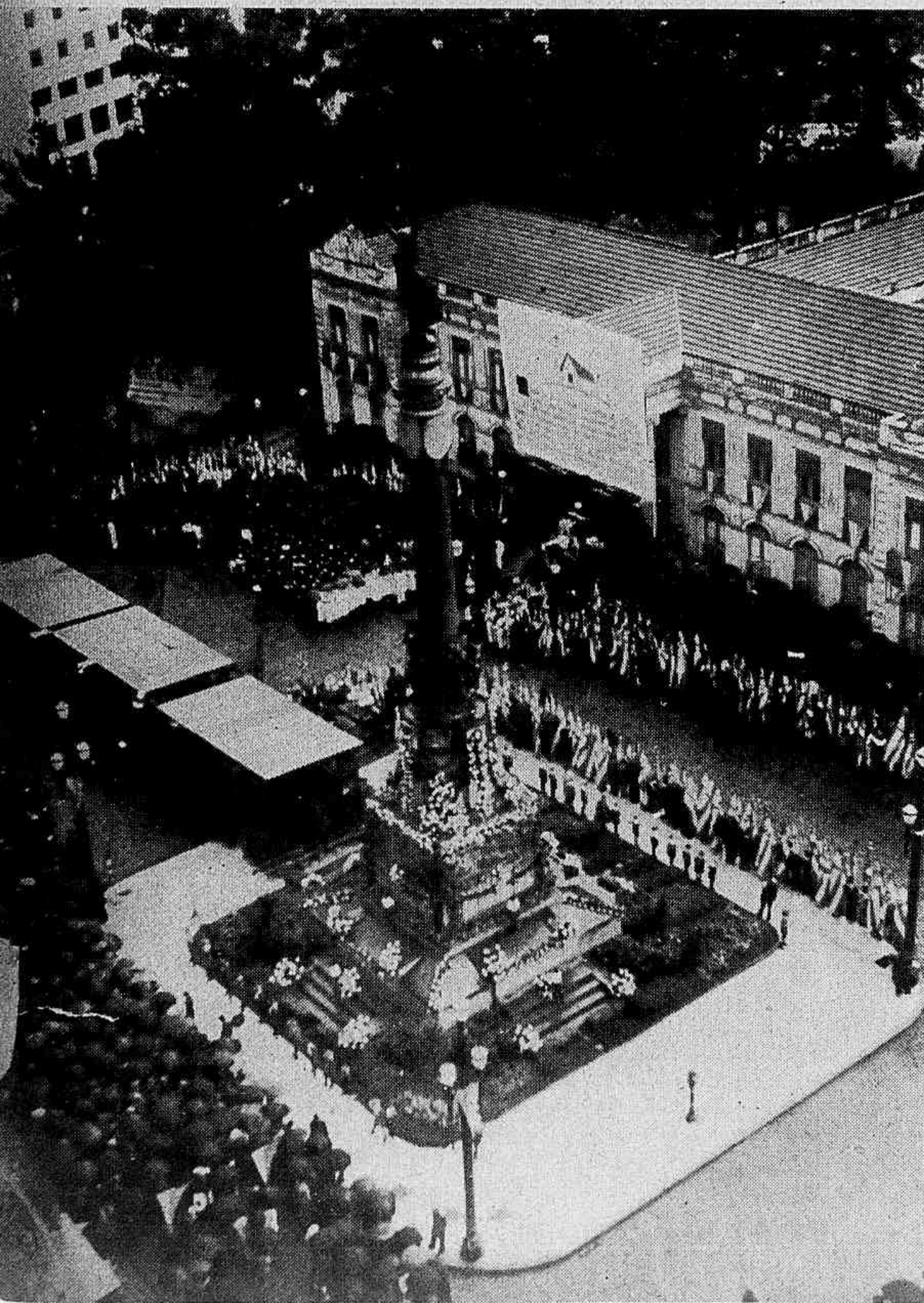
CHAMADA A' BARRA — ... E' um pouco alto para uma barra de ferro, porém muito útil para as jovens bailarinas. Experiências diárias com a barra de ballet dão muita proficiência aos passos de altura que fazem parte deste tipo de dança.



Do palanque oficial armado na Praça Julio de Mesquita, os srs. Getulio Vargas, Fernando Costa, gal. Gaspar Dutra, sr. Marcondes Filho e gal. Mauricio Cardoso assistem ao desfile das forças militares, em homenagem á data magna de São Paulo.

DE SÃO PAULO

No tradicional Patio do Colégio, onde a cidade nasceu pequenina e humilde, o Governo de São Paulo mandou celebrar solene missa que foi ouvida pelo povo, apinhado em torno do monumento comemorativo da fundação.



Um dos elementos mais empolgantes das comemorações do 389º aniversário da fundação de São Paulo foi a presença entusiástica da massa popular. Não havendo mais lugar nas ruas, o publico galgou os edificios e, cercado de flamulas e bandeiras verde-amarelas, aclamou com jubilo o soldado do Brasil.



Garbosas, disciplinadas, marcham as voluntárias da Defesa Passiva Anti-Aérea, quando da enorme multidão que se comprime pelas calçadas da Avenida São João, as mais entusiásticas que São Paulo escutou nas comemorações aniversárias da fundação da cidade.



O presidente Getúlio Vargas e o interventor Fernando Costa assistem, com involgar satisfação, ao desfile das forças militares em homenagem à data comemorativa da fundação da cidade. Suas Excias. aparecem no palanque oficial armado na Praça Julio Mesquita.

SÃO PAULO COMEMOROU BRILHANTEMENTE O SEU 389.º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO

Com a presença do Presidente Getúlio Vargas e senhora; general Gaspar Dutra, ministro da Guerra; Alexandre Marcondes Filho, ministro da Justiça e do Trabalho; major Coelho dos Reis, diretor geral do D.I.P.; general Maurício Cardoso, comandante da 2.ª Região Militar, e de inúmeras outras altas autoridades, São Paulo comemorou com imponentes solenidades o seu 389.º aniversário de fundação.

Quando São Paulo nascia, plantado no planalto de Piratininga, Anchieta escrevia a Inácio de Loyola. "Aqui se fez uma casinha de palha com uma esteira de canas por porta em que moraram algum tempo, bem apertados, os irmãos; mas este apêto era ajuda contra o frio que nesta terra é grande. Dia da conversão de São Paulo dissemos a primeira missa neste lugar."

Depois em lugar da casinha de palha dos jesuítas, nasceu uma grande cidade, espiando os horizontes alargados pelos arranha-céus, após ter estendido os limites territoriais da Pátria com as botas de sete léguas.

Em nenhuma outra época as comemorações da data da fundação de São Paulo foram tão entusiásticas, talvez pela presença honrosa das altas autoridades e pela participação das forças moto-mecanizadas do Exército.

Logo após sua chegada, o presidente Getúlio Vargas inaugurou a Via Anhanguera, classificando-a como uma das maravilhas da engenharia brasileira. Estrada moderna, ligando São Paulo a Jundiaí e Campinas, a Via Anhanguera é mais um índice da atividade da atual administração de São Paulo.

Depois da solenidade de inauguração da Rua Maria Paula, o presidente Getúlio Vargas foi alvo de significativa homenagem na Federação das Indústrias do Estado, onde S. Excia. foi saudado pelo sr. Roberto Simonsen.

Grande interesse popular vem despertando, também, a Exposição do Estado Nacional inaugurada solenemente pelo Chefe da Nação na Galeria "Prestes Maia". Apresentando uma síntese admirável das atividades do regime de 10 de Novembro, esse certame dá, ainda, uma idéia clara e objetiva do esforço de São Paulo pela grandeza comum da nacionalidade.

A missa solene de 25 de Janeiro, no Pátio do Colégio onde nasceu a Velha Piratininga, constituiu, sem dúvida, uma nota empolgante das festividades. A essa cerimônia religiosa, além das autoridades e de enorme massa popular, estiveram presentes todas as Congregações Marianas da Capital que entoaram diversos hinos patrióticos e religiosos.

Após a missa e a revista às tropas, o presidente Getúlio Vargas dirigiu-se para o palanque oficial, armado na Praça Julio Mesquita, sendo alvo, durante o trajeto, de entusiásticas manifestações dos estudantes, escolares, esportistas, etc., localizados por toda a Avenida São João.

O desfile foi, sem dúvida alguma, o mais empolgante que São Paulo já assistiu.

Numa vibração ininterrupta, o povo coroou de palmas e aplausos todas as unidades militares que desfilaram, as enfermeiras e as voluntárias da Defesa Passiva Anti-Aérea.

A participação do 2.º Batalhão de Carros de Combate no grande desfile muito concorreu para o brilhantismo da parada de 25 de Janeiro e foi, por outro lado, o testemunho da coesão dos brasileiros com as suas forças militares, supostas sempre a servir ao Brasil.

Assim, as comemorações paulistas do seu 389.º aniversário de fundação deram oportunidade a que todas as forças do Estado se apresentassem, diante do Chefe da Nação, na espontaneidade do esforço paulista convergindo para o Brasil em luta pela liberdade e pela civilização.



INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
Drs. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Irapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

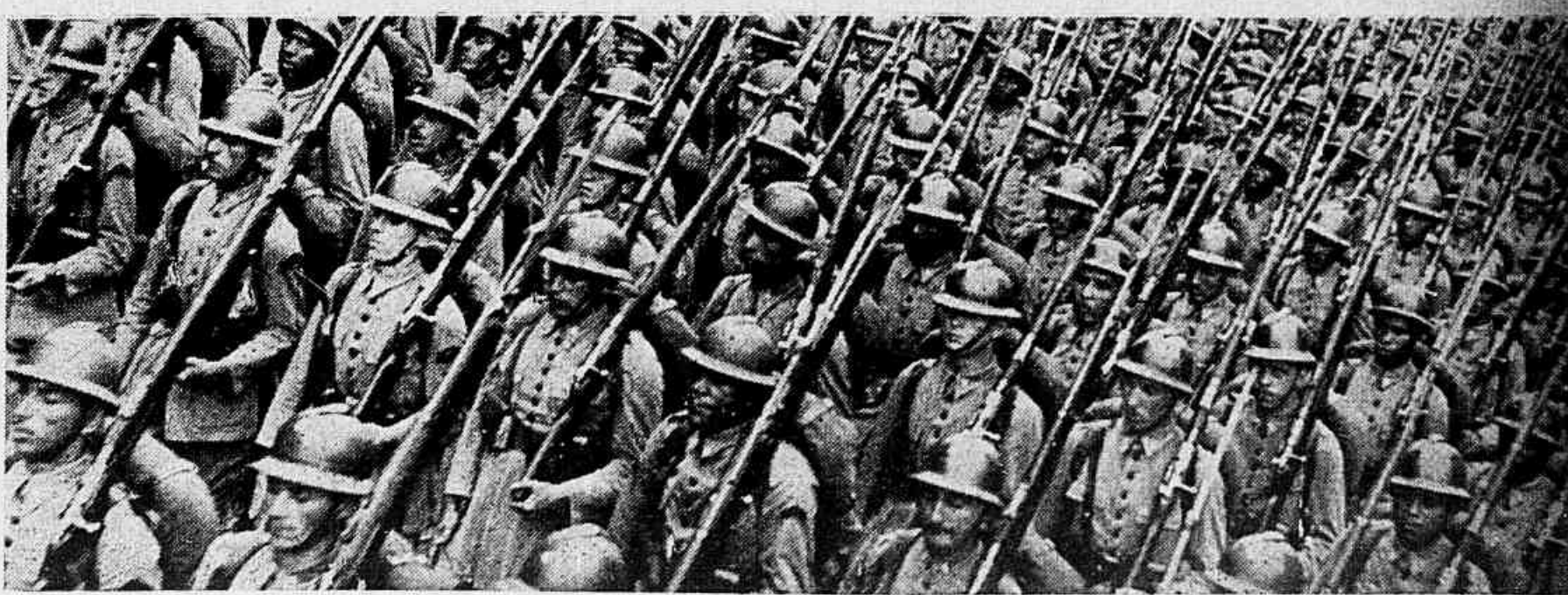
Aspecto da Avenida São João, quando desfilavam em homenagem a São Paulo, as unidades moto-mecanizadas da Capital Federal.



Sob o grande arco armado próximo ao Largo do Paisandú, desfilaram os tanques médios e leves. E foi imponente a presença dessas máquinas - símbolos de um Brasil potência militar - no cenário arrojado da nova Piratininga, onde a mesma garoa que aborreceu os bandeirantes, humedecia de lágrimas a face clara dos arranha-céus.



Uma das seções de Artilharia quando desfilava pela Avenida São João.



A Força Policial do Estado também participou do grandioso desfile. O clichê fixa um pelotão de Infantaria dessa corporação defilando em homenagem à data de São Paulo.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

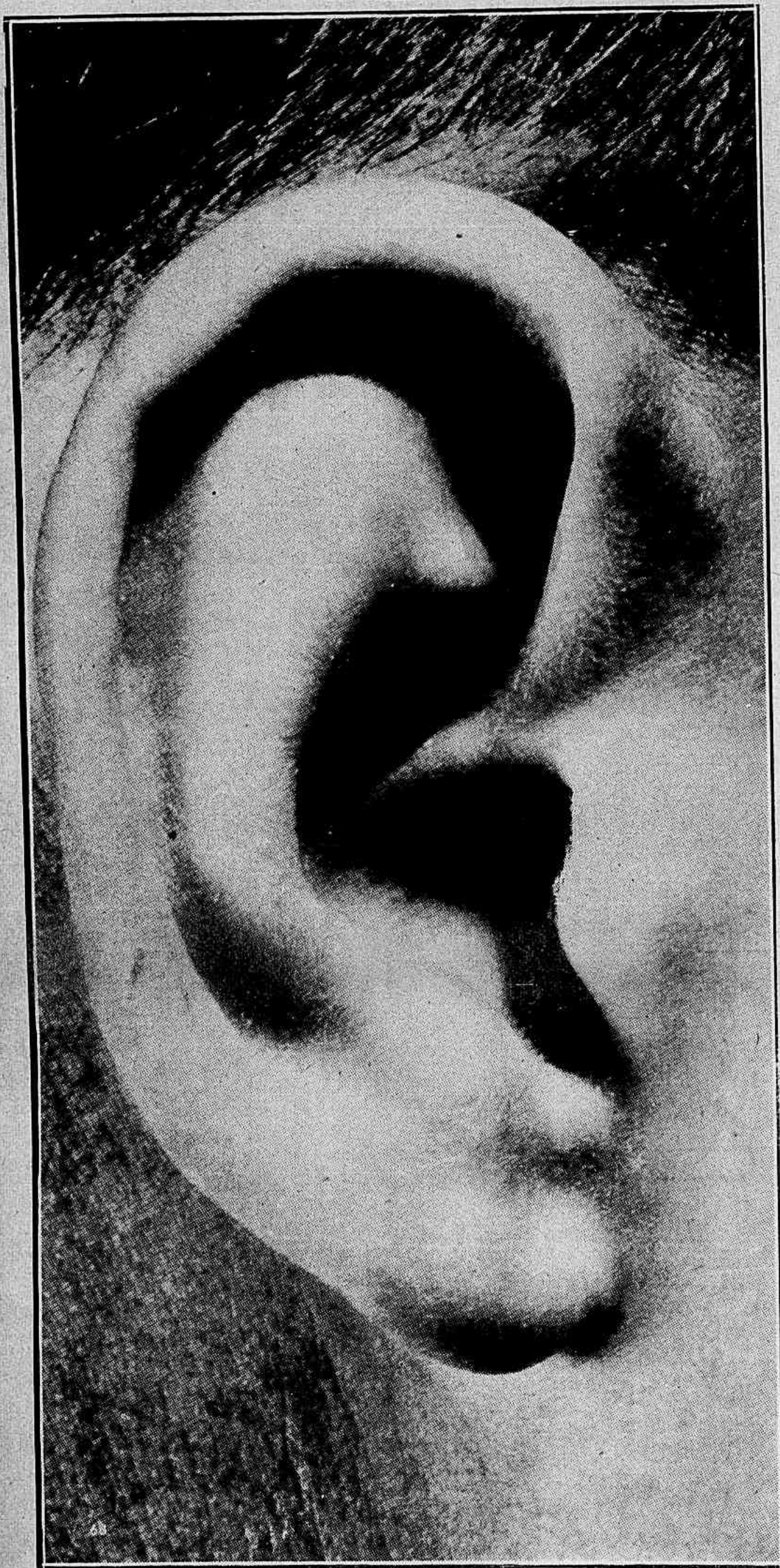
★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

ANGLO BRASILEIRA

Successoria de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

Você ouviu dizer?



Stephen Early, Secretario do Presidente Roosevelt, sugeriu á grande revista americana "Life" que publicasse a historia grafica do boato e dos males que ele pode causar. De acordo com esse pedido, "Life" solicitou ao famoso diretor cinematografico Alfred Hitchcock que encenasse a historia, com o fotografo da revista servindo de "cameraman".

O filme, sob o titulo "Você ouviu dizer?" é uma historia simples, sem complicações amorosas, mostrando como criaturas patrióticas, mas faladoras, passam adiante informações, verdadeiras ou falsas, até causarem um prejuizo mortal ao esforço de guerra do país, com a perda de vidas e de valioso material. Um homem de boa vontade póde calar uma noticia falsa e, no entanto, amanhã póde tornar-se responsavel por uma catástrofe na decorrença de ter dado curso a uma noticia verdadeira de tão graves consequencias.

Com a devida venia, oferecemos nestas páginas algumas cenas dessa impressionante foto-dramatização para a qual é excusado chamar a atenção de nossos leitores com a moralidade final: "Calem a boca!"



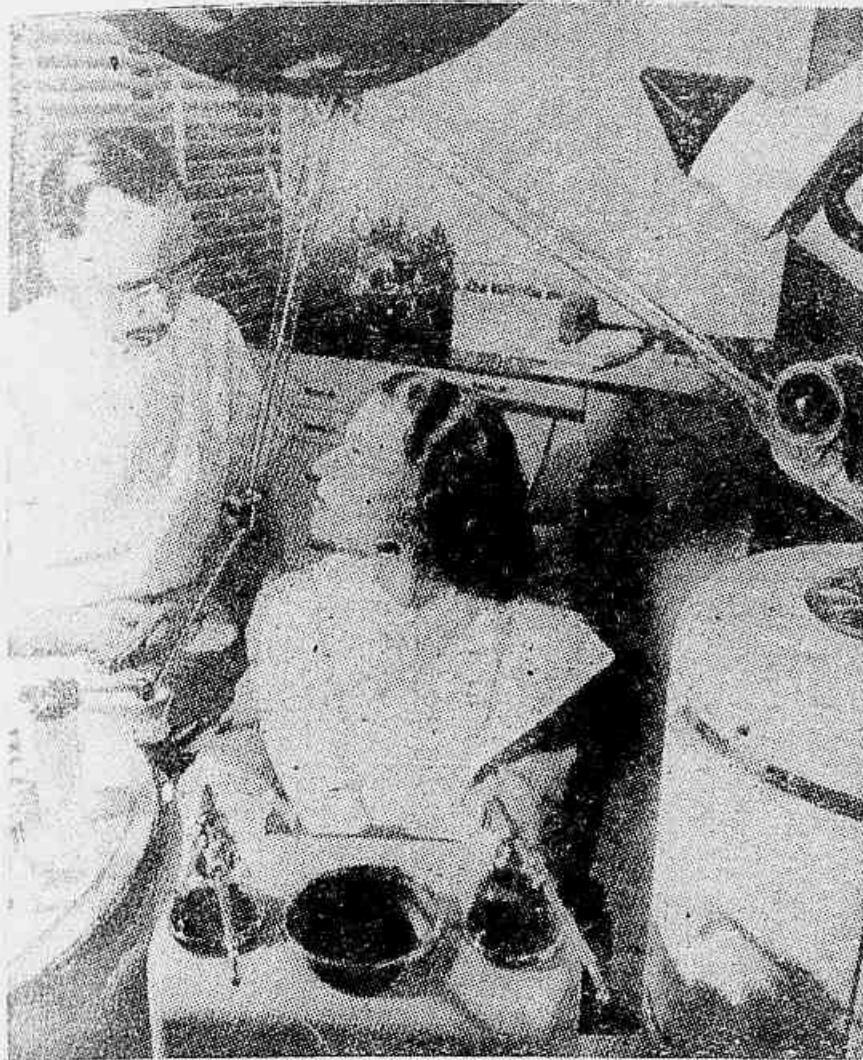
De volta da igreja, no onibus, esta pequena comenta o sermão do pastor, que havia pedido as orações dos fieis "para os rapazes que agora mesmo podem estar de viagem para distantes logares, como o Alaska". Um camarada, que vem atrás, presta toda a atenção á conversa.



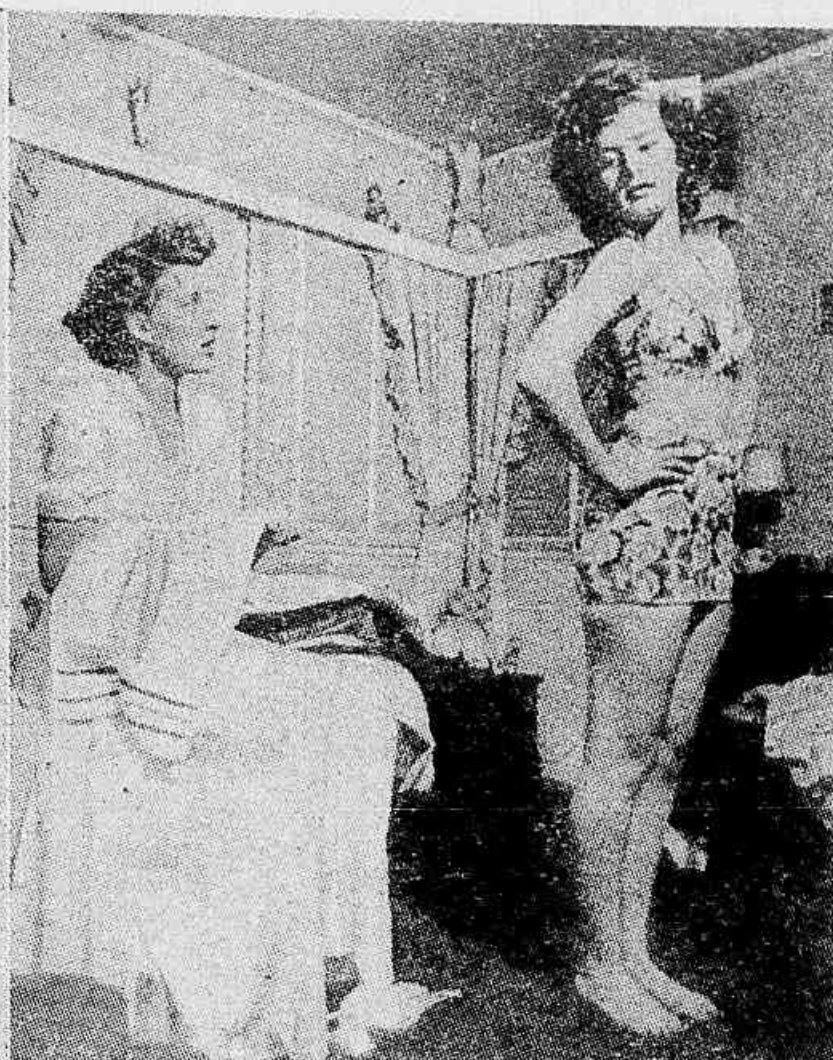
O camarada comenta a conversa com um companheiro de quarto: "Você ouviu dizer? Milhares de rapazes estão de partida para o Alaska. Os pastores estão pedindo as orações para eles".



Numa ceia alegre, o amigo passa a noticia aos companheiros. "Vocês ouviram falar? Estamos mandando milhares de rapazes para o Alaska. O navio parte quarta ou quinta-feira".



No dentista, uma das bonitas companheiras do rapaz passa a notícia secreta. "Os rapazes viajam sexta-feira à tarde. Isto significa uma nova frente. O rapaz que me contou conhece um dos oficiais".



"Vai haver 'blackout', para que ninguém saiba quando sai o navio de tropas que deve partir sexta-feira para o Alaska" - outra pequena, que estava na casa, confia a uma companheira de quarto.



"Eu não dou credito a boatos" - diz um negociante ao freguez que lhe transmite a noticia. - "Você não deveria repetir esta historia. Isto é boato".



Uma dúzia de camisas típicas é encomendada na loja do negociante, no dia seguinte, quasi á hora de fechar. Mas as mangas são muito compridas e é preciso encurtá-las. O tenente diz: "Se não for possível prepará-las para sexta-feira até ás 9 da noite, não adeanta. Eu não poderei pagá-las depois dessa hora, compreende?" - O negociante compreende: "Camisas típicas. Este rapaz deve estar de viagem para a Australia".



A' esquerda: - Uma hora depois, ao jantar, o negociante encontra a mulher e os filhos á mesa. Explica o motivo de sua demora, acrescentando a suposição que fizera a respeito da provavel partida dum navio de tropas na sexta-feira.

A' direita: - Brincando com o seu bando de garotos, o filho do negociante passa a historia adiante, para impressionar os amiguinhos, com a importancia da noticia sabida pelo pai. "Papai vendeu duzias e duzias de camisas para os rapazes que vão embarcar sexta-feira".





Um dos garotos contára à mãe o que ouvira do filho do negociante. No instituto de beleza, a gorducha madame arde por transmitir a novidade às amigas de comadrio e à manicurista "Não seria formidável ir ao cais, sexta-feira à noite, para ver os rapazes saindo?"



A noite, na roda do café, a manicurista comenta com um amigo o que soube da freguêsa: "Milhares de rapazes estão de saída sexta-feira à noite, para a Austrália". Um sujeito que está perto da mesa ouve a história sofregamente e sai logo depois.

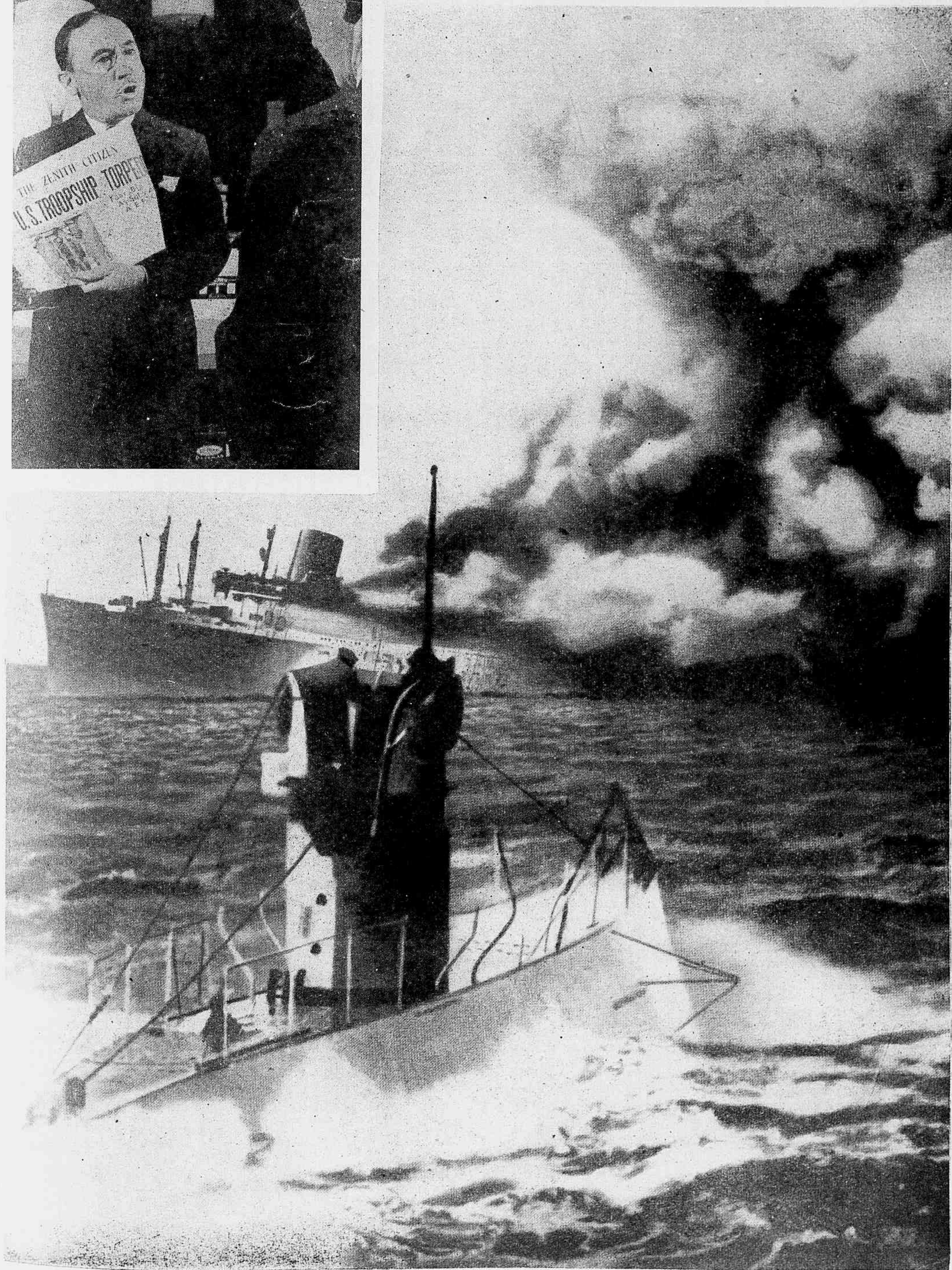
Do lado: — Uma entrevista à meia noite. O sujeito misterioso que é nada menos do que um espião nazista, encontra-se na praia deserta com o oficial de um submarino que veio à terra num pequeno bote de borracha. Numa enseada em trevas, o plano diabolico fica assim concertado para sexta-feira.





A' esquerda : — "Como é que o inimigo poudo descobrir uma coisa destas?" - exclama indignado o negociante, deante da noticia de que um navio de tropas foi torpedeado na véspera, perto da costa, morrendo centenas de jovens das familias locais. E nem de leve se lembra do que disse a respeito da encomenda das doze camisas para o tenente.

Em baixo : — Afundando entre chamas, desaparece portanto no fundo do mar mais uma vítima da falta de senso de certas pessoas, que não medem o perigo de espalhar noticias de guerra como esta.



ESCRAGNOLLE DORIA

Um amigo da Cidade

O Rio de Janeiro possui e possui um grupo de amigos empenhados em registrar a história grande e as tradições muitas da cidade. Aquele grupo é o de cronistas cariocas, uns autores de livros volumosos consultados a cada hora, outros de obra reunida se pequena, outros de obra dispersa, nem por isto os cronistas do ultimo genero menos dignos de apreço.

Eis aqui um, Antonio Gonçalves Pereira da Silva, de certo não citado como um padre Gonçalves dos Santos, um Macedo, um Mello Moraes, um Vieira Fazenda, um Moreira de Azevedo, mas pesquisador e util como qualquer deles.

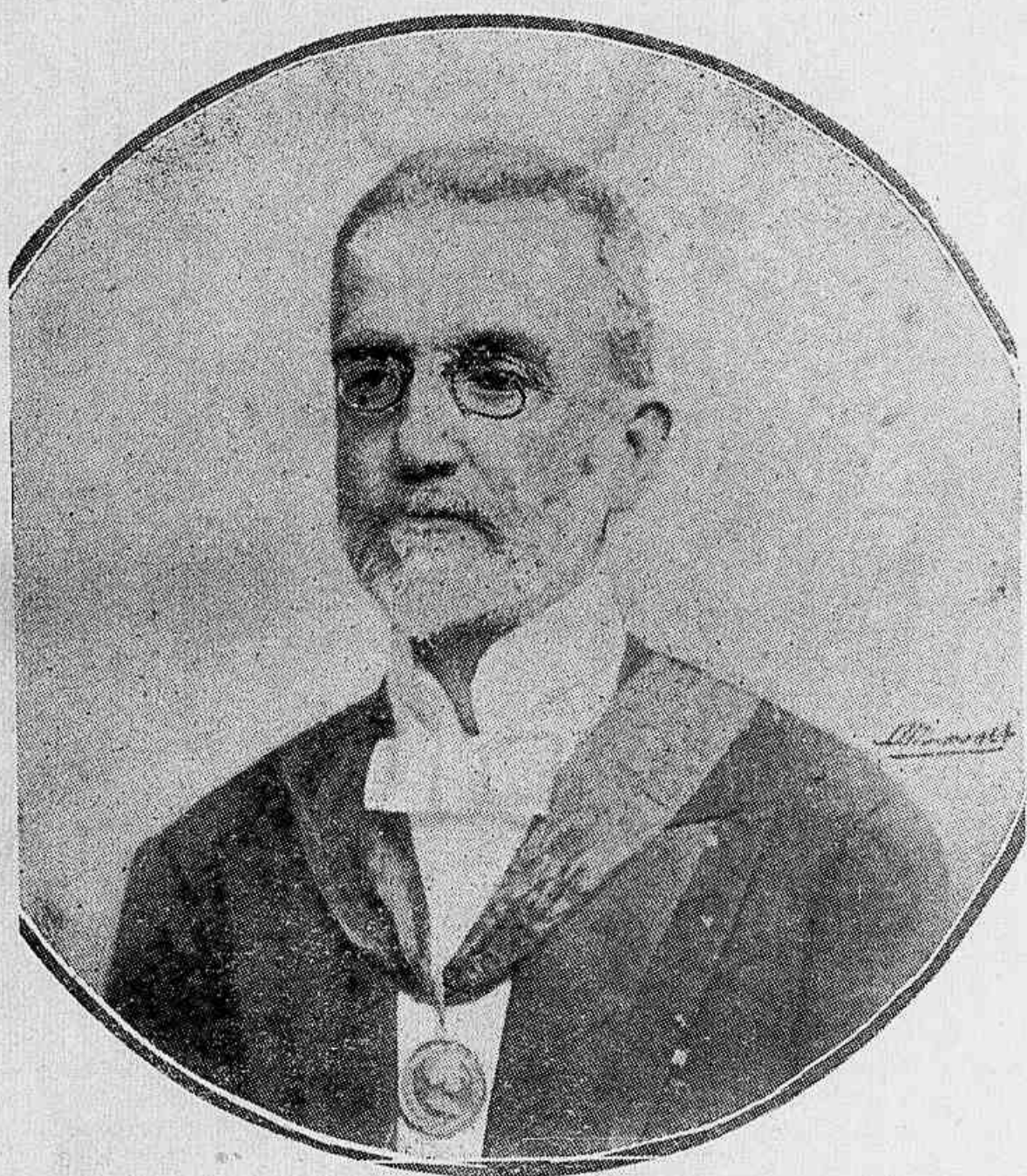
Pereira da Silva nasceu no Rio de Janeiro, no bairro imperial de São Cristóvão a 30 de Maio de 1851, época aurea do Segundo Reinado.

Habilitado em preparatórios por bons mestres, entre eles Tautphoens, intentou Pereira da Silva ser engenheiro matriculando-se na Escola Central, comum a civis e militares. Variou de proposito propondo-se a estudar odontologia tomando o professor Souza Lima por guia de estudos. O mestre era bom, o discipulo capaz de aproveitar. E mostrou a disposição distinguindo-se no curso academico odontologico, ainda hoje longe do que devia ser.

Formado em Odontologia, Pereira da Silva alcançou clinica, reputação e honras de classe, quais as de professor e vice-diretor da Escola Livre de Odontologia do Rio de Janeiro, redator-chefe dos *Arquivos de Odontologia* e representante de sua classe no Congresso Internacional de Odontologia reunido em Paris em 1900, eleito vice-presidente de uma das seções do mesmo certamen.

Em 1896, após concurso, foi unanimemente aprovado pela Congregação da Faculdade de Medicina para o logar de preparador do Curso Odontologico, regendo a cadeira de Prótese Dentaria.

Na monarquia filiado ao partido liberal, Pereira da Silva tornou-se influencia politica no seu bairro natal, São Cristóvão, exercendo muitos cargos de confiança



Antonio Gonçalves Pereira da Silva.

O cronista amigo do Rio de Janeiro.

politica e dela se servindo para beneficio do mesmo bairro, promovendo nele bastantes melhoramentos urbanos, mormente nas ruas Bela de S. João e Alegria, por longos anos Pereira da Silva nesta residente.

O nome de Pereira da Silva liga-se a duas instituições como fundador, instituições de carater diferente, a capela de S. João Batista na rua Bela e o Clube de São Cristóvão.

Foi Pereira da Silva um destes bairristas prestimosos ao local do seu berço, que dele se não esquecem, mas também não olvidam que o bairro natal é parte do todo Rio de Janeiro. Pereira da Silva servio a S. Cristóvão de intendente municipal ou, como se dizia outr'ora, de vereador honorario.

Votou-se Pereira da Silva, nas horas de repouso da docencia e da profissão, ao estudo da capital carioca, sem prejuizo de monografias de cunho científico e original. Amigo de sua classe, Pereira da Silva tomava pena para protestar contra o exercicio ilegal da odontologia, praga até hoje não debelada para mal da saude publica.

Era mistér dizer de Pereira da Silva como cidadão e profissional antes de passar a mostrar-o cronista carioca, pelo nascimento com todos os titulos para o ser.

Um dos trabalhos mais interessantes de Pereira da Silva cronista é o relativo á igreja matriz de S. Cristóvão. Tratando desta em Memoria Historica, impressa em 1895, Pereira da Silva explicou também a organização civil e religiosa da freguesia de São Cristóvão e a fundação nela da confraria de N. S. do Socorro e da irmandade do SS. Sacramento

Os jesuitas no Rio de Janeiro em certo tempo foram os maiores fasendeiros da cidade, donos da fazenda chamada de S. Cristóvão limítrofe das terras das fazendas jesuíticas do Engenho Velho e do Engenho Novo.

Na fazenda de S. Cristóvão os inicianos edificaram a capela de N. S. do Socorro, dedicando-se os padres á lavoura e ao fabrico da cal, a tudo presidindo o denominado Colegio da Horta dos Jesuitas, futura séde do Hospital dos Lazaros. Quando Pombal não quiz mais jesuitas em Portugal e seus dominios, o Rio deles se despovoou, sequestrado o que era da Companhia que de Jesus se reclama.

A capela do Socorro se foi a ruina e só a reconstruiria D. Pedro I, a instancias da marquesa de Santos. Leve-se isto á conta do perdão de seus pecados, que sendo os de tanta gente só a ela são atribuidos, advertido que convém aos donos de telhados de vidro não arremessar pedras aos telhados dos visinhos.

Ao tempo de D. João VI e de D. Pedro I, na Horta dos Jesuitas aquartelaria um batalhão de caçadores, indo parar a irmandade do Socorro no Seminario de S. Joaquim, de onde se mudou afinal em 1837 para a capela de S. Cristóvão.

A irmandade do Socorro, principiada na igreja hoje demolida de S. Domingos, funcionou depois na igreja de Santa Anna, desaparecida quando se construiu a Estrada de Ferro de Pedro 2.º, ora Central do Brasil.

Todo o territorio do velho S. Cristóvão dependia da freguesia do Engenho Velho. Quando S. Cristóvão contou 8.000 habitantes entenderam estes ser tempo de terem freguesia e séde paroquial na antiga capela jesuítica. A 9 de Agosto de 1856 era essa aspiração satisfeita, creada então a freguesia de S. Cristóvão desmembrada da do Engenho Velho, exceto na área do palacio residencia da familia imperial.

A igreja aceita pelo bispo diocesano D. Manoel do Monte não foi a indicada pelos que tinham pedido a criação da nova freguesia, sim a capela de N. S. da Conceição na rua de S. Januario, templo por concluir, mantido por devoção de minguados recursos. Desejosa de facilitar o estabelecimento da nova freguesia a devoção ofereceu a sua capela para séde paroquial provisoria.

Ocorrido porém um desacato, o da profanação de especies sagradas, foram suspensas as cerimoniaes do culto na capela da Conceição até desagravo. Passou o serviço paroquial a ser feito na capela de S. Cristóvão, proprio nacional, no templo desde 1837 funcionando a confraria de N. S. do Socorro.

Em 1858 veio a vigario da paroquia de S. Cristóvão sacerdote que a tinha obtido por concurso, o padre Luis Antonio Escobar de Araujo. Consultou este o bispo diocesano para saber qual a igreja a ser matriz. A capela de N. S. da Conceição designada pelo governo, respondeu o bispo, obedecendo Escobar.

A capela da Conceição não era apropriada para matriz e ouvida a autoridade eclesiastica o governo imperial ordenou afinal a transferencia da matriz impropria para a capela de S. Cristóvão.

Não foi isto do agrado da confraria de N. S. do Socorro, protestando ela contra o ato do governo, por aparente zelo religioso sem conseguir ocultar o espirito politico do protesto.

O vigario Escobar não desanimou, com toda a solenidade tomou posse da casa de Deus, continuando a confraria do Socorro a protestar pedindo autorisação para administrar temporalmente a capela de S. Cristóvão, o que lhe foi concedido, com a ressalva do respeito ás funções do vigario.

Quem cuidava da segurança do templo e da decencia do culto era entretanto a irmandade do SS. Sacramento, fundada pelo vigario Escobar, acabando por convencer-se a irmandade da necessidade de fundar nova matriz. Pensou em edificar no Campo de S. Cristóvão, lado da rua General Argollo, No local, em 1888, seria resada a missa campal por motivo da promulgação da Lei Aurea. Ouvido o Conselho de Estado sobre a pretensão da irmandade do SS. Sacramento foi ele de parecer que se não a atendesse, visto o Campo servir ao ministerio da Guerra para exercicios militares. Pelo mesmo motivo foi negado á irmandade um terreno entre a rua Figueira de Mello e a rua Nova, hoje Escobar.

Ante as recusas a irmandade voltou vistas para terreno no largo da Igrejinha, nome a lembrar a velha matriz de S. Januario. Veio a Republica e o seu primeiro ministro da Fazenda mandou entregar á irmandade do Sacramento perto de sessenta contos de réis, produto de loterias, soma mais tarde acrescida por noventa e seis contos, ainda produto de tal fonte.

Munida de recursos, a irmandade do Sacramento encetou obras em Setembro de 1891, pondo pedra basica á nova matriz, planejada pelo arquiteto Thomaz Driendl, de planos depois modificados pelo arquiteto João Oberg.

A 26 de Novembro de 1894 a freguesia de S. Cristóvão tinha matriz concluida, a esforços da irmandade do Sacramento e da confraria do Socorro, despendidos cerca de dusetos contos na construção, as devoções do Rosario e das Dôres aprontando os seus altares.

A primeira missa da nova matriz disse-a o vigario Escobar a 26 de Novembro de 1894. Era a corôa de longos esforços por ele despendidos em favor de sua paroquia na qual de estimado foi a venerado. Regeu espiritualmente a paroquia, a 19.ª da cidade por ordem cronologica, de 1858 até a morte a 4 de Março de 1902. Natural do Estado do Espirito Santo, o conego Escobar tem nome lembrado em rua da freguesia que tanto servio e amou.

Todos os dados relativos a S. Cristóvão os haurimos em Memoria Historica de Pereira da Silva e se tanto insistimos em tratar de S. Cristóvão foi em homenagem ao dedicado filho desse bairro carioca.

No amor á cidade natal também se ocupou bastante Pereira da Silva de Paquetá, á qual o cronista consagrou opusculo onde se colhem informações de probidade e pesquisa sobre a tão celebrada ilha de Guanabara, que, com a do Governador, tanto favoreceu a vida de D. João VI no Rio de Janeiro.

Nos seus estudos de cronista, e sobretudo nos referentes a Paquetá, Pereira da Silva foi animado por outro cronista seu coevo com o qual mantinha amizade sobre afinidades no amarem e descreverem ambos a terra natal, digna de ser estudada no que ainda tem e lembrada no que já não possui.

Pereira da Silva se reuniu um tanto os seus estudos odontologicos deixou esparsos subsidios interessantes sobre o Rio de Janeiro. Não terão talvez aqueles subsidios a miudeza de pesquisa, o exaurir de assuntos característicos das *Antigalhas* de Vieira Fazenda. Não deixam de ser valiosos por serem de um estudioso probo, modesto, desejoso de afirmar com verdade, tanto quanto possivel valendo-se de documentação.

Reeditadas as esgotadas monografias de Pereira da Silva sobre o bairro de S. Cristóvão e a ilha de Paquetá, e a elas ajuntado tudo quanto pela imprensa espalhou o pesquisador ter-se-á composto um livro pequeno talvez, mas de acordo com o pauca sed bona.

A Antonio Gonçalves Pereira da Silva com justiça cabe o titulo de Amigo da Cidade, e as cidades se sempre encontram muitos e muitos e muitos, nelas nascidos ou não, nem sempre encontram amigos de constancia e qualidade como Pereira da Silva.



CONTO À GARUPA AFFONSO ARINOS

SAIMOS para o campeão com a fresca da madrugada. Tínhamos de ir longe e de pousar no campo. Eu tomava conta da eguada, ele era vaqueiro. Vizinhos de retiro na fazenda de meu amo, companheiros de muitos anos, não largávamos um do outro. Sempre que havia uma folgazinha, ou ele vinha para o meu rancho, ou eu ia para o rancho dele. Às vezes, quando meu amo queria perguntar por nós aos outros vaqueiros e camaradas, dizia:

—Onde estão a corda e a caçamba?

Vancê bem pôde imaginar, patrão, que taboa eu não carrego, que dor me não dói bem no fundo do coração, desde aquele triste dia.

Como eu lhe ia dizendo, nós saímos com a fresca. Por sinal que, naquele dia, compadre Quinca estava alegre, animado como poucas vezes. Ainda me lembra que o cavalo dele, um castanho estrelo calçado dos quatro pés, a modo que não queria sair do terreiro. Quando nós fomos passando perto do coxo da porta, ou ele viu alguma coisa lá dentro ou que, o diacho do cavalinho virou nos pés.

O defunto Joaquim - coitado! Deus lhe dê o céu! - juntou o bicho nas esporas, jogou-o para a frente e, num galão, quase ralou a perna no rebuço do telhado da mei'agua dos bezerros.

Saimos.

Quando fomos confrontando com a lagoa da Caiçara ele ganhou o trilho para umas barrocas, lá embaixo, onde diziam que duas novilhas tinham dado cria e que um dos bezerros estava com bicheira no umbigo.

Eu torci para o logradouro das eguas, cá para a banda do cerrado de cima.

—Está bom. Então, até, comprade!

—Se Deus quiser, meu compadre!

Não sei o que falou por dentro dele, porque, naquele mesmo suflagrante, ele virou para mim e disse:

—Qual, compadre! Vamos juntos. Assim como assim, a gente não pode chegar a casa hoje. Pois então, a gente viaja junto, e da Água Limpa eu torço lá para Fundão, para pegar as novilhas; vancê apanha lá adeante o caminho do logradouro.

Eu já ia indo um pedaço, quando dei de redeas para tras e ajuntei-me outra vez com o compadre. Parece que ele estava adivinhando!

E fomos indo, conversa tira conversa, caso puxa caso. Eta, dia grande de meu Deus!

Ainda na beira de um corguinho, lá adeante, eu tirei dos alforjes um embanal com farinha, fiz um foguinho e assamos um naco de carne seca, bem gorda e bem gostosa, louvado seja Deus! Bebemos um gole d'agua e tocamos.

Ai, já na virada do dia, o compadre me disse:

—Compadre, vancê vai andando, que eu vou descer áquele buraco. Pôde ter alguma rez ali. A modo que eu vi relampear o lombo daquela novilha chumbadinha, que anda sumida faz muito tempo.

Ele foi descendo para o buraco e eu seguí meu caminho pelos altos. Com pouca duvida, ouvi um grito grande e doido: - Aiiiii!

Acudi logo:

—Que é lá, compadre? e apertei nas esporas o meu queimado.

Não le conto nada, patrãozinho! Quando cheguei lá, o castanho galopava com os arreios e meu compadre estava estendido numa mouta de capim, com a cabeça meio para baixo e a mão apertada no peito.

—Que é isto, meu compadre? Não há de ser nada, com o favor de Deus! Apalpei o homem, levantei-lhe a cabeça, arrastei-o para um capim, encostei-o ali, chamei por ele, esfreguei-lhe o corpo, corri lá em baixo, num olhodagua, enchi o chapéu, quiz dar-lhe de beber, sacudi-o, virei, mexi: nada! Estava tudo acabado! O compadre morrera de repente; só Deus foi testemunha.

—E agora, como é, Benedito Pires? Peguei a imaginar como era, como não era; eu sozinho e Deus, ou melhor, abaixo de Deus, o pobre do Benedito Pires; agora eu, o defunto e os dous bichos, o meu cavalo e o dele. Imaginei, imaginei...Dali á casa era um pedaço de chão, umas cinco leguas boas; ao arraial também cinco leguas. Tanto fazia ir á casa, como ao arraial. Mais perto, nenhum morador, nem sinal de gente! Largar meu compadre, eu não podia: amigo é amigo! Demais, estava ficando tarde. Até eu ir buscar gente e voltar, o corpo ficava entregue aos bichos do mato, onça, ariranha, tatu-peba, tatu canastra...Nem é bom falar! Levarei o corpo para a casa e de lá para o arraial era andar dez leguas, não contando o tempo de ajuntar gente em casa para carregar a rede. Assim, assentei que o melhor era fazer o que fiz. Distância por distância, decidi levar o compadre direito para o arraial onde há igreja e cemitério.

Mas, ir como? Ai é que estava a cousa. Pobre do compadre! Banzei um pedacinho e tirei o laço da garupa. Nós, campeiros, não largamos o nosso laço. Antes de ficar duro o defunto, passei o laço embaixo dos braços dele - coitado! - joguei a ponta por cima do galho de um jatobá grande e suspendi o corpo no ar. Então, montei a cavalo e fiquei bem debaixo dos pés do defunto. Fui descendo o corpo devagarinho, abrindo-lhe as pernas e escarranchando-o na garupa.

Quando vi que estava bem engarupado, passei-lhe os braços por baixo dos meus e amarrei-lhe as mãos deante do meu peito. Assim ficou, grudado comigo. O cavalo dele atafulhou-se no cerrado.

—Lá se avenha! - pensei. Tomara eu tempo para cuidar do pobre do dono! Caminho para o arraial era um modo de falar. Estrada mesmo não havia: mal-mal uns trilhos de gado, uns cortando os outros, traçando-se pelos campos e sumindo-se nos cerradões.

Tomei as alturas e corri as esporas no meu queimado, que, louvado Deus, era bicho de fiança; nunca me deixou a pé e andou sempre bem arreadinho.

O sol já estava some-não-some atrás dos morros; a barra do céu, cor de açafraão; as jaós cantavam de lá, as perdizes respondiam de cá, tão triste!

Quando eu ganhei o espinhaço da serra, lá em cima, as nossas sombras, muito compridas, estendiam as cabeças até ao fundo do boqueirão.

Era tempo de escuro. O que ainda me valeu, abaixo de Deus, foi que estava chegando o meio do ano, e nessa ocasião, a estrela do pastor nasce de tarde e alumia pela noite a dentro.

Enquanto foi dia, ainda que bem; mas, quando a noite fechou devera e eu não tinha no meio daquele campo outra claridade senão a da estrela, só Nosso Senhor sabe porque não acompanhei o compadre para o outro mundo, rodando por alguma perambeira, ou caindo com o seu corpo no fundo de algum grotão. Nos cerradões, ou nos matos, como no da beira do ribeirão, eu não enxergava, às vezes, nem as orelhas do meu queimado, que descia os to-

(Continua na pág. 42)



LEDA VASCONCELOS — Esta é a Bonequinha da Voz de Ouro, cujos números de «folk lore» hispano-americano vêm fazendo o melhor sucesso nos programas da Rádio Nacional. Aluna do curso de canto no Conservatório Brasileiro de Música, é uma vocação indiscutível de artista, cujos triunfos presentes constituem um breve prenúncio das glórias provindouras.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

6 Senhora Corina de Barros Pimentel Medeiros e Maria Calazans de Barros; senhorita Alzira Mora; srs. Antonio da Silva Moutinho e Eugenio de Salles Brandão.

7 Senhoras Zulnar Bandeira, Antonio de Salles; drs. Miguel de Carvalho, Carlos da Silva Costa e Roberto Duque Estrada.

8 Senhora Albertina Dutra da Fonseca; dra. Antonieta Gonçalves de Souza; senhorita Beatriz Saboia Porto; sr. Leopoldo Teixeira Leite.

9 Professora Clara Maciel Pacheco; senhorita Berenice de Assis Ribeiro; srs. Cid Braune e Carlos Lopes de Sayão.

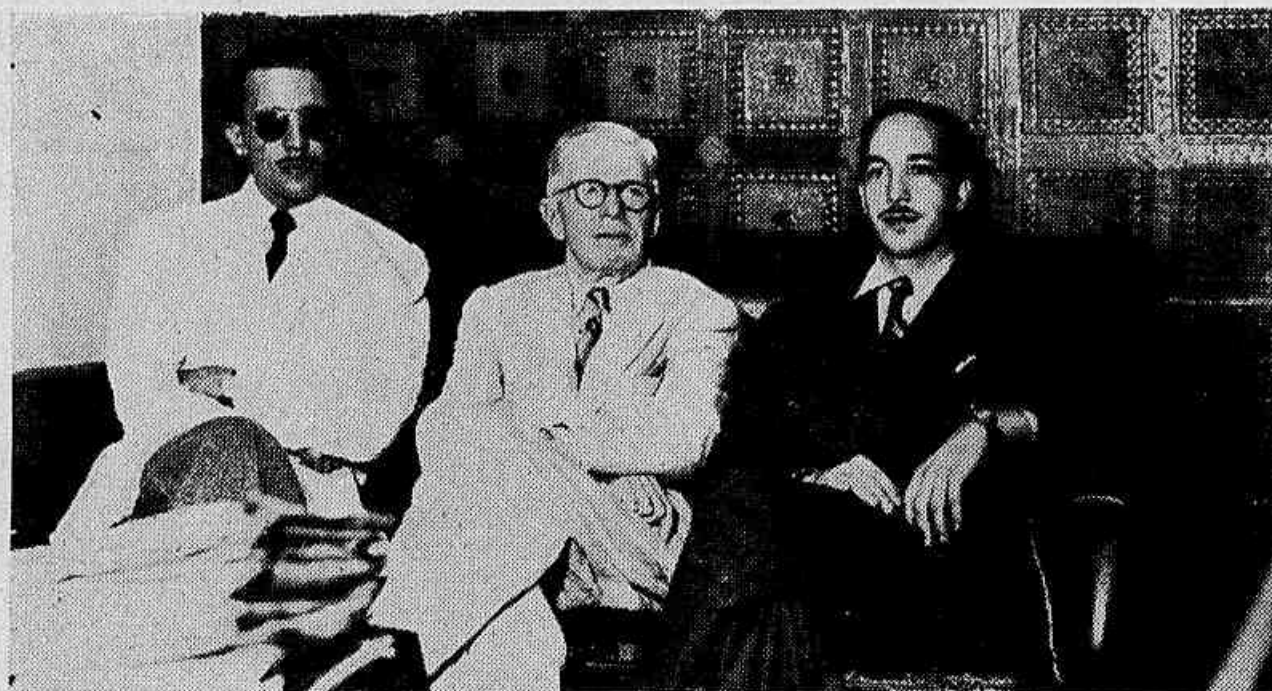
10 Senhora Lucia Branco Soares; senhorita Risoleta Barbosa de Lame; dr. Augusto Cesar Lobo.

11 Senhoras Zaira de Oliveira Gomes e Aida da Fontoura Caravelli; senhorita Leonor da Silveira; sr. Alexandre Escagnolle.

12 Senhora Olga de Vasconcellos; drs. Alfredo de Baltazar da Silveira, Licinio de Almeida; o nosso confrade R. Magalhães Junior.



A gentil senhorita Maria Auzenda Coelho, da alta sociedade de Belo Horizonte.



CRUZ VERMELHA BRASILEIRA — Flagrante apanhado pela nossa objetiva, onde se vê o presidente daquela instituição, general Ivo Soares, entre o professor Roberto Pereira da Silva, diretor do «Atheneu São Luiz», e o jornalista Walter Rocha, na ocasião em que o diretor do educandário fazia a entrega da renda de um festival realizado no Fluminense F. Club, em benefício da Cruz Vermelha Brasileira.



ASPIRANTE LAZARO RODRIGUES DE SOUZA — Realizou-se no Campo de São Cristovam, a 22 de Janeiro, p. passado, a declaração de aspirantes a oficial da Reserva. O flagrante acima expressa o momento da entrega da espada ao aspirante Lazaro Rodrigues de Souza, da arma de Infantaria, pelo seu padrinho sr. Arthur Cambier.



GETULIO VARGAS FILHO — Todo o Brasil se associa, nesta hora, à dor do Presidente Getulio Vargas e de sua Exma. Família, causada pelo falecimento de seu filho, que era uma legítima expressão da mocidade brasileira em função de trabalho, consciência moral e patriotismo. Neste rápido registro, feito à hora de encerrarmos os nossos trabalhos, queremos expressar a nossa mágoa pela tristíssima ocorrência estampando o ultimo retrato do sr. Getulio Vargas Filho, quando agradecia sua escolha para presidente da Federação Paulista de Futebol.



Por ocasião do seu aniversário natalício, transcorrido no dia 29 do mês findo, o conhecido editor Zelio Valverde foi alvo de varias homenagens por parte dos seus amigos, colegas e editados. O «cliché» acima fixa um aspecto do almoço que lhe foi oferecido e que reuniu em torno do aniversariante um grupo de escritores, jornalistas e livreiros desta Capital.



A paisagem da Islandia é despida de árvores e, na franja da costa, onde vivem os islandeses, parece-se com as solitárias charnecas da Escócia. O interior das terras, compreendendo quatro quintos da ilha, é coberto de rochas, geleiras e campos de neve, deserto e desolado como a lua. A pesca e a criação de rebanhos são os principais meios de vida dos seus habitantes. É nesse cenário vizinho do polo que forças aliadas aguardam os acontecimentos, na expectativa da grande invasão da Europa.

Tapete Mágico

Toda a nossa adolescência foi animada pela evocação das cavalhadas índias pelas planícies americanas. Apaches, comanches, siux, peles vermelhas, peles negras, "Bisonte rubro", "Bala Franca", "Raio de Lua" — eram raças e tribus, heróis e ferozes caciques em cujo meio a imaginação dos rapazes do começo do século se perdia, entre façanhas tenebrosas e correrias barbaças, cabeças de inimigos escalpeladas, sortidas dentro da noite — todo um mundo de fantasmagoria e de surpresa que nos enchia dias e dias de encantamento. O garoto de hoje não pensa mais em peles vermelhas. É o homem voador, o fantasma, Brucutu e congêneres. Mas a imagem dos outros ficou viva para sempre na nossa memória de quarenta anos...

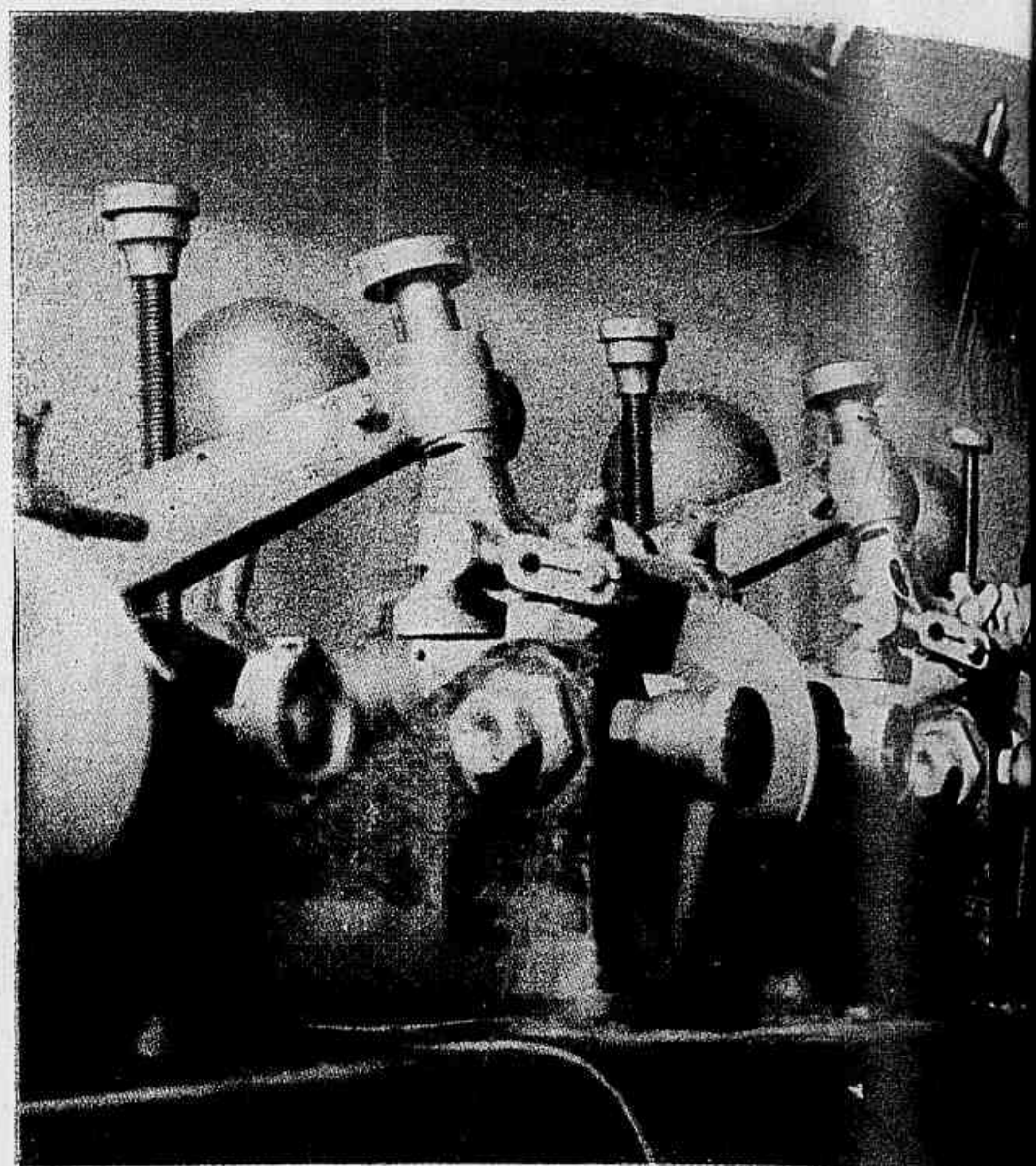
"A transfiguração do Tabor", de Rafael. É uma das mais admiráveis composições do grande artista de Urbino, quase adolescente ainda ao tempo em que a criou. As cores e a nobreza das formas e das atitudes fazem do quadro um momento de eterna alegria para os olhos.



ROMA - RAFFAELLO - LA TRASFIGURAZIONE - (PINACOTECA VATICANA)



“Brutagem” ou “rundição” é a operação que dá ao diamante primitivamente a forma arredondada. A pedra é montada numa peça especial, por meio de betume fortíssimo, e começa a ser atritada contra outro diamante. É o que está fazendo este rapaz.



A lapidação consiste no preparo das facetas que vão constituir o “brilhante”, 4 “cantos de baixo”, 4 “pavilhões”, 16 “alfes de cima”, 8 “estrelas”, quando se trata de dividir a pedra em mais de uma. É a serra que vem

NOSSA
TERRA

O Brasil lapi

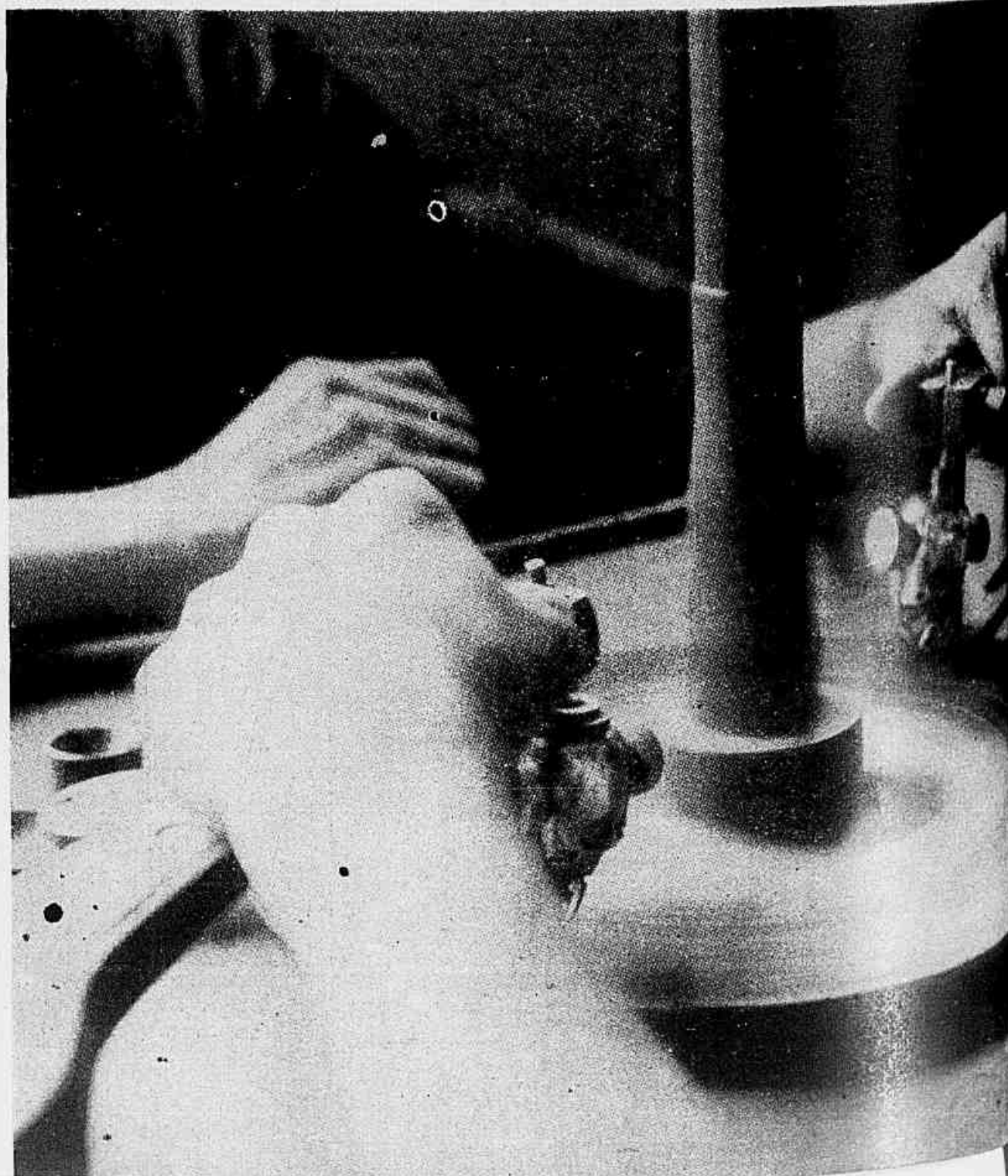
Nesse famoso e admirável livro que é a “Holanda”, pinta Ramalho Ortigão, em páginas inesquecíveis, o que é a lapidação do diamante, nas oficinas especializadas de Amsterdam:

“A indústria dos diamantes é quase exclusivamente exercida em Amsterdam por judeus de origem portuguesa. Nenhuma outra raça suportaria talvez o esforço supremo de energia, de aplicação e de paciência que é indispensável desenvolver, para reduzir uma dessas gotas de gaz carbonico solidificado ao estado de pedra preciosa e polida, que os judeus distinguem imediatamente de toda pedra falsa, pondo-a na língua e tomando-lhe a temperatura: o diamante é a pedra fria por excelência.”

Ora, a guerra, com toda a série de calamidades que vem despejando inexoravelmente sobre o mundo, ha perto de quatro anos, viria expulsar não só de Amsterdam como de Antuérpia, onde se achava centralizada a mais po

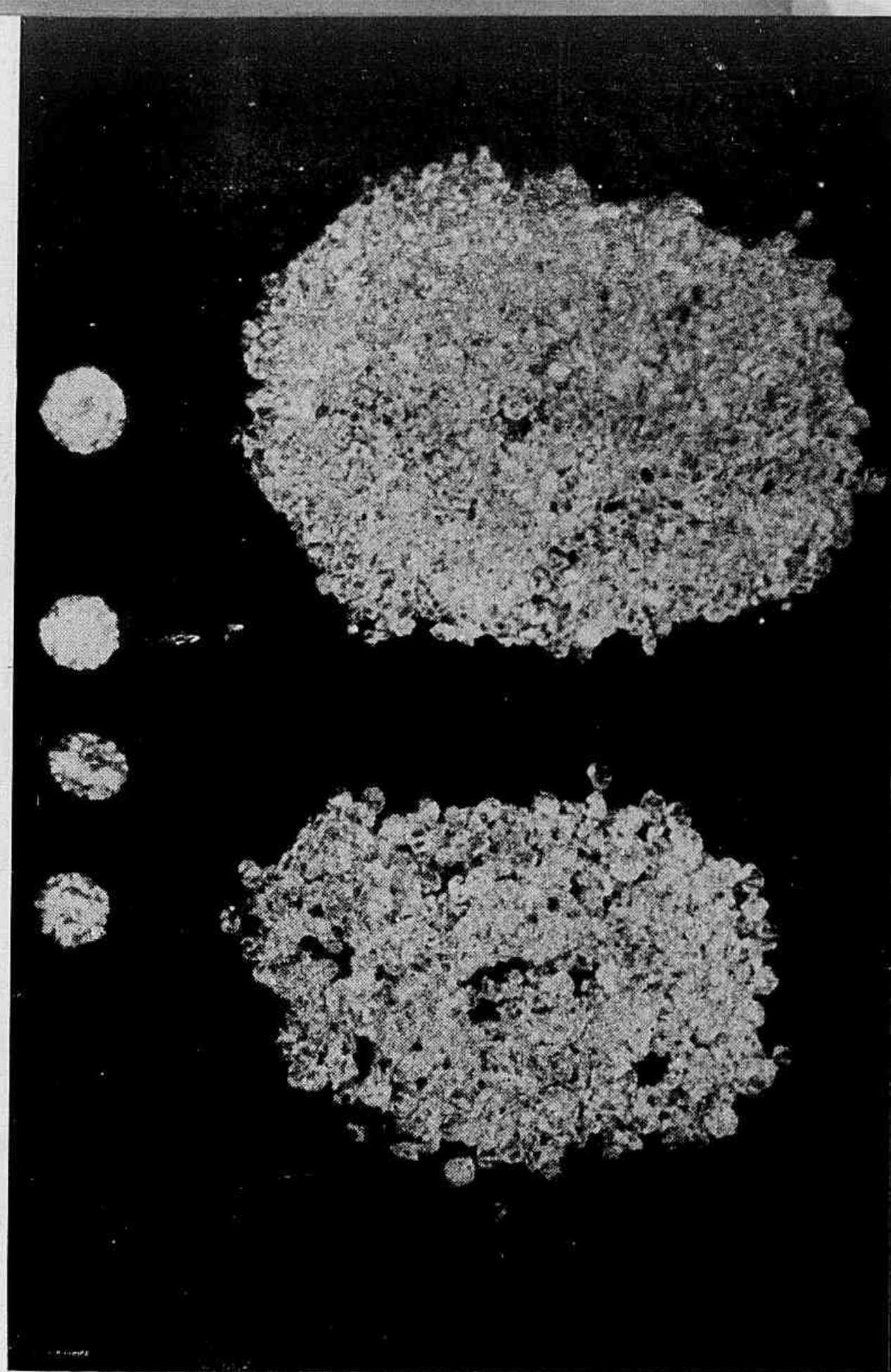
A' esquerda — Aspecto geral da oficina, durante o trabalho, vendo-se o respectivo chefe, Alfredo Baptista, brasileiro cento por cento, de uma família de garimpeiros de Andaraí na Bahia e atualmente técnico completo na lapidação.

Em baixo — Vemos aqui as peças chamadas “dops”, que têm presos na extremidade os diamantes, para serem atritados contra a roda de aço coberta de ranhuras e sobre a qual se espalha óleo e pó de diamante, pois só o diamante é capaz de atacar o diamante, como se sabe.





Duas partidas de diamantes pequenos, de boa qualidade, "fazenda fina", como chama o garimpeiro. Ao lado, quatro belíssimas pedras lapidadas.



o em numero de 58: 1 "mesa", 1 "culastra", 4 "cantos", 4 "bilhes de baixo". A' lapidação precede a operação da "serraria", fotografia, com um operario olhando o trabalho da maquina.

(Fotos de ARNALDO VIEIRA)

a os seus diamantes

derosa organização de lapidarios do mundo, toda aquela corporação de pacientes e exatos operarios aos quais a pena coruscante do grande escritor português se referia. Primeiro, foi para Londres uma grande leva, com armas e bagagens. Alguns partiram para New York. Finalmente, outros demandariam o Brasil, oferecendo ao nosso pais, em troca da sua hospitalidade nunca desmentida, o valioso tirocinio da sua prática de séculos de tradição.

Não é que não existissem entre nós alguns lapidarios. Até mesmo no coração das Lavras Diamantinas, em Lençóis, é por demais conhecida a oficina do velho Senna, onde se tem formado uma numerosa familia de peritos da difícil arte.

Mas o vulto que a lapidação tem tomado no Brasil, nestes ultimos tempos, só mesmo seria possível sob o desencadear de circunstancias excepcionais como as da guerra.

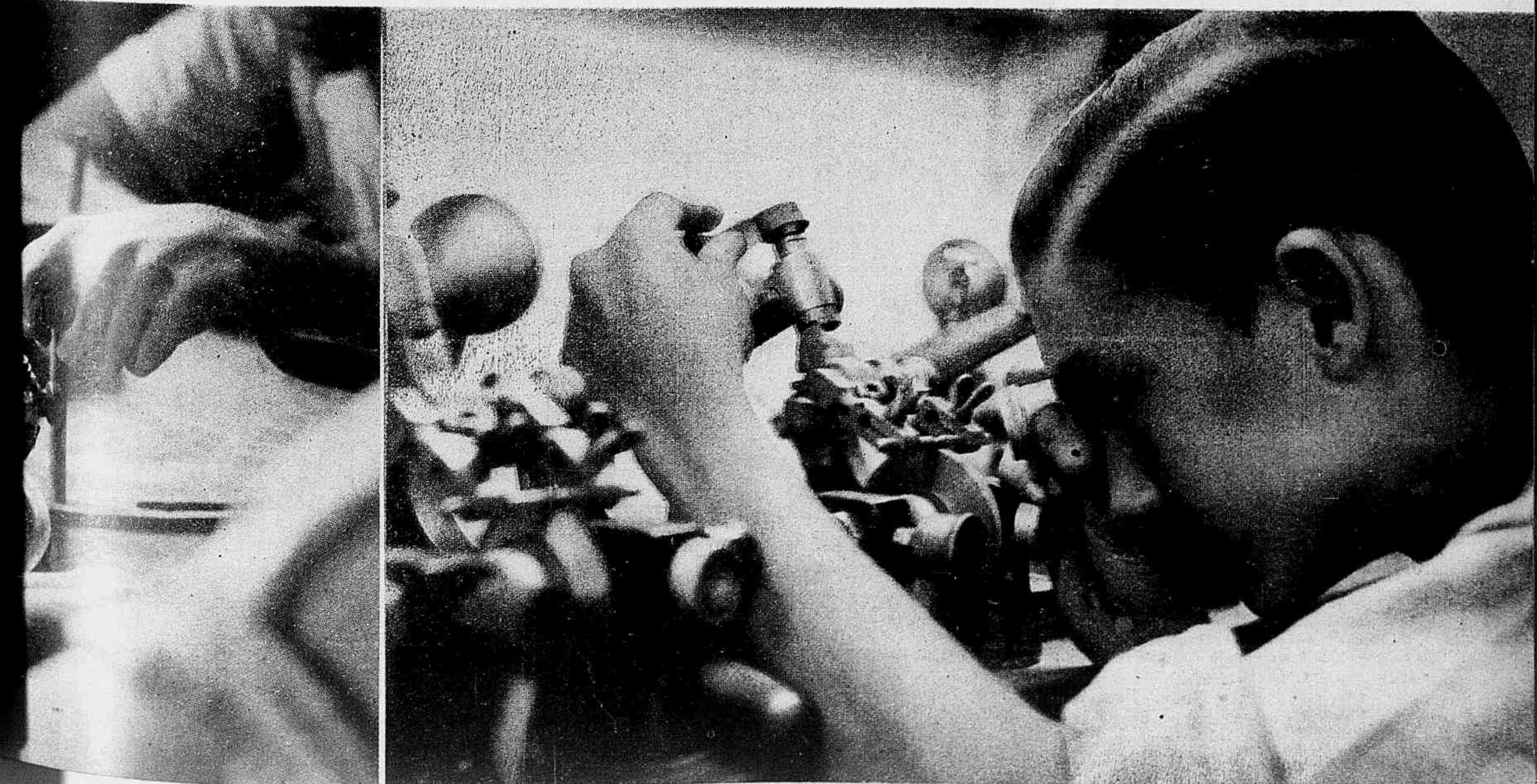
Antes de mais nada, convém dizer aqui alguma coisa a respeito do que seja mesmo essa operação industrial. O diamante, como se sabe, é o minerio mais duro e mais valioso da natureza, formado pelo carbono puro e encontrado nos leitos dos rios e no seio de galerias subterraneas. No Brasil encontra-se principalmente em Minas, na Bahia, no Paraná, em Mato Grosso e Goiás. Lapidado, passa a constituir o "brilhante" universalmente conhecido e admirado. Mas sua finalidade não é sómente a de ser uma das joias mais belas, pois tem na industria muitas aplicações, servindo para a fabricação de fios de cobre e de tungsteno das lampadas elétricas, perfuração das

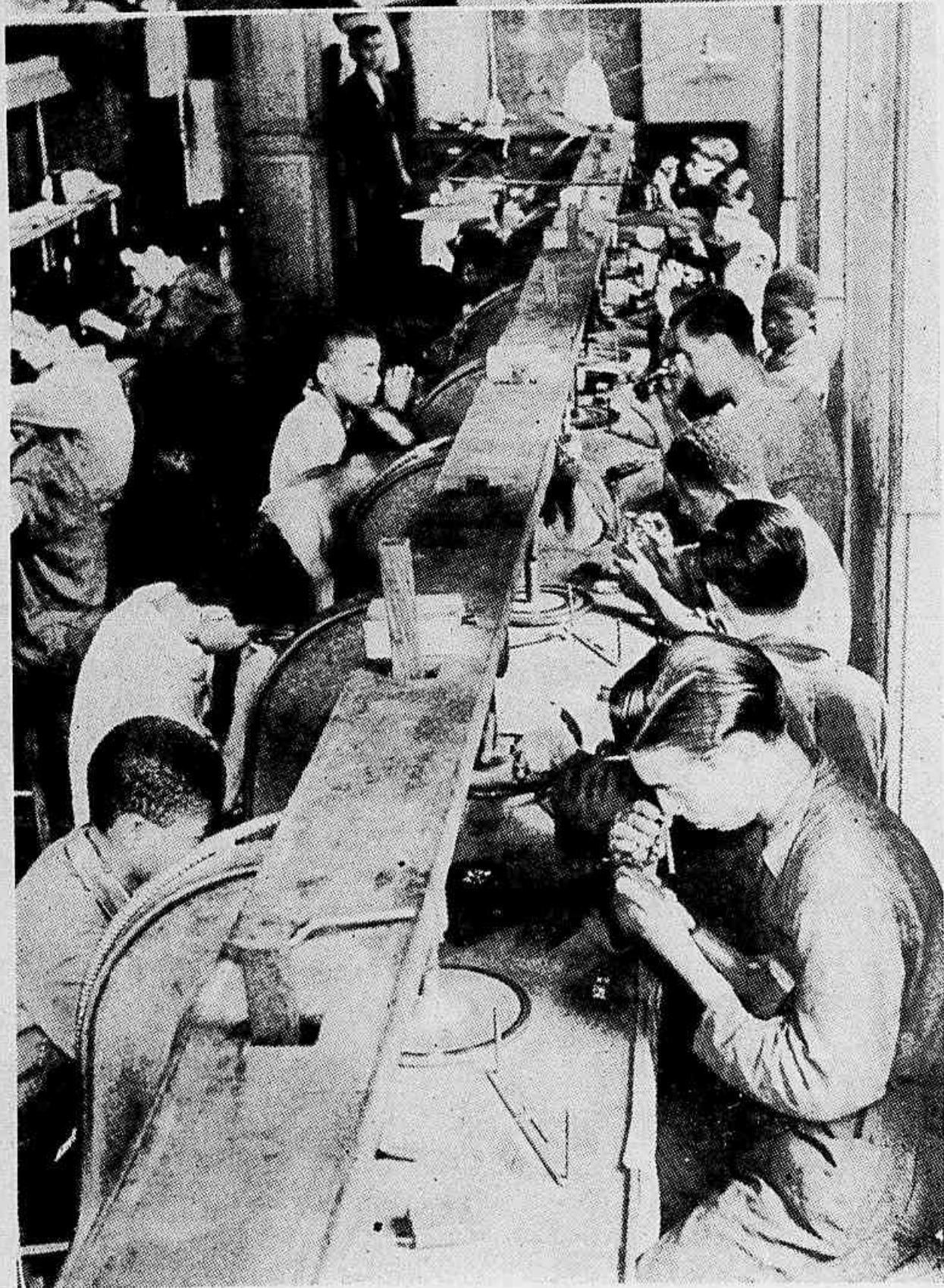
rochas, quando aplicado na ponta das grandes brocas, e serras de granito, lavragem dos embolos de motores e, acima de tudo, na industria da guerra, que é agora grande consumidora das reservas diamantinas do mundo, para a fabricação de obuses e de quasi todas as peças de motores de avião. Dai o interesse que tem no momento o seu controle pelos paises aliados, tendo chegado um jornalista americano a dizer que Hitler precisa tanto dos diamantes do Brasil como do petroleo do Caucaso, isto porque o mercado inglês, provido pelas imensas minas de Kimberley, na Africa do Sul, desde muito antes da guerra se achava fechado ás potencias do Eixo.

No desejo de iniciar os nossos leitores nos segredos duma oficina de lapidação fomos ha dias visitar uma delas, em pleno trabalho...

Esse trabalho é tão interessante que, vem a pêlo recordar, constitue na

Em baixo — Este garoto observa, por uma lente, a marcha do trabalho de serrar uma pedra grande. Desta idade já tem sobre os ombros uma grave responsabilidade. Qualquer descuido pôde causar um prejuizo.





Em cima — A serra em pleno funcionamento. Há sempre várias pedras sendo serradas ao mesmo tempo, o que requer uma contínua observação da parte dos operários.

Em baixo — Esta é a fase da lapidação propriamente dita, que o lapidário divide em 3 períodos: "quadrar" o diamante em cima e em baixo; "oitavar" em cima e em baixo; "abrilhantar" em cima e em baixo.

Holanda, nos belos tempos anteriores à "blitzkrieg", uma das principais atrações turísticas da capital dos canais.

Subimos uma escadinha escura e torcida que por um momento nos traz à lembrança as "grunas" das Lavras e paramos diante duma porta de ferro, como a dum cofre, enquanto soltamos a senha para a entrada.

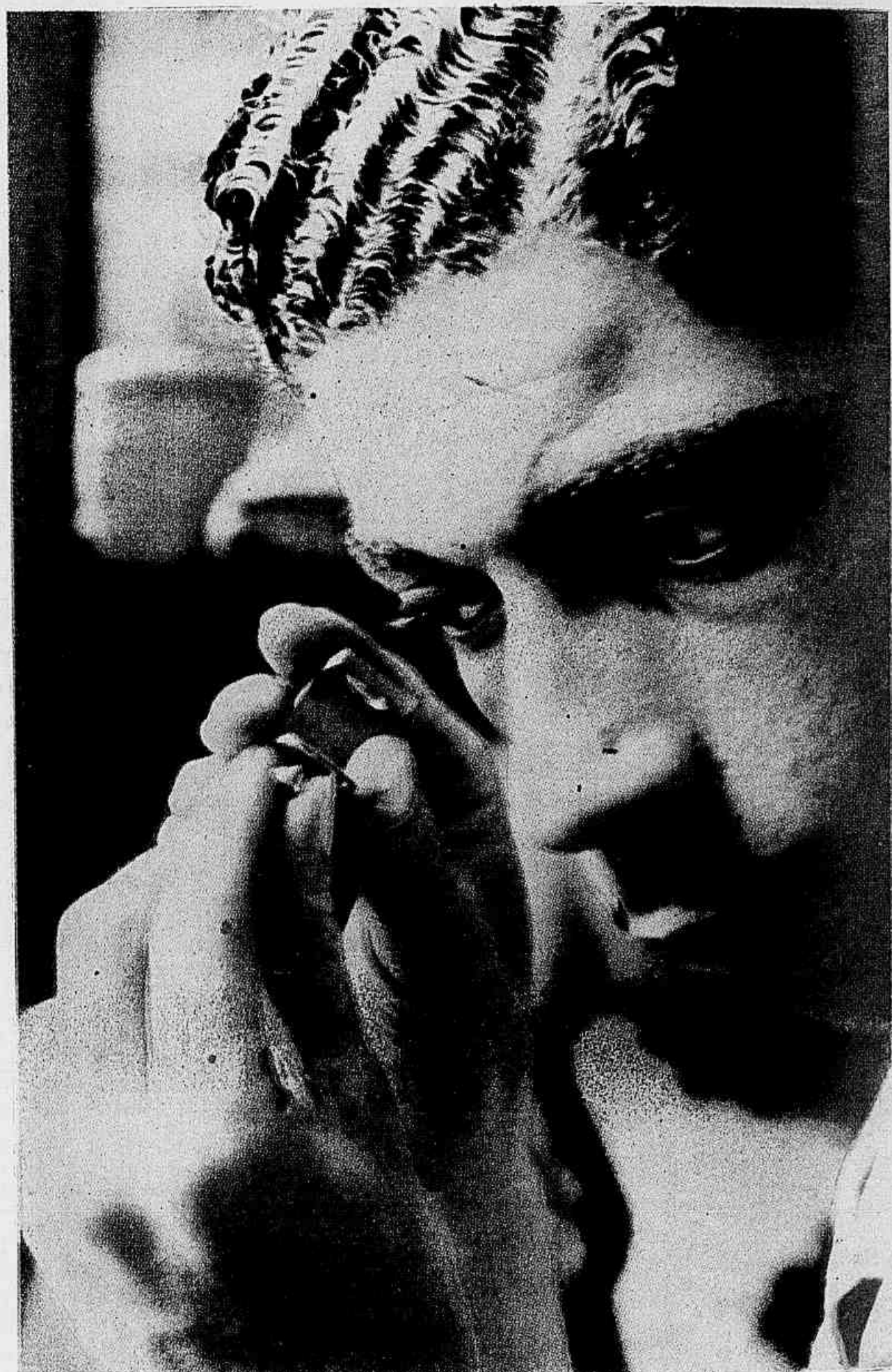
Lá dentro é que está a grande surpresa da visita.

E' uma grande sala de colegio, ao parecer, pois nada menos de sessenta garotos, de quatorze a dezenove anos, fazem uma algazarra de meninos no recreio.

Onde estarão os lapidários, os velhos artífices de cara escavada, olho duro pela atenção de manobrar as pedras, algumas dum tamanho microscópico, gestos aduncos de tanto firmar os instrumentos de precisão daquele metuculo labor de condenado a que se referida Ramalho, com espanto?

Pois, senhores, os lapidários são mesmo esses guris tagarelas, esses pequenos de todas as côres, brasileirinhos da gema, que vêm de todos os cantos para a nobre empresa de lapidar as pedras do Brasil.

Só a comprovação desse fato vale a visita. Ver aqueles rapazinhos, alguns crianças ainda, entregues, com a mais aparente despreocupação, à tarefa de tremendas responsabilidades que é "serrar" uma pedra do valor de vários contos de réis, formando-lhe em seguida as dezenas de facetas de que

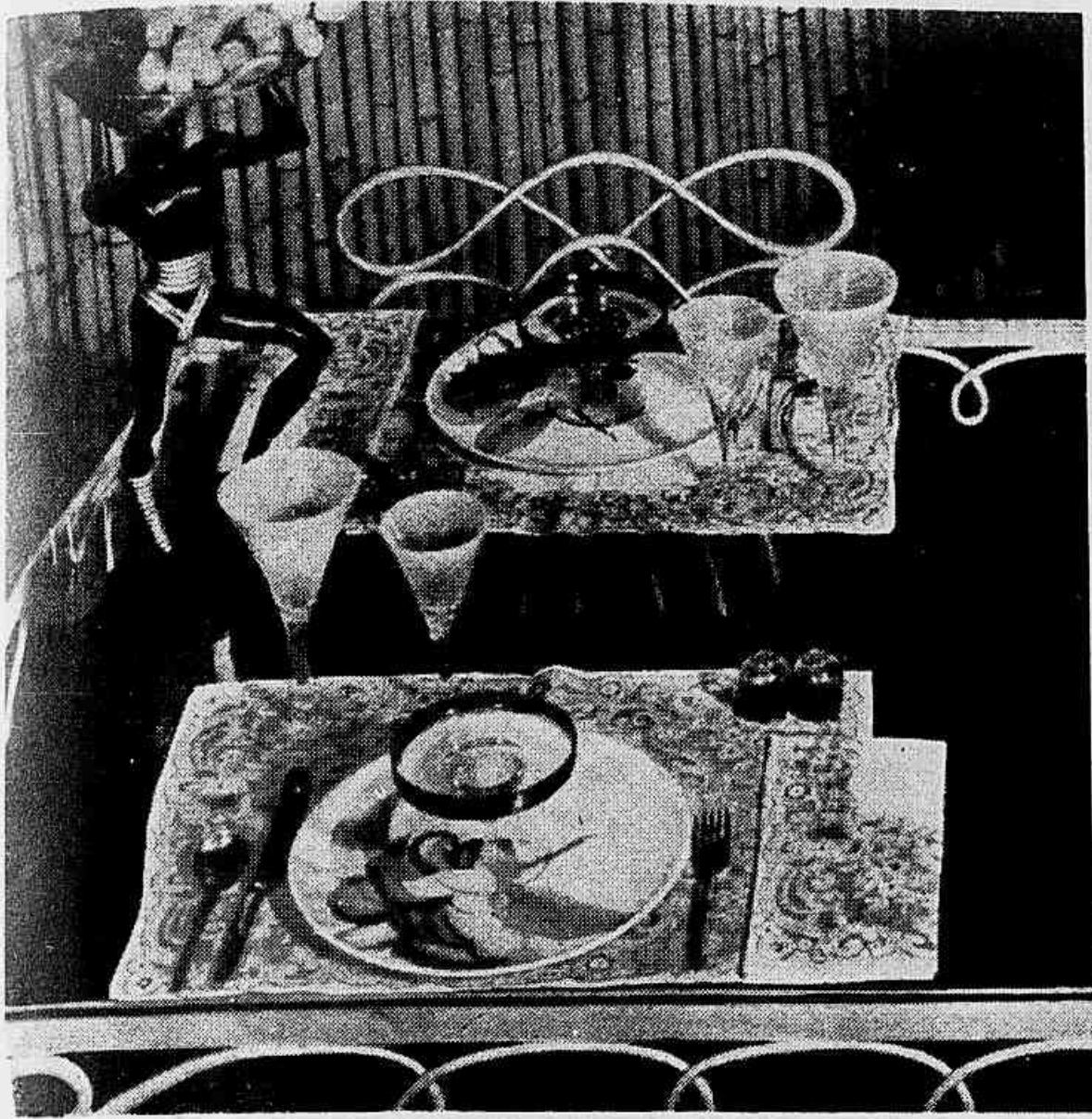


Aqui está o brilhante pronto. Este rapazinho, Orlando Carvalho, vale bem como exemplo dos pequenos que estão lapidando as gemas do Brasil. De menino indisciplinado que era, após um curso de grande aproveitamento na Escola Profissional João Alfredo, donde saiu compenetrado de seus deveres e responsabilidades, começou a trabalhar em lapidação, há dois anos, por atavismo talvez, pois é também de família de garimpeiros lençoenses. Hoje entende do ofício como gente grande e ganha tanto quanto um escrivão classe F, ou seja setecentos cruzeiros, o que não é mau para um rapazinho de menos de vinte anos e vem mostrar as grandes possibilidades que há na vida industrial, no momento brasileiro.

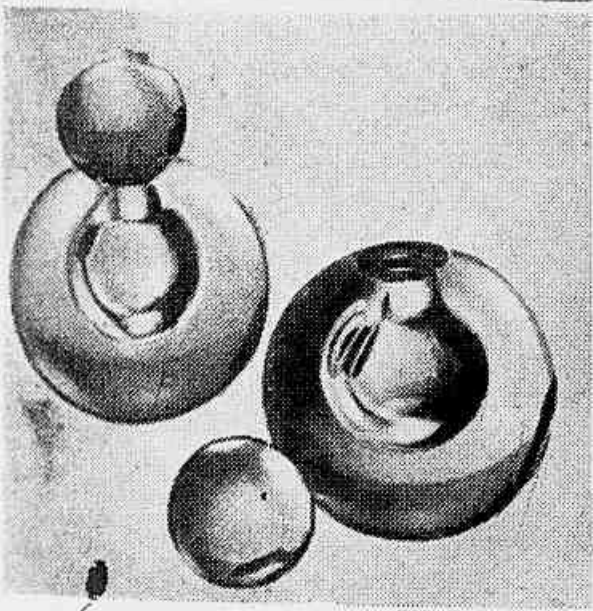
vai decorrer todo o valor do seu brilho e da sua beleza, a matemática precisão de dispor essa série de espelhos que constitui todo o segredo da refração das luzes através do "brilhante" final - é bem ter diante da nossa admiração um novo milagre da nossa terra e da nossa gente.

Esses pequeninos obreiros duma arte de que só os velhos e treinadíssimos operários do velho mundo se julgavam capazes consola de muita deficiência que se possa descobrir na raça. E a surpresa aumenta ainda quando se sabe que a maioria desses meninos jamais vira antes de entrar na oficina um diamante ao menos; quasi todos vieram trazidos por um amigo ou companheiro, seduzidos pelo trabalho que para muitos deles parece ainda um prolongamento dos brinquedos da escola deixada cêdo, pela necessidade de ganhar o pão.

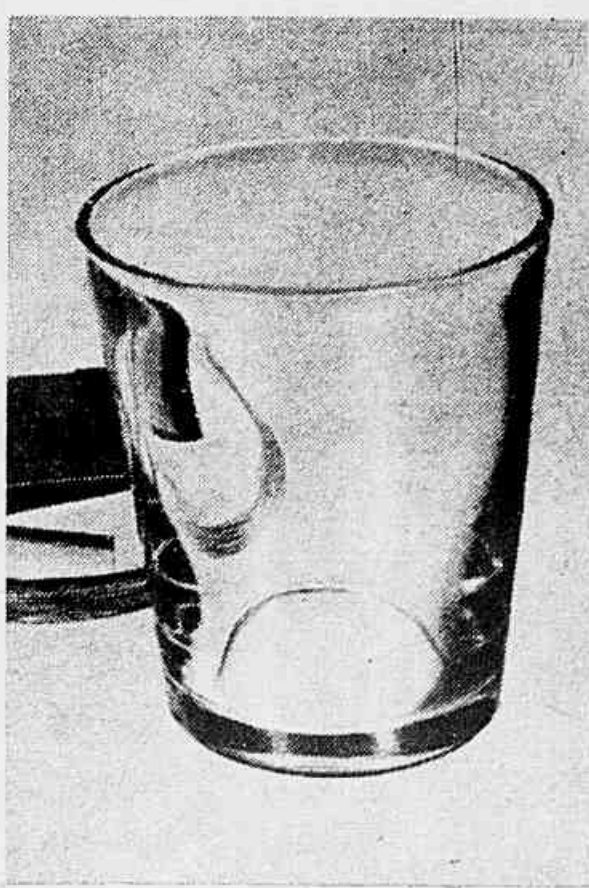
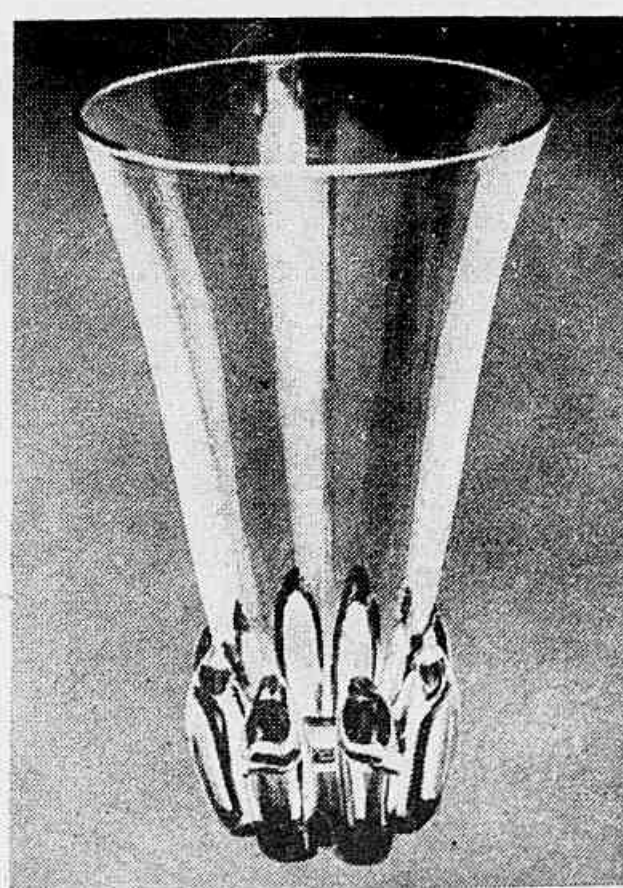
Ao lado dessa fabulosa compreensão do dever e da responsabilidade profissional fica a comovente honestidade revelada no total dos casos por todas essas abelhinhas zumbidoras, que esquecem o rigor da atenção de labuta, contando casos e pilherias inofensivas, honestidade facilmente comprovada desde o primeiro momento da aprendizagem e que os seus chefes não se cansam em apregoar, tão natural lhes parece.



Beleza transpa- rente



V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.



Vidros polidos, duros e cintilantes como o gelo, são uma das coisas mais agradáveis para se ter em casa.

Além disso, falando praticamente, têm uma superfície fácil de conservar limpa e não estão na lista de racionamento. Portanto, se antigamente a leitora tinha cinzeiros e vasos de metal é muito mais fácil tê-los agora de vidro.

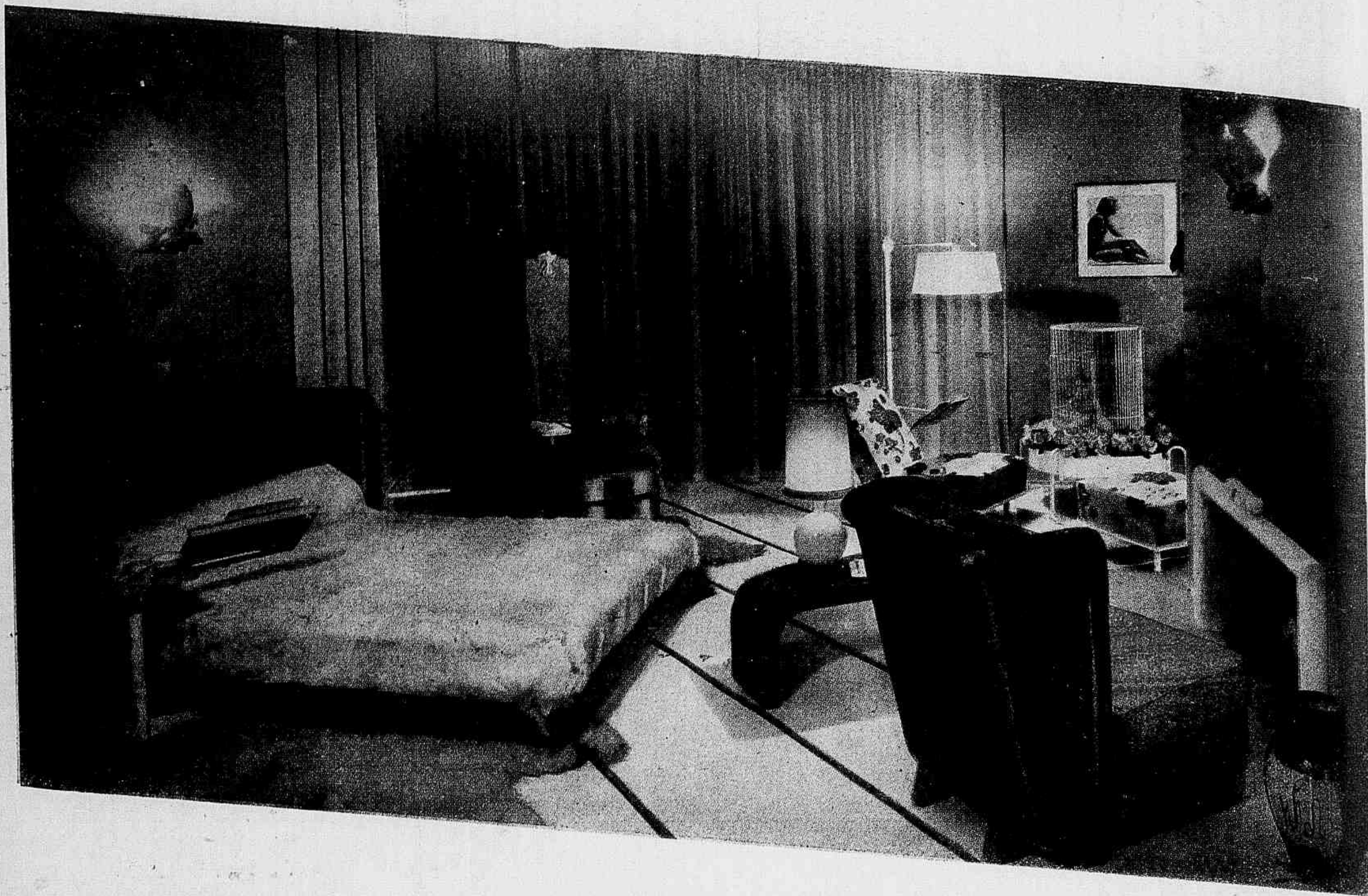
As peças mostradas nesta página são da maior simplicidade no desenho, deixando assim que o artigo fale por si mesmo.

Esta simplicidade está em feliz concordância com o gosto moderno e foge completamente ao elaborado e complicado estilo do começo do século. Ao mesmo tempo difere das formas ousadas mas sem finalidade, que chamamos modernas, somente por serem diferentes.

Seria agradável que essa simplicidade direta e sã expressasse a nossa época.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



NOVIDADES

PARA quem deseja conservar, na exiguidade de um aposento moderno, a nota alegre e variada de todos os objetos queridos, numa distribuição harmoniosa e leve, que dê uma acentuada idéia de originalidade e ao mesmo tempo de distinção, aqui está o que conseguiu realizar um bom decorador: — leito baixo, com a cabeceira curva forrada em setim capitonné — motivo delicado que se repete na grande poltrona estofada junto á chaminé exhaustora e ao longo de todas as paredes; concorrendo para suavizar a luz intensa da janela, decorada com amplas cortinas de "voile"; tudo o mais — os "abat-jours", a poltrona-liseuse, estofada com linho estampado, que se pôde alongar com a banquetta solta; a penteadeira em semi-circulo... e até o canarinho na gaiola rodeada de flores viçosas — tudo está no "jeito" e no lugar exato para proporcionar conforto. Como nota final, observe-se o atapetado do "chão", executado em passeadeira aveludada, de que aparecem, propositalmente acentuadas, as costuras das emendas.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

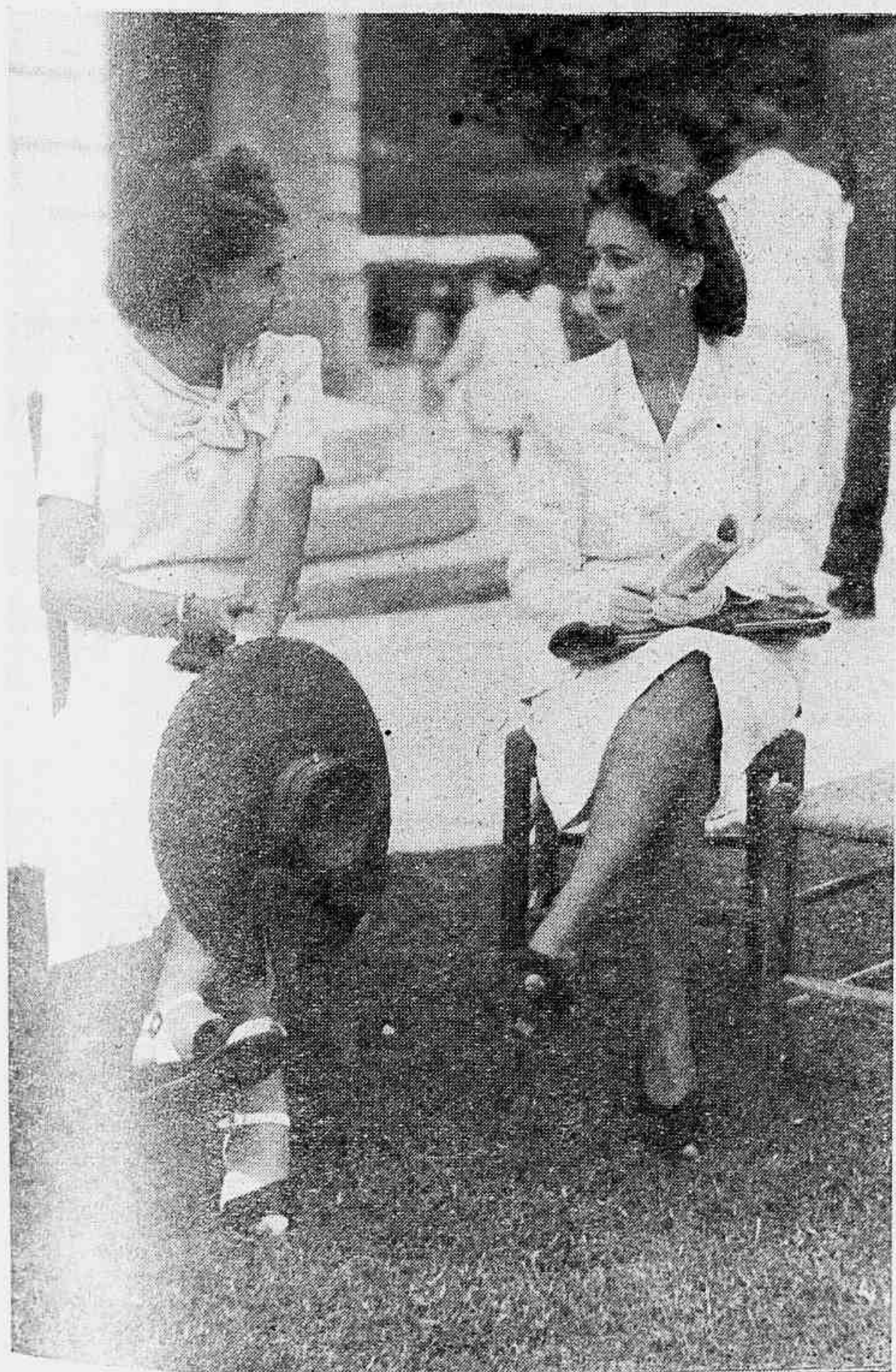
UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

JOCKEY CLUB MUNDANO



Mais uma corrida da temporada de Verão realizou-se domingo no Hipódromo da Gavea. Numerosa assistencia ali compareceu afim de assistir aos diversos páreos. "Spitfire" produziu excelente performance, vencendo a prova principal do programa. Nesta pagina, aspectos sociaes.



A Guerra em todas as frentes

(Serviço exclusivo, por via aérea, para a REVISTA DA SEMANA)



DALGUMA PARTE DA TUNISIA - Por via de fontes neutras, esta fotografia atingiu os E. Unidos. Mostra o preocupadíssimo general Walter Nehring (à direita), comandante das forças do Eixo na Tunísia, e o marechal Erwin Rommel, comandante dos Afrikakorps, ainda mais preocupado, conferenciando nalguma parte da Tunísia. Depois de tomada esta foto, as preocupações do general Nehring se aliviaram, pois foi substituído pelo general Jürgen.



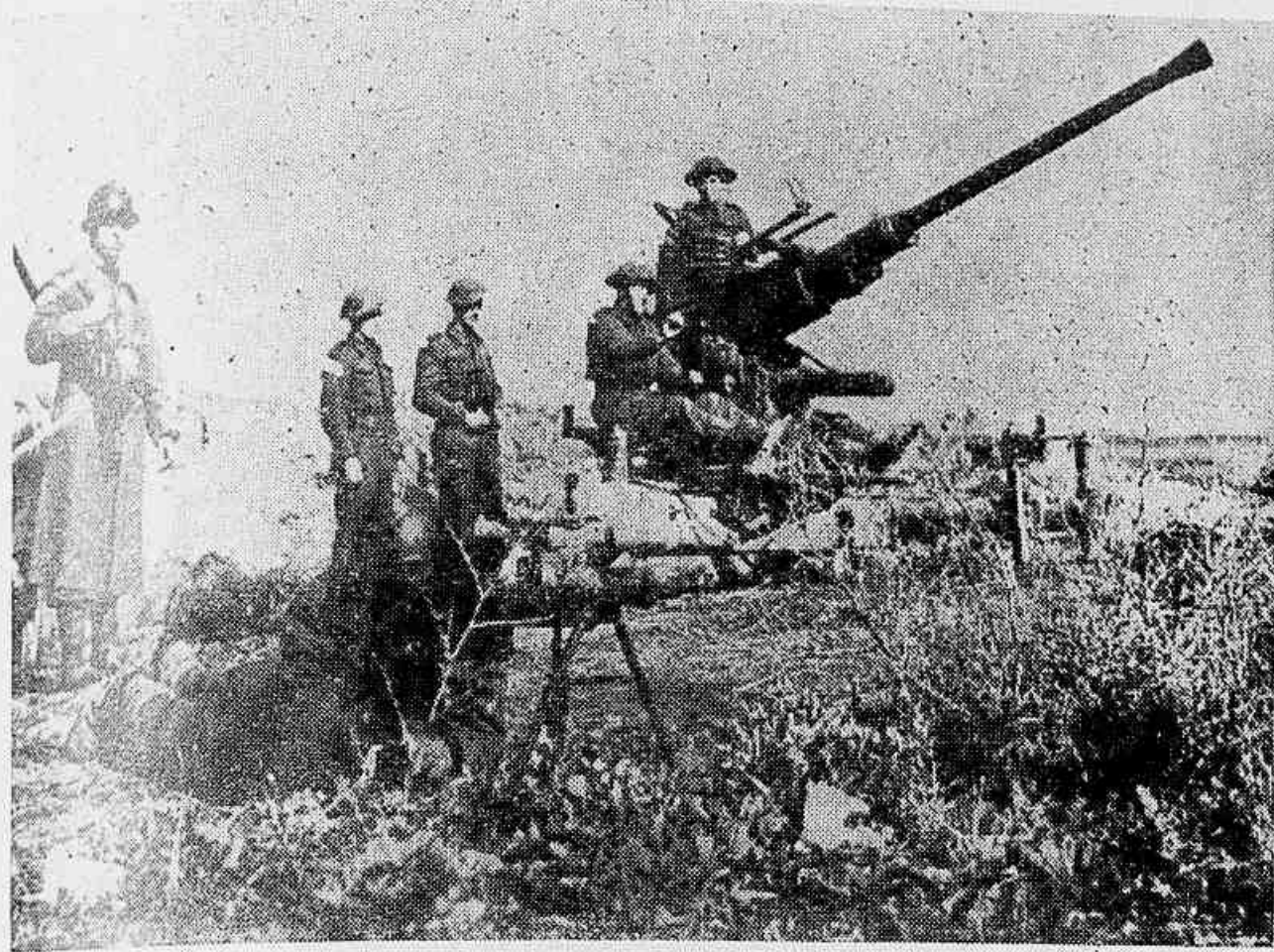
OTAWA, CANADA - O príncipe Bernhard, marido da princesa Juliana, da Holanda, com sua terceira filha, a princesinha Margrieta Francisca, há pouco nascida. É a primeira princesa real a nascer na América do Norte.



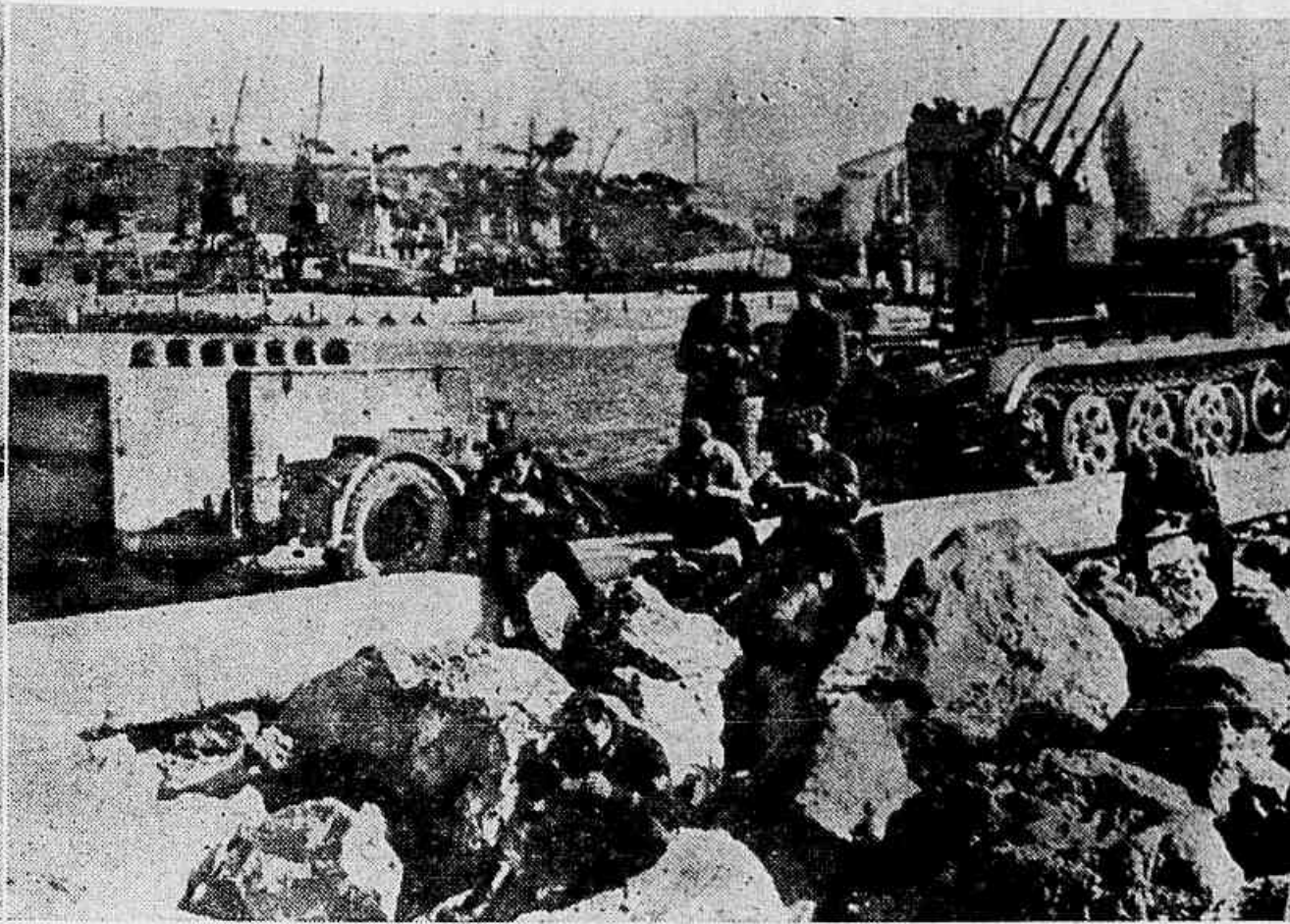
MALTA - Moradores da cidade mais bombardeada do mundo, tomando um pouco de sol do Mediterrâneo, enquanto se entregam às suas ocupações diárias, fora das casas abertas na rocha, depois que seus lares foram destruídos pelos incessantes bombardeios da ilha.



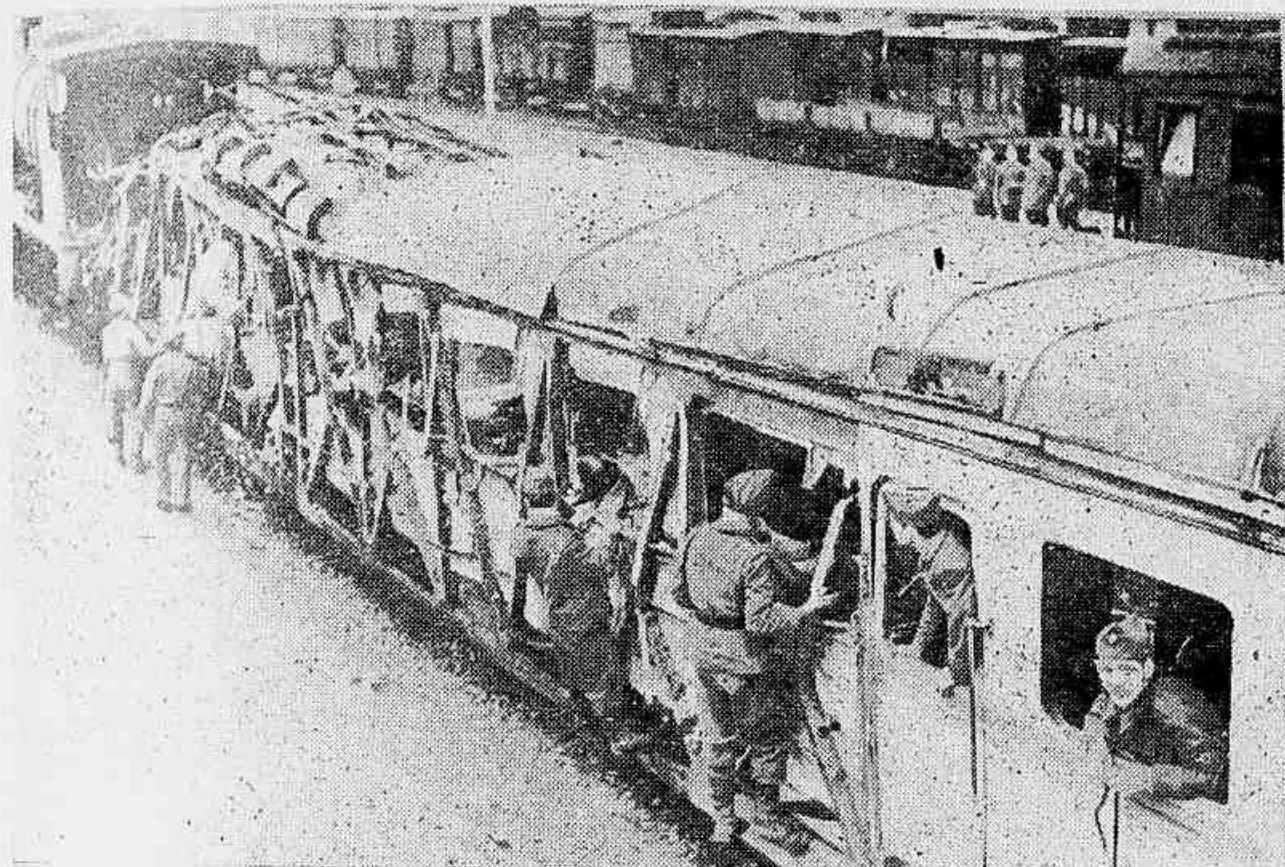
MALTA - Um guri de Malta, parecendo imperturbável diante do inferno vivo em que se transformou a ilha, sob bombardeios aéreos quase diários, contempla o céu, em ar de desafio, esperando que a família volte para casa. A topografia rochosa da ilha permitiu que os habitantes tenham seu abrigo próprio, em grutas abertas na pedra.



TUNISIA - Desde Dunquerque, é a primeira vez que estes capacetes franceses, bem conhecidos, são vistos ao lado dos famosos "chapéus-de-lata" dos ingleses. A guarnição da metralhadora francesa está protegendo a guarnição inglesa do canhão anti-aéreo, contra um possível ataque por terra.



NEW YORK - Uma bateria de canhões anti-aéreos montada num "tank" parado num angulo do grande porto francês de Marselha, enquanto a guarnição faz um "lunch" no primeiro plano. Ao fundo, alguns dos grandes guindastes com que o porto é equipado. A fotografia atingiu os E. Unidos, por meio de uma fonte neutra.



TUNISIA - A marca do feitio de guerra alemão é a mesma, seja na Belgica, na Polónia ou no Norte da Africa. Aqui está um trem-ambulancia dos aliados, marcado com a Cruz Vermelha, símbolo internacional de misericórdia, mas transformado em alvo pelos nazistas.



TUNISIA - Vemos aqui as ruínas duma vila tunisiana, depois dum pesado raid da Luftwaffe. Os nazistas têm efetuado vários raids desta especie, na vã tentativa de deterem o avanço das tropas inglesas e americanas, no setor do norte da Africa. Isto foi na primeira fase da luta. Agora os aliados dominam os ares e são os nazistas que por sua vez lhes servem de alvo.

COMO UM PILOTO BRITANICO CAPTUROU UMA LANCHAS DE PATRULHA

(Exclusivo da B. N. S. para a REVISTA
DA SEMANA)

Reproduzimos aqui o relato de como o piloto de um bombardeiro britânico, que caiu ao mar no canal da Mancha devido á irrupção de um incendio a bordo, capturou uma lancha de patrulha alemã e sua equipagem de 2 homens, conduzindo-os para a Inglaterra.

O piloto voltava de um "raid" sobre a Alemanha. Seu artilheiro fôra gravemente ferido o que o impedia de saltar em paraquedas. Quando o aparelho caiu ao mar, o artilheiro foi lançado fôra, ficando a boiar sobre as aguas.

O piloto havia apenas conseguido içar o companheiro sobre a jangada de borracha quando uma lancha de patrulha alemã surgiu para aprisioná-los. Foram conduzidos para o salão e interrogados. Um dos alemães subiu ao deck enquanto o outro revistava o artilheiro que havia perdido os sentidos. Enquanto procedia á busca, o nazista depositou seu revólver sobre a mesa. O piloto apoderou-se da arma, e alvejando o alemão subiu a escadinha atirando-se então sobre o outro que fez descer, fechando-o juntamente com o primeiro na casinha do piloto.

Para evitar o perigo dos "Spitfires" da patrulha da costa, o piloto tratou de pintar as insignias britânicas na lancha com um pouco de tinta que encontrou num armário.

Então intimou os dois nazistas a descerem para a jangada de borracha depois de tê-la amarrado á lancha. Depois de administrar algum conforto ao artilheiro ferido, o piloto dirigiu a lancha, arrastando os dois alemães assombrados, rumo á Inglaterra, onde os entregou ás autoridades.



INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE

OFICIALIZADO E FISCALIZADO PELO GOVERNO FEDERAL

ENSINO COMERCIAL

CURSOS DE ADMISSÃO PROPEDÊUTICO
CONTADOR E ESPECIALIZADOS

Fundado em 1927 e mantido pelo Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro.

Já habilitou centenas de administradores de grandes organizações.

E' a Escola que maior número de aprovações tem alcançado para os seus contadores, quer nos concursos do D.A.S.P., quer em diversas empresas industriais e comerciais.

Magnificamente instalado no edificio da Associação dos Empregados no Comércio, à AVENIDA RIO BRANCO 118/120 — telefones 42-9960 e 42-9952.

Contribuições mensais módicas, com grande redução para os sócios e filhos de sócios.

Mantem excelente biblioteca à disposição de seus alunos e associados, além de uma Revista de Assuntos Técnicos, distribuída gratuitamente.

Unico estabelecimento de ensino no Brasil que garante um peculio "post-mortem" de Cr\$ 5.000,00 à família do aluno.

A melhor Escola de Comercio
NO MAIOR
Edificio dos Comerciarior

DIREÇÃO

PRESIDENTE

Dr. J. F. de MORAIS JUNIOR

DIRETOR

Dr. PAULO LIRA

VICE-DIRETOR

Prof. JULIO NEIVA

SUPERINTENDENTE

JOSÉ GONÇALVES FERREIRA JUNIOR

SECRETARIO

JOSÉ BREVES

FISCAL GERAL

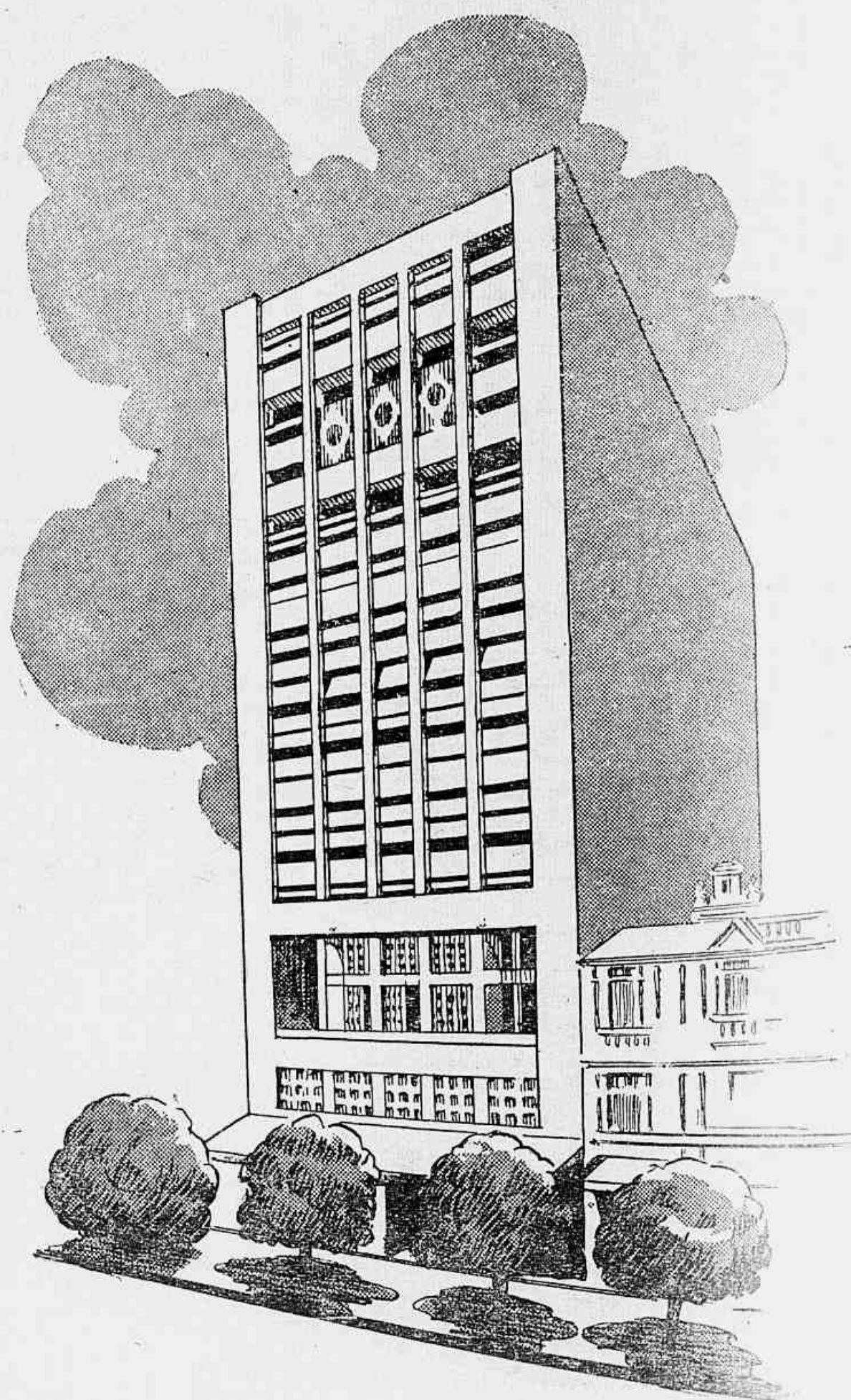
Dr. ARISTOTELES POCH

Acham-se abertas até 28 de fevereiro as matrículas para os cursos propedêutico e de contador, bem como as do curso de admissão.

Matricule-se hoje mesmo.

Informações pelos telefones 42-9960 e 42-9952.

Prospectos à Avenida Rio Branco 118/120, 12.º andar.



vezes há atualidade em recordar uma guerra histórica. Isto dizemos para aqueles que possam perguntar: Por que nos preocupamos com a Guerra dos Sete Anos quando estamos no meio da segunda Guerra Mundial? Os historiadores são perigosos; é certo que podem ser tomados como cavalos de batalha. Não é nosso desejo criar a impressão de que o Exército Vermelho esmagará Hitler — com sua máquina de guerra nazista — porque o Exército russo tomou Berlim em 1760, ao passo que o Exército Alemão, o Prussiano, nunca se apoderou de San Petersburgo (Leningrado) ou Moscou. Mas é útil nestes dias, quando a humanidade segue com apaixonado interesse o desenvolvimento da luta na Frente Oriental, mostrar como o modelo hitlerista, em virtudes militares e políticas, Frederico o Grande, foi franca e repentinamente derrotado por um Exército Russo, habilmente dirigido e atraído até o extremo, a tal ponto que numa ocasião teve que obedecer às ordens dos chefes para vencer o inimigo.

Hitler herdou e desenvolveu, em um princípio político geral, duas idéias puramente militares de Frederico. Estas podem sintetizar-se em dois aforismos:

1 — O soldado deve temer o bastão do cabo, mais do que ao próprio inimigo.

2 — “O marechal de Soubise” (comandante francês em Rosebach, 1757) “deseja que o preceda uma centena de cozinheiros, mas eu prefiro ser precedido por uma centena de espíões”.

Ai estariam as sementes da futura “Nova Ordem” e seu elemento, a “Quinta Coluna”.

Frederico criou o mito de sua invencibilidade, o mesmo que lhe daria muitas vitórias ainda antes de começar uma batalha. Hitler tem sido, sem dúvida alguma, um bom imitador.

Frederico foi derrotado por um Exército Russo comandado pelo traidor Apraskin. Ele e sua “disciplina de garrote” acabaram batidos pelo heroísmo e espírito de sacrifício dos russos, que haviam chamado “essas tropas miseráveis”.

Um jovem oficial russo que recebia seu batismo de fogo na batalha de Kunersdorf — a segunda derrota de Frederico em mão dos russos — claramente viu que a disciplina cega, baseada no temor, não podia resistir contra o princípio de que “cada guerreiro deve compreender sua manobra”. Esse jovem oficial seria o futuro Marechal de Campo Alexander Suvorov, cujo grande “princípio de vitória” não só encarnou no Exército Vermelho como também se desenvolveu até seu mais elevado grau.

Sim, a história da Guerra dos Sete Anos possui grande atualidade hoje, quando a reprodução deformada de Frederico no Século XX recebe uma boa surra dos bisnetos dos heróis de Gross Jagersdorff, Kunersdorf, os homens que entraram em Berlim no dia 10 de outubro, de 1760.

No ano anterior, aos 12 de agosto, Frederico reuniu todas suas forças para a ofensiva Kunersdorf contra os exércitos aliados austro-russos. A França, que também pelejava frente aos prussianos, acabava de sofrer uma derrota em Minden.

A batalha de Kunersdorf, devido à natureza do terreno, teve lugar em uma frente estreita. Tudo dependia, pois, da resistência e do valor dos soldados. Frederico mandava pessoalmente em suas forças, a tal extremo que perdeu dois de seus cavalos no ataque. Mas tudo foi em vão; os russos resistiam tão firmemente como rochas. Quando se fez claro que os esforços para derrotá-los eram inúteis, a desmoralização dos prussianos começou.

Vendo que sua infantaria fracassava, Frederico lançou ao ataque sua excelente cavalaria, mas a russa, mandada por Rumyantsev, com



Catarina da Rússia, que derrubou o marido, Pedro III, depois de seu traiçoeiro entendimento com Frederico.

Em 1760 os Russos capturaram Berlim

a ajuda da austriaca, dispersou os jinetes prussianos e atacou a infantaria inimiga. Simultaneamente os batalhões russos entraram em ação, forçando a ponta de baioneta a retirada dos prussianos que saíram fugindo de Kunersdorf.

O arrogante Frederico, agora humilhado, escreveu estas palavras: “Lamento estar vivo agora. De um exército de 48.000 homens, restam-me escassamente 3.000. Assim mesmo estão em fuga. Eu já não tenho poder algum sobre eles. Cheguei ao fim de meus recursos e creio que tudo está perdido”.

No verão de 1760, os exércitos russos retomaram a ofensiva. Em fins de julho sitiaram Bresláu, mas não puderam chegar a capturar a cidade, devido aos fortes reforços que receberam os prussianos.

Depois de vários meses de marchas inúteis, Fermor, que estava atuando como comandante em chefe dos exércitos russos durante a enfermidade de Saltykov, ordenou que se organizasse uma marcha para Berlim, não esperando tomar a cidade sinão com o propósito de desmoralizar o inimigo.

Fermor destinou a essa ação dois corpos de exército. Um, sob o comando de Totleben, constituído de dois regimentos e quatro batalhões de granadeiros, oito regimentos de cavalaria e quinze canhões. O outro, comandado por Zachary Chernyshev, estava integrado por sete regimentos de infantaria. Ambas as unidades iniciaram a marcha por diferentes rotas para o mesmo objetivo. Os principais exércitos russos, enquanto isto, faziam operações destinadas a apoiar o movimento sobre Berlim.

Depois de sete dias, a unidade de Totleben esteve à vista de Berlim. A aparição das forças russas deixou os prussianos pasmados.

A guarnição de Berlim estava composta de vários batalhões de infantaria e dois esquadrões de cavalaria. O comandante da praça desejava abandoná-la sem lutas, mas Levaldt, que estava cuidando de seus ferimentos em Berlim, e Seidlitz, chefe da cavalaria prussiana, o persuadiram a lutar.

A 10 de outubro de 1760, os membros do parlamento da Prússia apareceram na Porta de Kottbus e anunciaram a rendição de Berlim. Os prussianos firmaram rapidamente a capitulação com Totleben antes de que Chernyshev pudesse chegar a Berlim. Um ano mais tarde soube-se que Totleben estava vendido a Frederico II.

No ano seguinte, a 16 de dezembro de 1761, as forças de Frederico foram derrotadas em Colberg, a cidade que, segundo ele, “não podia perder”. Um acontecimento inesperado veio salvar Frederico de um desastre completo. A 5 de janeiro de 1762, dia em que anunciou em San Petersburgo a vitória de Colberg, morreu a Imperatriz Isabel subindo ao trono Pedro III. O primeiro passo que deu este último consistiu em enviar o Conde Gudovich para que expressasse sua boa amizade a Frederico, que aproveitou a

situação, firmando um armistício em meados de março.

Pedro III, além disto, devolveu ao rei da Prússia todo o território que havia sido ocupado pelos soldados russos e estabeleceu uma aliança com ele. Esta situação levantou uma onda de indignação no seio da aristocracia russa. Catarina, que desde algum tempo não se dava muito bem com seu consorte, aproveitou-se da situação e o destronou a 9 de julho de 1762. Catarina anulou a aliança com a Prússia, mas ratificou o tratado de paz. Meses mais tarde, em fevereiro de 1763, outro tratado de paz foi firmado entre a Prússia, a França e a Áustria, dando por terminada a Guerra dos Sete Anos.

Apesar de todas as campanhas de Frederico o Grande, o mapa da Europa continuava sendo o mesmo. Custou caro ao líder prussiano compreender que o Espírito da grande nação eslava era indomável. Outro líder germanico está também pagando um preço bem alto pelo mesmo equívoco. Nunca na história a Prússia dominou a Rússia.

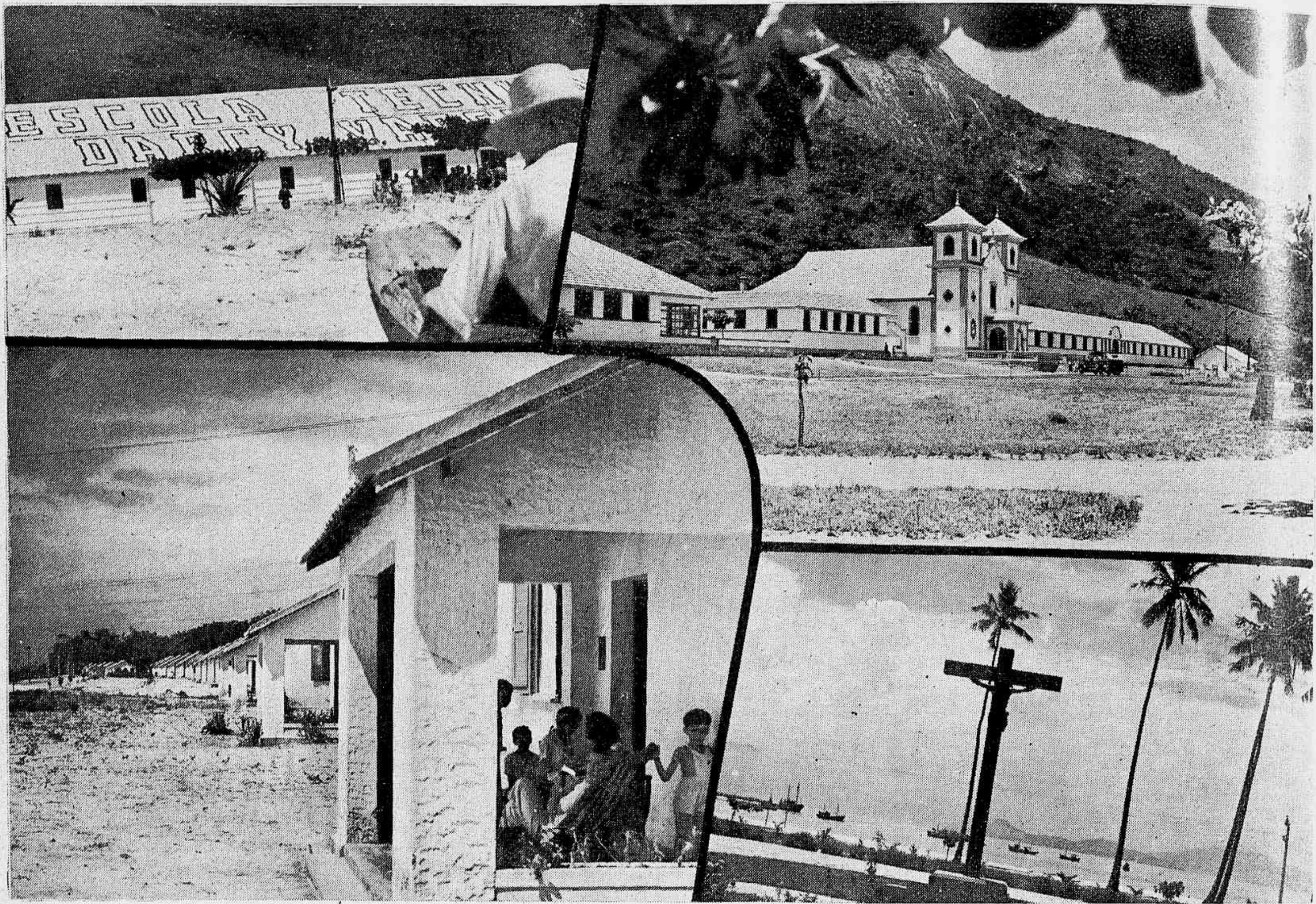


Frederico, o Grande, inspirador de Hitler e que foi derrotado pelos russos.



Pedro III, czar da Rússia, o primeiro Chamberlain que pretendeu apaziguar a Prússia,

A Marambaia de ontem e de hoje



ONDE AS LUZES DO ENSINO ARREDARAM AS SOMBRAS DE UMA TRADIÇÃO PENOSA

A ilha da Marambaia - onde se instalou o primeiro estabelecimento do ensino da industrialização da pesca, no Brasil, a Escola Técnica Darcy Vargas - localização privilegiada, de panorama empolgante, viveu até menos de quatro anos passados como um rincão presago de tradição opressora.

Era na Marambaia, pela época sombria do Cativoiro, que os escravagistas recolhiam as levas de africanos, afim de fazê-los engordar, recuperando forças antes de serem expostos nos mercados da Côte. A ilha, mesmo passado longo tempo sobre o advento liberatório, continuou insalubre, impraticável para moradia. Hoje, saneada,

provida de iluminação elétrica, a força motriz das usinas captada na própria Serra da Marambaia, onde se represaram fartas nascentes, a ilha se tornou um ponto alto na história da reconstrução do país e uma afirmação iniludível das possibilidades maiores da independência econômica brasileira.

A transformação dessa ilha tradicional em um grande centro de industrialização da pesca pôde ser observada nas fotos acima, que apresentam: a atracação de pequena canoa na praia onde fica o Armazem da Cooperativa dos Pescadores; a fachada da Escola Técnica Darcy Vargas, com o seu templo católico; um detalhe do bairro residencial, mostrando o tipo standard das casas, dos pescadores locais; e um aspecto da enseada de Marambaia, com a flotilha da Escola Técnica surta no porto.

O ANIVERSARIO DO "CORREIO DA NOITE"



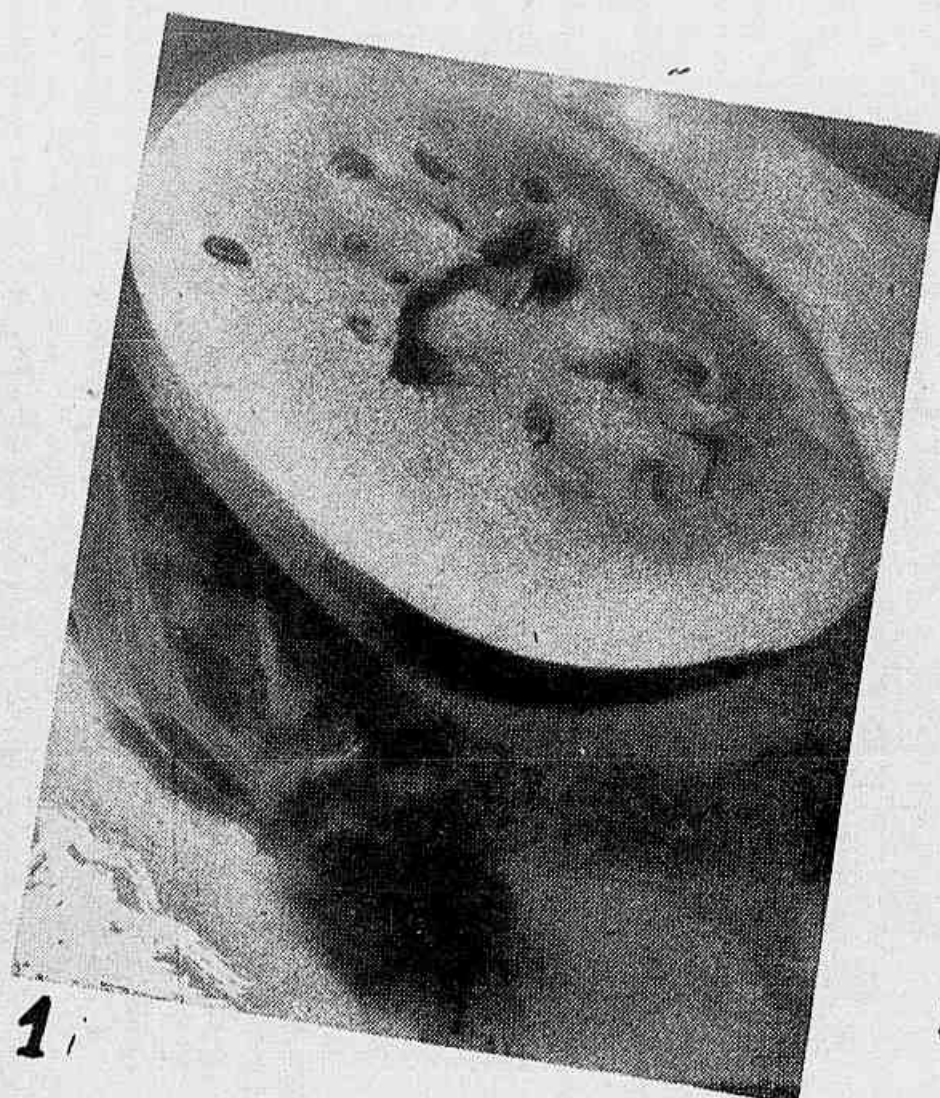
ANIVERSARIO DO "CORREIO DA NOITE" — No dia 21 de Janeiro passado, aniversário do "Correio da Noite", desta Capital, houve missa solene na Candelaria celebrada por Mons. Heitor de Magalhães, com o templo repleto. E foram batizadas nas oficinas do "Correio" duas novas máquinas pelo Revmo. Padre Inácio de Almeida Leal, as quais receberam os nomes de "Suzette" e "Yara", das filhas do Dr. Mario Magalhães, diretor do conceituado diário.

As garotinhas têm nesta página alguns modelos de vestidinhos leves. A mamãe não terá trabalho em escolher o que fique melhor para sua filha. Apostamos que com qualquer um deles ela ficará um amor...



MODA INFANTIL





1



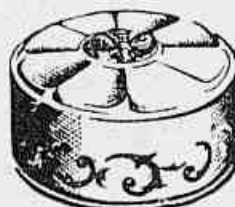
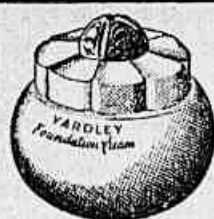
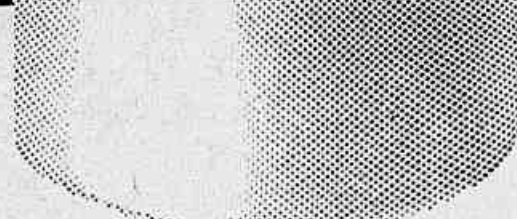
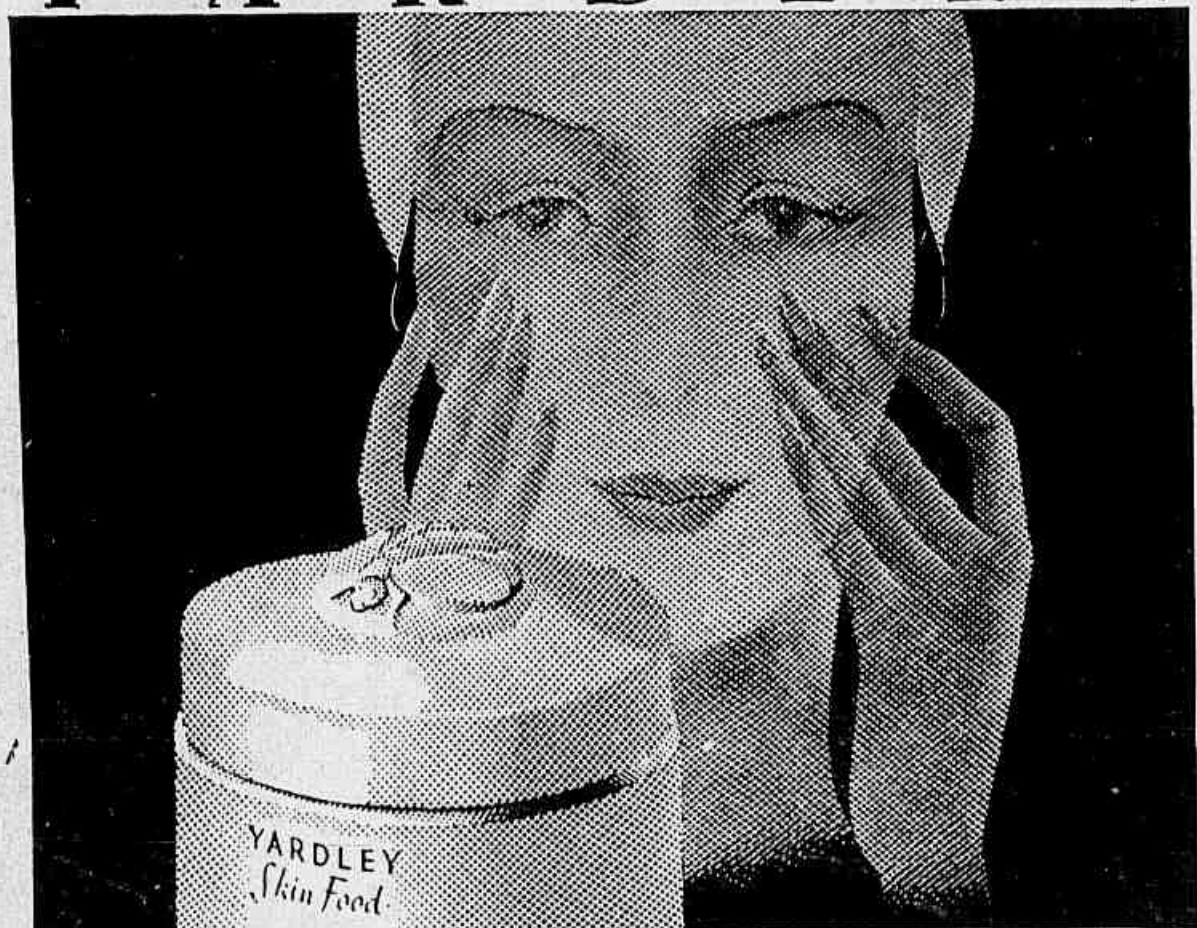
2



3

SALADAS DE BELEZA

O Caminho da Beleza com YARDLEY



Os complicados processos de beleza já estão fóra da moda. O sistema de Yardley para o cuidado da pele, procurando realçar a beleza natural da cutis, é agradável porque é simples e seguro. Os Cremes e loções Yardley, poucos, mas essenciais, contêm tudo o que é necessário para purificar e dar à sua cutis um encanto

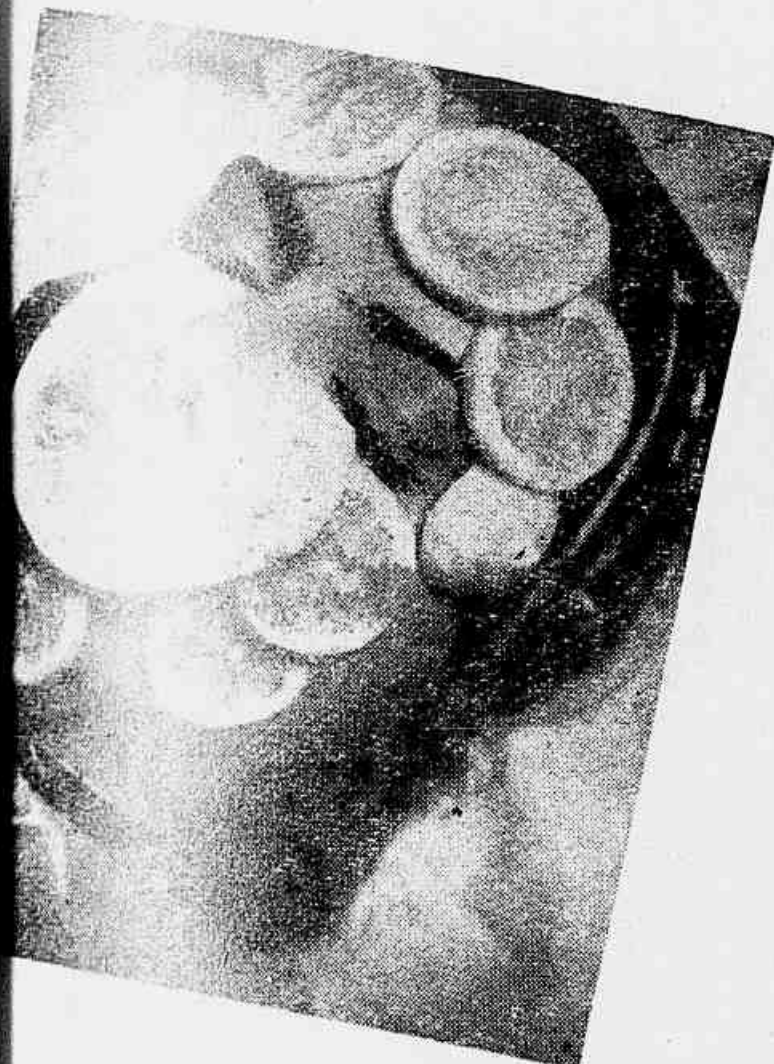
juvenil. Os retoques finais, com o delicado Pó de Arroz Yardley, o Baton e o Rouge, na tonalidade apropriada à sua pele — lhe darão um encanto pessoal de pureza e aristocracia.

Para o Cuidado da Pele
Alimento para a pele • Loção Tônica • Creme de Limpeza Liquescente • Leite para a Cutis.

Para Maquillage
Creme Base • Pó de Arroz Bond Street • Baton • Creme Rouge.



5



1—Esta máscara singular, que mais parece máscara de guerra chinesa, é feita com uma fatia de melancia.

2—As cenouras serão comidas? Puro engano, as raízes ficaram para os coelhos. Estas rodela são apenas de uso externo.

3—Aqui temos um prato de pepinos. Uma fatia na testa, sobre os olhos, sobre os lábios, sobre o queixo.

4—Fritas misturadas. Rodelas de limão colocadas como um quadrante de relógio, uma fatia de laranja em forma de centro.

5—Linda alface bem repolhuda é distribuída, folha por folha, sobre o rosto, que mais parecerá então uma bela saladeira.

6—Ei, finalmente o laboratório da beleza moderna. Ela cobre com frutos e legumes em fatias o rosto das suas clientes, dóceis, dispostas a todos os suplicios. Que não fariam elas para recuperar a mocidade, uma tez provocante, tornarem-se de certo um primor?



Os americanos não receiam nunca, não hesitam, em por em prática as suas teorias. Não têm a menor hesitação em enfrentar o ridículo. Dizem que os legumes crus e as frutas frescas dão uma linda pele, que tudo quanto é bom para o estomago, para ser comido cru, serve para a pele: esta a teoria. Na prática, isto leva à cura mais sensacional "in the world".

A paciente envolve-se num impermeável e deita-se. Cobrem-lhe o rosto com guardanapos quentes para preparar a pele, abrir os poros. Vem depois a colocação de fatias frescas: pepino, tomate, cenoura, laranja, pêssego, limão, alface, couve, etc. Tudo serve. De meia em meia hora, renovam essas compressas vegetais. Repetem a mesma espécie, ou variam, podendo misturar, combinar a máscara, como se fosse uma salada russa. Os sucos, os caldos, impregnam-se na pele.

Quanto sofre a mulher para ser bela! Mas, os cuidados de beleza como são indispensáveis também! Este martírio proporcionado por frutas e legumes ultrapassa a imaginação. Como aconselhar a uma criatura perder seu tempo, gastar sua paciência para sofrer um tratamento na aparência tão ridículo? É impressionante. Mas enfim...

Pelos "clichés" que ilustram esta notícia, poderão as leitoras acompanhar a idéia das máscaras ou saladas de beleza, escolhendo as frutas ou legumes que fiquem mais de acordo com a necessidade da pele.



*Às 10 horas,
já sentia
fome...*

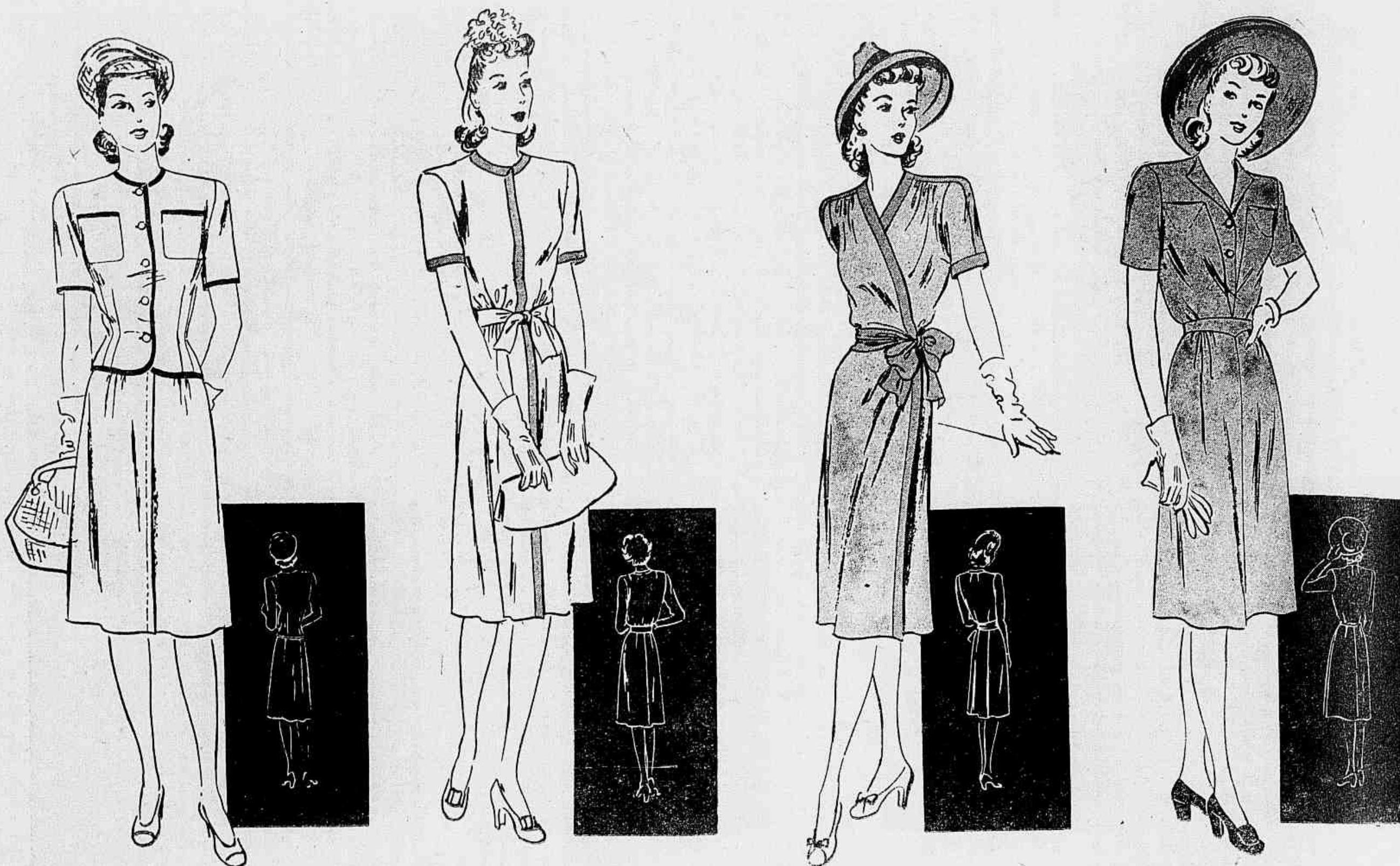
...isso é sinal de alimentação inadequada. Tome, pela manhã, um mingau de Quaker Oats para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats assegura uma reserva alimentar para a manhã toda. Quaker Oats é de gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá 9 peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade
asseguram maior rendimento por lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.





Modelos praticos e elegantes

**JÁ NOTOU
COMO E'
AVELUDADO
O BATON MICHEL?**

Êste baton dá aos seus lábios tudo quanto possa desejar: suavidade, proteção e beleza. Não se surpreenda, portanto, se, depois de poucas aplicações do Baton Michel, seus lábios adquirirem a suavidade e a delicadeza dos lábios infantís.

O aveludado do Baton Michel deve-se ao emprego de óleos preciosos, dosados numa incomparável fórmula científica, o que faz do Michel o baton mais permanente de quantos já lhe tenha sido dado experimentar.

Comece, hoje mesmo, a dar proteção e beleza a seus lábios, com o Baton Michel, que oferece à sua escolha, numa ampla escala de tons, aquele que maior encanto dará aos seus lábios.

pergunta
GEORGETTE MICHEL
da Michel Cosmetics, Inc.,
de New York



10 SEDUTORAS TONALIDADES:
AMARANTH - VIVID - CHERRY
BLONDE - BRUNETTE - RASPBERRY - SCARLET - CYCLAMEN
CAPUCINE - AMAPOLA

Quatro tamanhos: De Luxe Grande - Popular - Pequeno

Em guarda! Para proteção da beleza!
Para proteção do nosso hemisfério!

BATON *Michel*

MICHEL COSMETICS, INC., NEW YORK



Para estes dias de verão indeciso, complicado de chuvas torrenciais, apresentamos aqui meia dúzia de modelos a que poderíamos quase chamar de meia estação: o essencial, porém, é que são todos graciosíssimos.





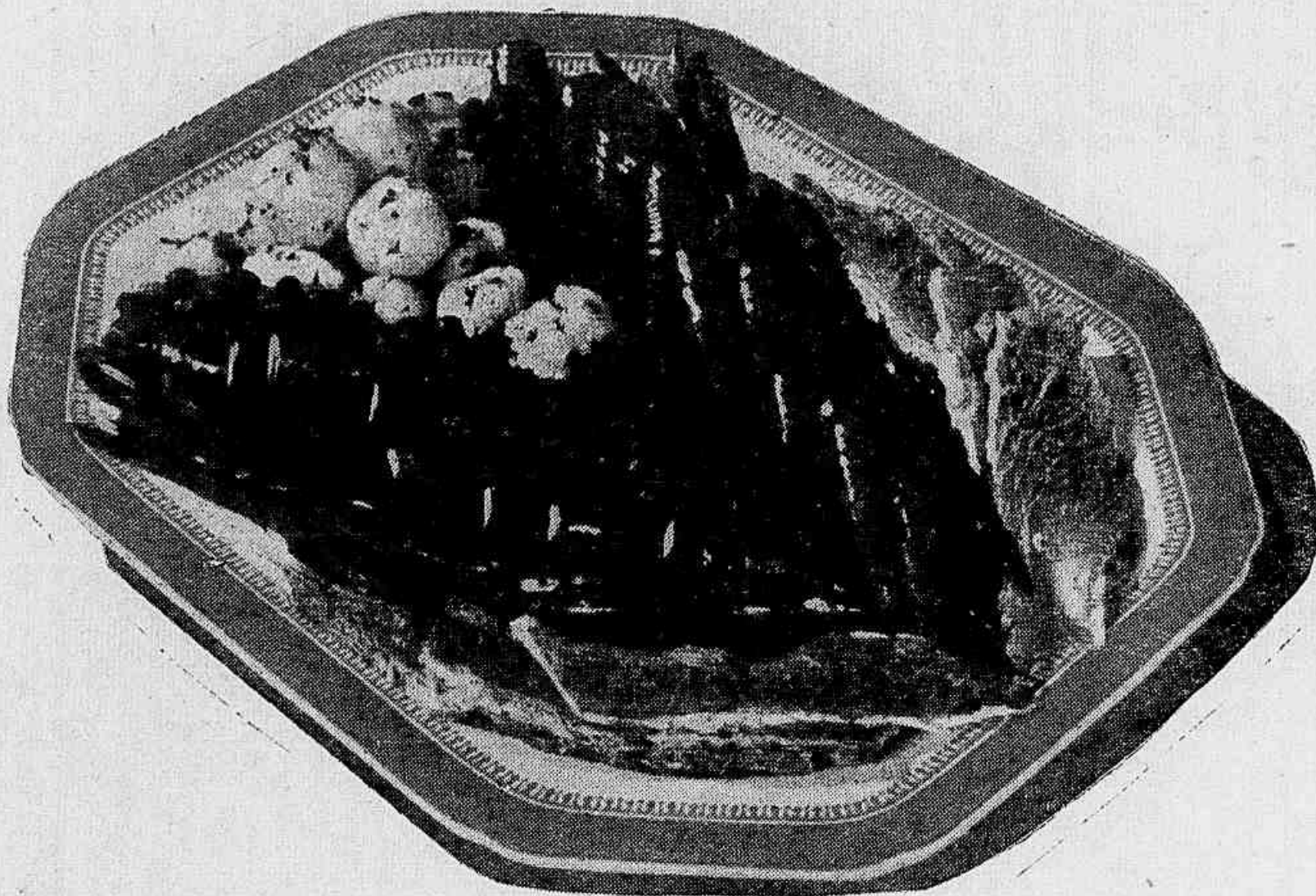
BLUSAS

Se para a mulher que pôde fazer "week-end", gozar de férias mais prolongadas na montanha, em altitude, o agasalho se impõe, para a que permanece na cidade, ou junto da praia, a "toilette" mais leve é a preferida. Dá-se que a blusa continua constituindo um elemento indispensado por toda mulher faceira! Proporciona-lhe ensejo para variar sempre para parecer mais jovem. Que haverá mais lindo que uma blusinha de renda, de "tricot" feita pelas mãos habilidosas daquela que alia assim o dom de ser prática ao da elegância? A renda é de tanta cerimônia quanto o "tricot" de que hoje são feitos até vestidos de noite, com mescla de fios de ouro, e prata... Por agora darei somente algumas sugestões para aplicação do filô, sempre tão requintadamente distinto. A cor mais indicada é sempre aquela que melhor se harmonise com o tom da pele e com o fim a que é destinada a blusa. Creme, écreu, rosa, ou mauve para completar um costume tom sable, negro ou marinho; branco, naturalmente, quando a blusa for destinada a algum costume branco. A blusa n.º 12 é toda franzida na frente. Os fios são passados de três em três centímetros, segundo indica a gravura. Tecido necessário - 2m.50 em 120 centímetros. A frente da blusa n.º 13 é também toda trabalhada em franzidos, num espaço de 10 cent. A mesma guarnição aparece atrás e nas mangas. Os botões em pérolas são lindos e indicados para esse modelo. Tecido necessário - 1m.50 num metro e 20. Toda a frente da blusa n.º 14 é guarnecida de franzidos horizontais, guarnição repetida nas mangas, sendo para observar que para o filô o franzido se impõe e no caso deste modelo concorre para dar mais amplidão. Os laços são do mesmo filô. Tecido necessário - 2 ms. em 1m.20. A blusa n.º 15 é guarnecida com bordados ponto de alinhavo, formando pequeninos triangulos) leva dos lados pregas chatas de 2cm. 1/2. Pequena gola é oficial, com uma gravatinha em que é repetido o mesmo bordado. Os pequeninos botões devem ser de seda e em forma chata, de preferência do mesmo tom do filô. As mangas têm o mesmo bordado. Tecido necessário: 2m.50 com um metro e 20. Segundo orienta o "cliché", são estas blusas muito elegantes tanto para completar costumes, como para serem usadas com sãia longa, constituindo "toilette" de jantar.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

SALADAS



MAYONNAISE EM PRATINHOS

Parta três pés de alface paulista, corte em tiras fininhas e forre 12 pratinhos fundos de cristal. Cozinhe 2 beterrabas regulares, descasque e rale. Tome 2 cenouras cruas, raspe e rale. Cozinhe 1 quilo de camarões, descasque e parta aos pedacinhos. Descasque 2 maçãs e parta também em pedacinhos. Cozinhe 3 xuxus e parta da mesma forma. Misture os xuxus, as maçãs e os camarões, e coloque em pirâmide nos pratinhos, deixando a alface em volta. Com uma colher de café deite três montinhos de beterraba intercalados com três outros de cenoura. Faça um molho mayonnaise, deite no "saco de ornamentação" e borde em torno das pirâmides.

MOLHO MAYONNAISE

Bata muito bem 2 gemas frescas, junte 1 colher de chá de sal, bata e vá deitando 1/2 chicara de azeite, gota a gota no principio, deixando depois cair por um fio, sempre batendo fortemente. Adicione então 1/2 colher de caldo de limão e continue a bater deitando o azeite sempre por um fio até ter empregado outra 1/2 chicara. Junte mais meia colher de limão, bata algum tempo e termine com 2 colheres de creme de leite ou de leite posto aos poucos, e batendo todo o tempo. Se ficar mole, junte mais azeite até obter a consistência desejada.

SALADA RUSSA

Cozinhe 3 batatas, 4 cenouras, um bocado de vagens e uma couve flor. Tome 2 tomates grandes, 1 pepino, 2 maçãs, parte tudo em quadradinhos e tempere com o seguinte molho: 2 gemas cozidas e peneiradas, 2 colheres de azeite, o caldo de 1 limão e 1 colherinha de molho inglês. Misture tudo e sirva aos bocados dentro de folhas grandes de alface.

SALADA MODERNA

Corte em pedacinhos compridos quantidades iguais de cenouras, nabos, vagens e batatas, cozidas separadamente. Abra uma lata de "petits-pois" e outra de atum em conserva, escorra o caldo de ambos. Escorra os legumes e deite em azeite, vinagre e sal. Desfie o atum no prato, deixando um vazio no centro. Disponha em redor os legumes aos montes, um de cada qualidade. Cubra o atum com um molho feito de 1 gema crua e outra cozida desmanchada com 1/2 chicara de azeite como mayonnaise e algumas gotas de limão. Deite no centro pontas de espargo ou um raminho de couve-flor cozida.

SALADA DE TOMATES RECHEADOS COM SIRIS

Tome 12 tomates redondos e grandes, corte uma fatia junto ao talo, tire as sementes com cuidado e guarde. Tome uma chicara de maçãs picadas em pedacinhos outra de "petits-pois" escorridos e a carne de uma dúzia de siris cozidos. Misture tudo e acrescente molho mayonnaise. Recheie os tomates, coloque no prato, ladeado por folhas de alface à maneira de flor.



UM POUCO DE ETIQUETA

Exige a regra de etiqueta que a mulher quando dirige um carro abra a porta à maneira americana para subir e descer, si está só. Tendo companhia masculina esperará, embora imperceptivelmente, esse gesto antigo de galanteria. Dando-se, porém, que essa companhia seja a de um rapaz esportivo, como a "chauffeuse", o que suprime distancias, adeus etiqueta.

Ao chegar a' casa de amigos com um companheiro desconhecido, cumpre apresentá-lo à dona da casa, que, por sua vez, fará a apresentação geral.

Um estudante bem educado, que visita uma colega da mesma idade, deve levantar-se quando ela entra na sala onde ele a espera e não torna a sentar-se sem que ela com um gesto lhe dê autorização.

A' mēsa, é sempre a dona da casa que dá início á refeição. E' ainda ela quem dá o sinal para que se levantem da mēsa, e mais tarde no salão quem acende o primeiro cigarro.

E' suprema indelicadeza a mulher assoviar quando o marido lhe faz alguma observação ou vice-versa.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

THERMOMETROS PARA FEBRE CASELLA-LONDON



FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.



Para Passeio e Recepções

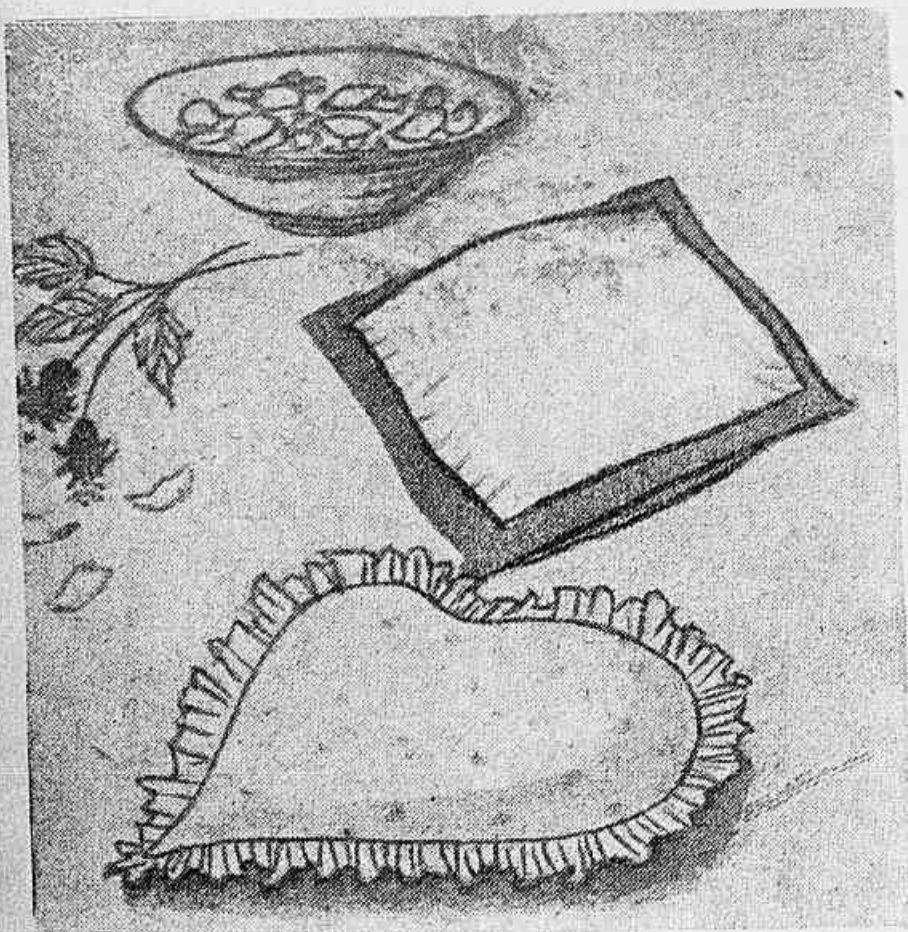
Feito em rayonne verde-chartreuse, tem a guarnecê-lo, ricamente, uma estamparia em que aparecem flores e folhas tropicais. A blusa em tom de laranja madura se harmonisa e dá um tom mais claro, que torna suave a carnção da morena que aqui aparece como modelo de Hollywood.

Feito em shantung, com estamparia caprichosa em que se mesclam fios de ouro velho. O tecido, muito flexível, prestou-se para o modelo quasi esportivo, mas no qual um plissê pespontado a mão, e botões dourados com motivos americanos constituem neste vestido tudo que a mulher elegante pode ambicionar para fazer sucesso...

VEIAS DAS PERNAS

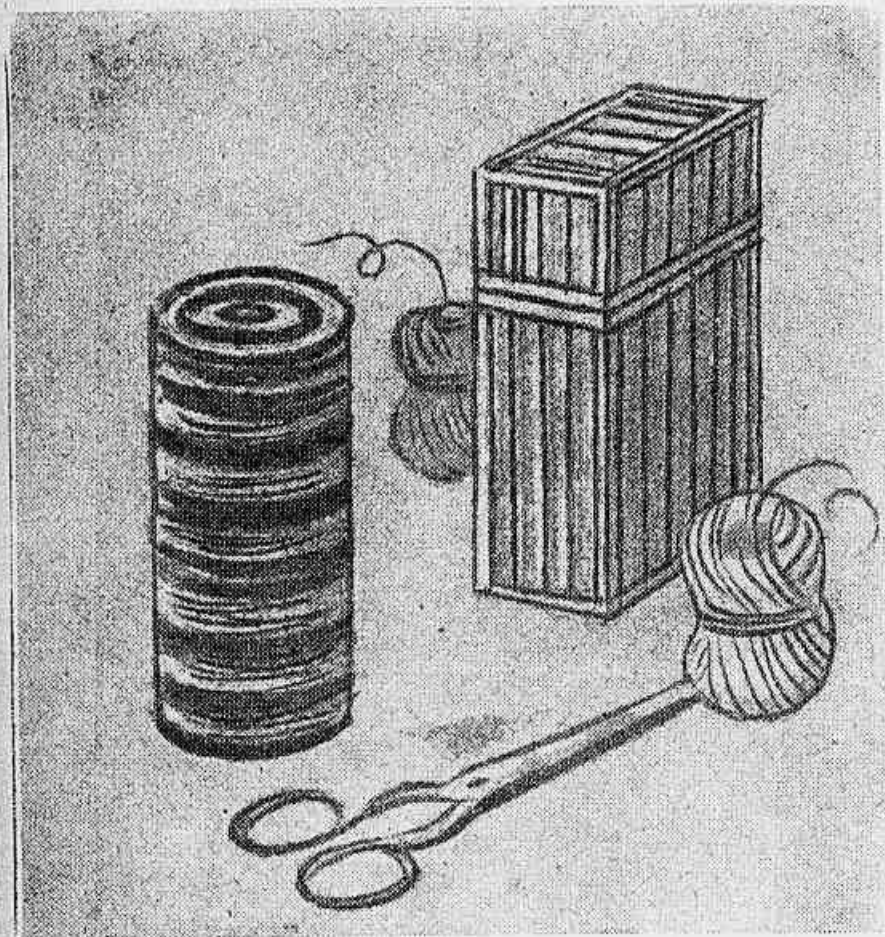
As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegancia das pernas e predispõem a Infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo proprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas



SACHETS PERFUMADOS

Para compôr lindos "sachets" formam-se os saquinhos dando-lhes formatos caprichosos - de corações, triangulos, etc. Como guarnição ligeiros bordados a fita, debruns, sendo aconselhavel a maior simplicidade. O tecido preferível - organdi ou, em falta deste, o crepe de China bem fino. Colhe-se no campo alfazema, flores silvestres, junta-se verbena, jasmim, pétalas de rosa; séca-se ligeiramente e depois enchem-se os "sachets". Com eles, desde que entre as flores incluamos um pouco do delicioso capim cheiroso - teremos sempre nossos armários perfumados.

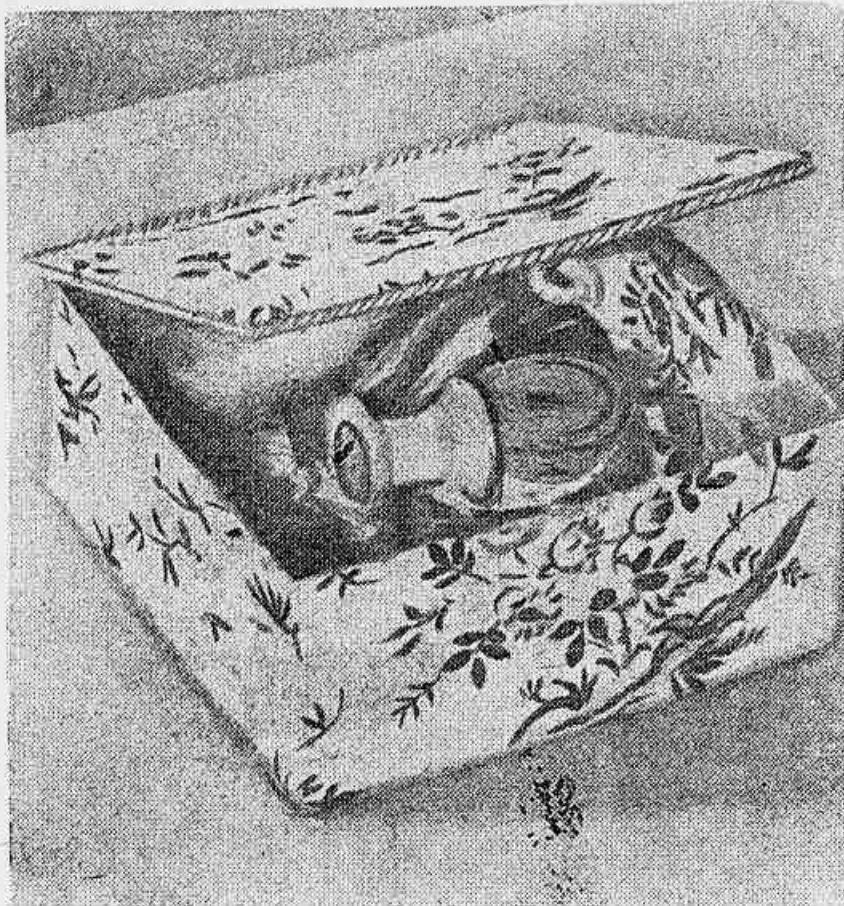


ESTOJOS PARA ALFINETES

Aproveitando caixas em que vêm frascos de perfumes, passa-se cola, enrola-se em volta, bem fechados, fios de barbante verde, seguindo-se barbante vermelho, etc. Póde-se também fazer essa aplicação em listas verticais. Uma tira gomada manterá as duas extremidades.

Para as férias, a improvisação dêsses pequenos trabalhos concorre para encher horas vagas. Com êles unimos o útil ao agradável.

Util unido ao Agradavel

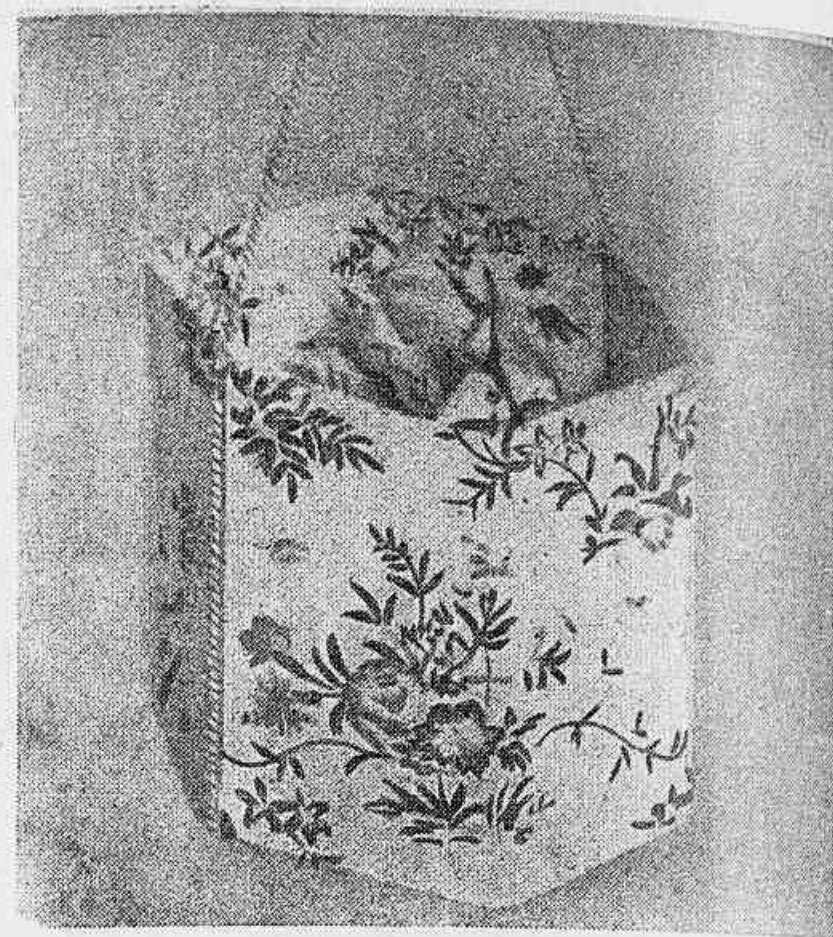
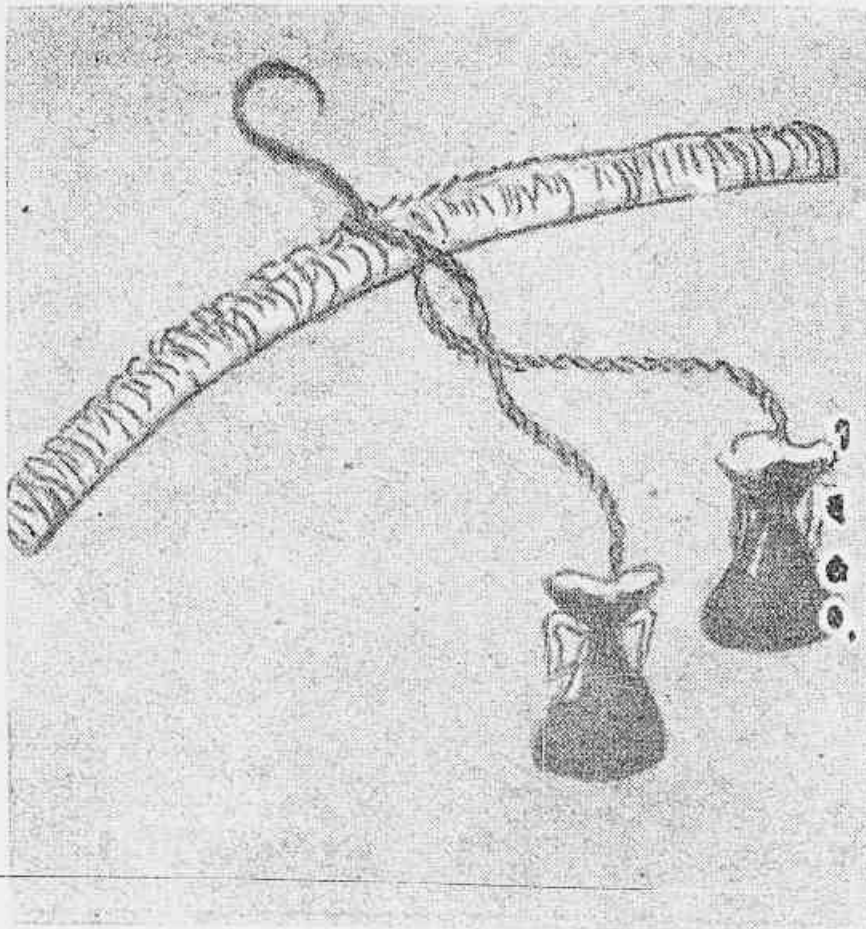


CAIXA DE COSTURA

Fazer uma caixinha de papelão ou antes aproveitar uma caixa que tenha as dimensões apropriadas. Reforçá-la com um forro simples. Aplicar depois um cretone delicado de florinhas à Luiz XVI, desses que se completam com laços...Essas caixas de costura são de enorme utilidade e podem ter divisões internas, o que depende da habilidade da costureira.

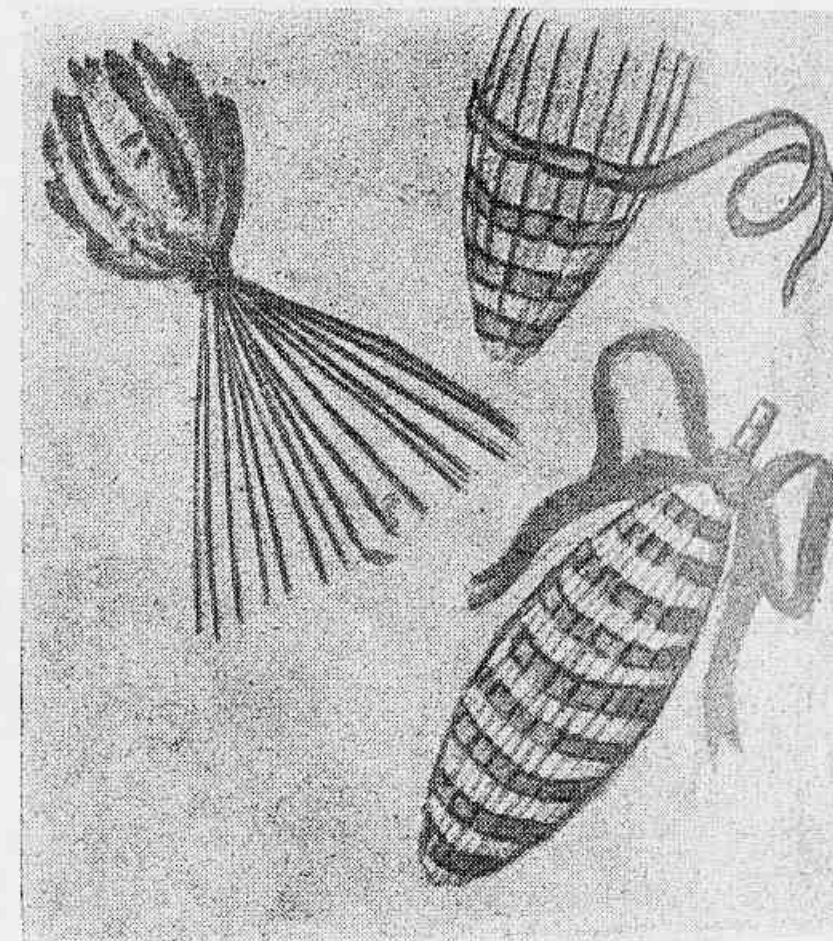
CABIDE ELEGANTE

Tem este cabide um modo muito facil de ser improvisado. Corta-se uma tira de pongé de seda, franze-se e reveste-se a madeira. Faz-se depois dois saquinhos do mesmo tecido para guardar pequenos objetos como lenços, grampos, fitinhas, e pendura-se por um fio. Há também a idéa prática de encher esses saquinhos de alfazema ou de algum inseticida.



CESTA PARA PAPEIS

Formar uma caixa hexagonal (6 partes com 16 cm. sobre 10 cm.). Forra-se com uma tira de cretone fantasia. Faz-se um fundo à parte. Com um cordão de seda de cor, que se harmonise com as flores, faz-se uma boa alça, se fôr para pendurar, o que não é tão prático como fazer toda a guarnição improvisando uns pés para a cesta, com o papelão que serviu para a caixa.



BOUQUETS DE ALFAZEMA

Colher longas hastes de alfazema ou de outra flor que se preste para igual fim. Deixar secar por dois dias. Amarrar trinta hastes na base das flores. Virar depois as hastes sobre as flores; fixar uma fitinha cor de rosa ou azul em cima e entretecer em redor, subindo em espiral. Juntar essa fita no alto. Dar um laço. Teremos assim terminado o bouquet, pelo qual a leitora fantasista criará outros modelos e talvez mais bonitos.



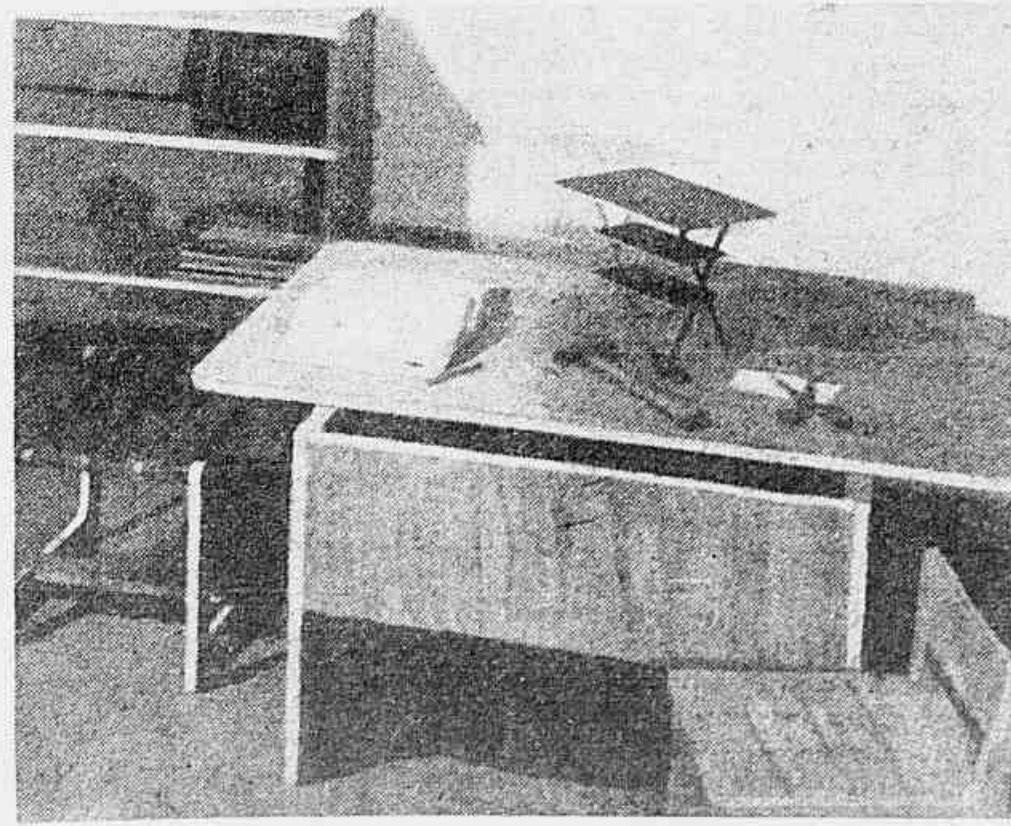
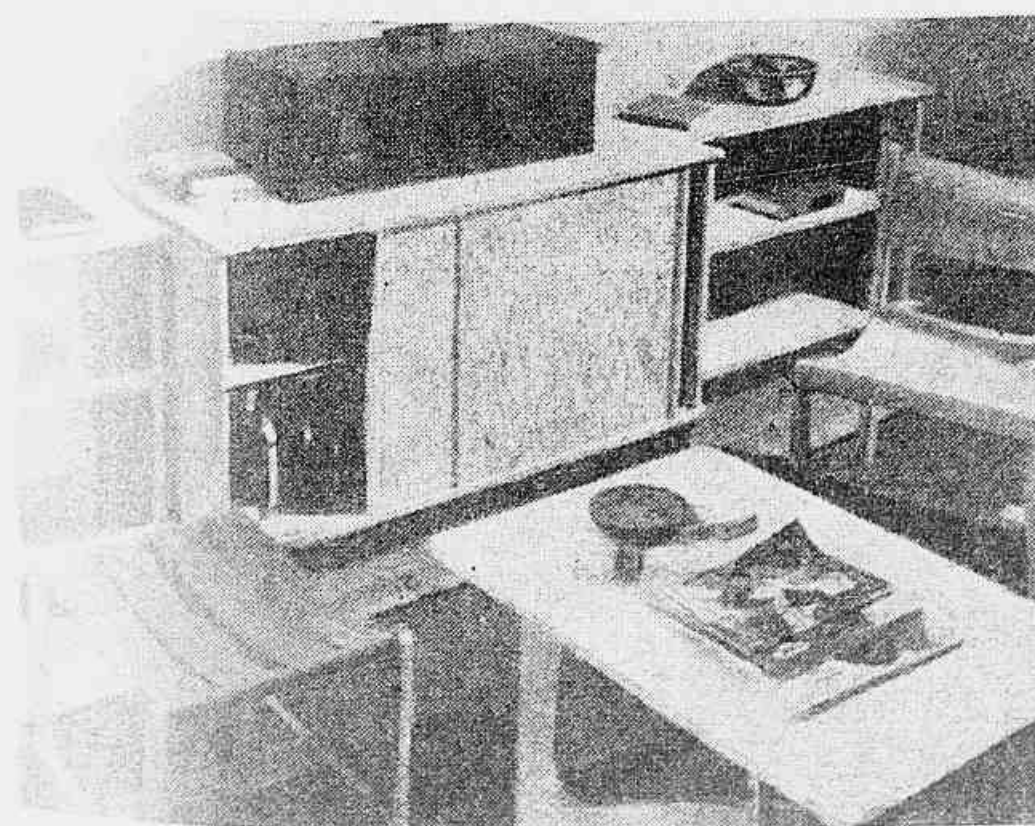
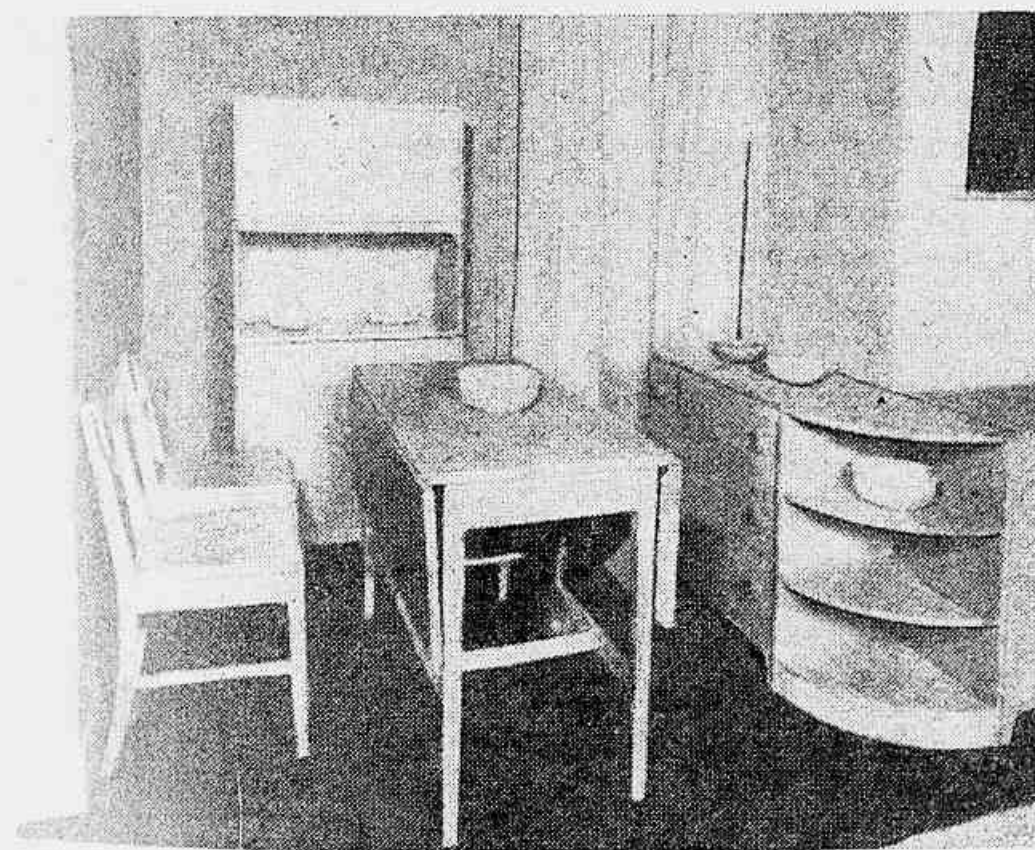
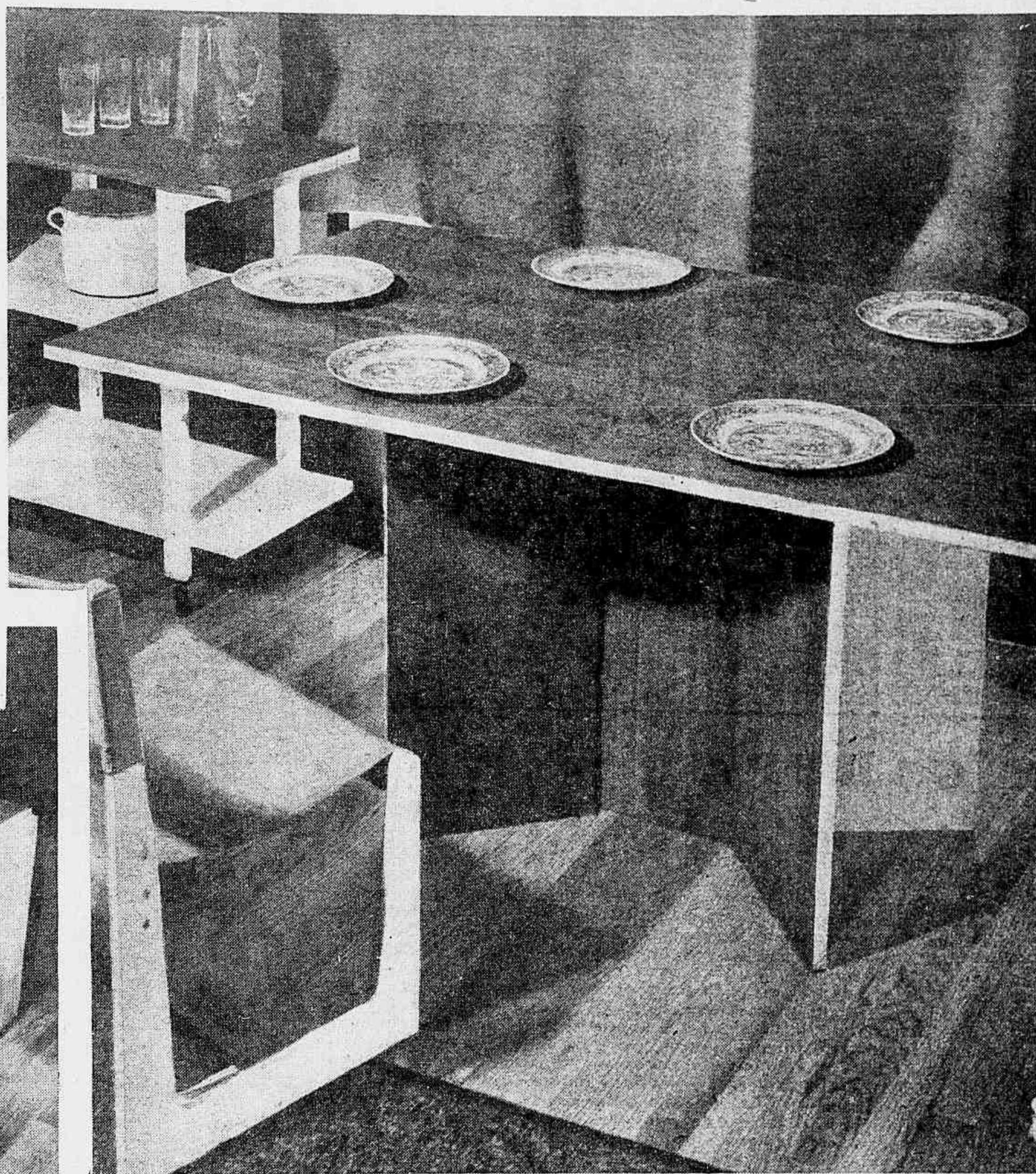
CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

O Lar

MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.



ESTILO PARA OS DIAS DE GUERRA — Moveis de madeira barata foram assim projetados por algumas casas dos E. Unidos, acostumadas a trabalhar para freguêses ricos, e mostram alguns resultados das modificações atuais trazidas pela economia de guerra.

São peças do mobiliário duma casa de trabalhador de New Port News.

Os fabricantes americanos pretendem começar imediatamente a manufatura desses moveis, em alta escala, para consumo local e exportação.

Ninguém tratou com emoção maior os assuntos brasileiros do que Affonso Arinos.

Em tudo o que escreveu, perpassa aquele mesmo amor comovido e terno pelas coisas da nossa terra e da nossa gente, pelas histórias simples dos tropeiros de Minas, pelas doces narrativas dos vaqueiros e pagens que misturam facilmente as coisas da vida real com as consoladoras crenças dos milagres e dos encantamentos nativos.

Do lado dessa ternura sempre presente, com que sabe evocar, de modo inconfundível, as usanças e a psicologia das gentes mineiras — que são em muito as gentes do resto do Brasil — o contador admirável de A' GARUPA e JOAQUIM MIRONGA possuía também em alto grau o dom de transmitir as emoções fortes, como em ASSOMBRAENTO e PEDRO BARQUEIRO.

Dum estilo límpido e claro, que nunca se empanou, seu nome ficará para sempre lembrado como dos maiores cultores do conto brasileiro, não somente pela marca do TERROIR com que o tratava, como principalmente pelo caráter de suas criações.

A seu respeito há que lamentar apenas a exiguidade da obra literária que nos legou, consubstanciada em apenas meia dúzia de livros, como PELO SERTÃO; O CONTRATADOR DE

DIAMANTES; OURO, OURO; HISTÓRIAS E PAISAGENS, LENDAS E TRADIÇÕES DO BRASIL — livros de lei, duma



nobreza de expressão e dum interesse artístico e humano do mais alto valor.

À GARUPA

(Continuação da pág. 25)

pes gemendo. O compadre, aí rente. O que vale é que "macho que geme, a carga não teme", lá diz o ditado.

Toquei para deante: sobe morro, desce morro, vara chapada, fura mato, corta cerradão, salta correio — eu fui andando sempre. O defunto vinha com o chapéu de couro preso no pescoço pela barbela e caído para a carcunda. Quando o queimado trotava um pouco mais depressa, o chapéu fazia — pum, pum, pum. O compadre a modo que estava esfriando de mais. Não sei se era porque fosse mesmo tempo de frio, eu peguei a sentir nas costas uma coisa que me gelava os ossos e chegava a me esfriar o coração. Jesus! que friura aquela!

A noite ia fechando, fechando. Eu já seguia não sei como, pois tinha de andar só pelo rumo. O queimado, às vezes, refugava daqui, fugia acolá, cheirava as moitas e bufava. Pelo barulho da água, eu vi que nós íamos chegando à beira do ribeirão. Tinha aí de atravessar uma mataria braba, por um triho de gado. Insensivelmente, eu fugia de um galho, negava o corpo a outro, virando na sela campeira. A cabeça do compadre, que, no princípio, batia de lá para cá e, às vezes, escangotava, endureceu, e o queixo dele, com a marcha do animal, me martelava a apá.

Fui tocando. Dentro da mataria, passava um ou outro vagalume, e havia uma voz triste, grossa, vagarosa, de algum passaro da noite que eu não conheço e que cantava num tom só, muito compassado, zoando, zoando...

Em certa hora parecia que meu cavalo marchava num terreno oco: ao baque das passadas respondia lá no fundo outro baque e o som rolava como um trovão longe. A ramaria estava cerrada por cima de minha cabeça, que nem a coberta do meu rancho. O trilho a modo que ia ficando esconso, porque o queimado não sabia onde pisar; chegou uma horinha em que ele pegou a patinhar para cima, para baixo, de uma banda e de outra, sem adeantar um passo. O bicho parecia que estava ganhando força para fazer alguma. Não levou muito tempo, ele mergulhou aqui para sair lá adeante, descendo ao fundo de um buraco e galgando um tope aos arrancos, escorrega aqui, firma acolá.

Nesse vai-vem, nesse balanço dos diabos, o corpo do compadre pendia p'r'a lá, p'r'a cá. Uma vez ou outra, ele ia arcando, arcando; a cara dele chegava mais perto da minha e — Deus me perdoe! — pensei até que ele queria me olhar o rosto.

Eu ia tocando toda-vida. Mas, aquele frio, ih! aquele frio foi crescendo, foi me descendo para os pés, subindo para os ombros, estendendo-se para os braços e encarangando-me os dedos. Eu já quase não sentia as redeas, nem os estribos.

Aí, por Deus! Eu não enxergava nem as pontas das orelhas do queimado: a escuridão fechou de todo e o cavalo não pôde romper. Corri-lhe as esporas; o bicho era de espírito, eu bem sabia; mas bufava, bufava, cheirando alguma coisa na frente e refugava... Tanto apertei o bicho nas esporas, que, de repente, ele suspendeu as mãos no ar... O corpo do compadre me puxou para traz, mas eu não perdi o tino. Tinha confiança no cavalo e debrucei-me para a frente... Senti que o casco do queimado batia numa torada de pau atravessada por cima do trilho.

E agora, Benedito? Entreguei a alma a Deus e bambeei as redeas. O cavalo parou, tremendo... Mas o focinho dele andava de um lado para o outro, cheirando o chão e soprando com força... Com pouca dúvida, ele foi-se encostando devagarinho, bem rente do mato; minhas pernas roçavam nos troncos e nas folhas do arvoredo miúdo. Senti um arranco e, com a ajuda de Deus, caí do outro lado, firme nos arreios; o queimado achou jeito de saltar a barreira nalgum lugar favorável.

Toquei para deante. Ah! patrão! não gosto de falar no que foi a passagem do ribeirão aquela noite! Não gosto de lembrar a descida do barranco, a correnteza, as pedras rolicas do fundo da água, aquele vácuo que a gente só passa de dia e com muito jeito, sabendo muito bem os lugares. Basta dizer que a água me chegou quasi às borraínas da sela e, do outro lado, cavalo, cavaleiro e defunto — tudo pingava!

Eu já não sentia mais o meu corpo: o meu, o do defunto e o do cavalo misturavam-se num mesmo frio bem frio; eu não sabia mais qual era a minha perna, qual a dele. Eram três corpos num só corpo, três cabeças numa cabeça, por que só a minha pensava... Mas, quem sabe também se o defunto não estava pensando? Quem sabe se não era eu o defunto e se não era ele que me vinha carregando na frente dos arreios?

Peguei a imaginar nisso, meu patrão, porque — medo não era, tomo a Deus por testemunha! — eu não sentia mais nada, nem sela, nem rédea, nem estribos. Parecia que eu era o ar, mas um ar muito frio, que andava sutil, sem tocar no chão, ouvindo — porque ouvir eu ouvia — de longe, do alto as passadas do cavalo, e vendo — eu ainda enxergava também — as sombras do arvoredo no cerrado e, por cima de mim, a boiada das estrelas no pastoreio lá do céu!

Só este medo eu tive, meu patrão — de não poder falar. Quis chamar por meu nome, para ver se eu era eu mesmo; quis lembrar alguma coisa desta vida, mas não tive coragem de experimentar...

Aí já não posso dizer que marche para deante: fui levado nessa dúvida, pensando que bem podia ser eu alguma alma perdida naquela noite, zanzando pelos campos e cerrados da terra onde assisti de menino...

E quem sabe também se a noite era só noite para meus olhos, olhos vidrados de defunto? Bem podia ser que fosse dia claro... Haverá dia e noite para as almas, ou será o dia das almas essa noite em que vou andando?

Essa dúvida, patrão, foi crescendo... E uma hora chegou em que eu não acreditava em mim mesmo, nem punha mais fé no que eu tinha visto antes... Peguei a pensar que era minha alma quem ia acompanhando pela noite fora aqueles três vultos...

Minha alma era um vento, um vento frio, avoando como um cutiando arriba das nossas cabeças.

Daí, patrão, enfim, entendi que aquilo tudo por ali em roda era algum logradouro da gente que já morreu, alguma repartição de Noss'enhô, por onde a gente passa depois da morte. Mas aquele escuro e aquele frio! Sim, era muito esturdiado aquilo. Ou quem sabe se aquilo era um pouso no caminho do outro mundo? Numa comparação, podia bem ser o estradão assombreado por onde a alma, depois de separada do corpo, caminha para onde Deus é servido.

Ah! patrão! o que minh'alma imaginou aquele tempo todo eu não lhe posso contar, não! Sei que fomos embora, aqueles três vultos, um carregando dous e todos três irmanados dentro da mesma escuridão.

Tocamos.

De repente, peguei a ouvir galo cantar. Uai! Era bem o canto do galo; com pouca dúvida, um cachorro latiu lá adeante. Gente, que é isso? Que trapalhada era essa? Era o compadre que estava ouvindo, ou era eu? Pois, então, Benedito virou de novo Benedito?

Ou é que as cousas por lá são tal e qual as nossas de cá, com pouca diferença? Galo e cachorro eu ouvi. Estive assuntando mais e ouvi o mugido de uma vaca e o berro de um bezerro... Com um tiquinho de tempo mais, eu vi, e vi bem, uma casa e outra e outra e outra mais ainda! Gente, isso é o arraial: olha a igreja ali!

Não havia dúvida mais: estávamos no arraial e o queimado batia o casco numa calçadilha da rua.

Era eu mesmo, era o meu queimado e o compadre aí rente, na garupa! Toquei para a casa do sacristão e bati. Custou muito a responder, mas uma janela abriu e uma cabeça apareceu a modo muito assustada.

— Abre a igreja, que tem defunto aqui!

— Cruz, cruz, cruz, ave, Maria! gritou o sacristão assombrado, e bateu a janela, correndo para dentro da casa.

Eu não insisti mais. Toquei para a porta da igreja, de onde correram assustados uns cabritos. De frente, o cruzeiro abria os braços para nós. Como havia de ser? Quem me podia ajudar a descer aquele corpo?

Parei um pedaço, olhando para o tempo.

Aí, o frio pegou a apertar outra vez, e uma coisa me fazia uma zoeira no ouvidos que nem um lote de cigarras num dia de sol quente. Que frio, que frio! Meu queixo pegou a bater feito uma vara de canelas-ruivas. Turr! turr! O compadre, atacadado na minha carcunda, ficou feito um casco de tatê; quando meu calcanhar batia no pé dele, o baque respondia no corpo todo e o queixo dele me fincava com mais força na apá. A porta da igreja pegou a rodar, principiando muito devagarinho; e o cruzeiro a modo que saía do lugar, vinha para mim, subia lá em cima, descia cá em baixo, como uma gangorra, mal comparando.

Peguei a sentir, não sei se na cabeça, não sei mesmo onde, um fogo, que era fogo lá dentro e cá fora, no meu corpo, nas minhas pernas, nas mãos, nos pés, nas costas; era uma friura que ninguém nunca viu tão grande!

Meu braço não mexia, minhas mãos não mexiam, meus pés não saíam do lugar; e, calado como defunto, eu fiquei ali, de olhos arregalados, olhando a escuridão, ouvidos alerta, ouvindo as cousas caladas!

Meu cavalo, estresilhado também de fome, de cansaço e de frio, vendo que a carga não era de cavaleiro, desandou a andar á toa, p'ra baixo, p'ra cima, catando aqui-acolá uns fiapos de capim...

Quando eu passava por perto da porta de alguma casa, fazia força e podia gritar:

— O' de casa! Gente, vem ajudar um cristão! Vem dar uma demão aqui! Ninguém respondia!

Numa porta em que o cavalo parou mais tempo — porque uma hora meu queimado parecia cavalo de aleijado parando nas portas para receber esmola — apareceu uma cara... E quando eu disse:

— "É um defunto..." a pessoa soltou um grito e correu para dentro esconjurando...

Mas as casas todas pegaram a embalançar outra vez, e eu estava como em cima da água, boiando, boiando...

Parece que o queimado cansou de andar. Lá nos pés do cruzeiro, onde havia um gramado, ele parou...

E foi aí que vieram me achar, de manhãzinha, com os olhos arregalados, todo frio, todo encarangado e duro no cavalo, com o compadre á garupa!

Ah! patrão! amigo é amigo!

Daí para cá eu andei bem doente...

Quantos anos já lá se vão, nem eu sei mais.

O que eu sei, só o que eu sei, é que nunca mais, nunca mais aquele friume das costas me largou!

Nem chás, nem mezinha, nem fogo, nem nada!

E quando eu ando pelo campo, quando eu deito na minha cama, quando eu vou a uma festa, me acompanha sempre, por toda a parte, de dia e de noite, aquele friume, que não é mais deste mundo!

Coitado do compadre! Deus lhe dê o céu!

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47666

Curiosidades

AS DAMAS DO GRAAL: Pertencem a uma ordem religiosa católica, fundada recentemente em Chicago. Essas damas usam toilettes como as das mulheres da sociedade. Fazem voto de castidade, pobreza e obediência, tendo como dever principal socorrer toda moça que trabalhe e se encontre longe da família e sem recursos. Essa ordem possui em Chicago um grande terreno doado pelo cardeal Mundell. Ordem diferente de todas as outras fundadas na França e na Bélgica, devido à liberdade de agir e à cultura que devem possuir as damas. Fazem curso de sociologia, de apologetica, arte, economia, jornalismo e podem usar o título de "dama". O curso dura três anos.

Esta ordem, fundada em Chicago, foi, segundo consta, criada na Holanda por um jesuíta. As damas do Graal são ainda em numero limitado.

UM RETRATO DE CRISTO: Em recentes escavações praticadas em catacumbas, nas imediações de Nápoles, foi encontrado um retrato de Cristo, verdadeiramente impressionante. Esse retrato de Cristo foi pintado nas paredes do túmulo de São Janeiro, arcebispo mártir. De São Janeiro foi conservado o crânio sobre um busto de prata que se acha numa igreja. O sangue do mártir conservado numa ampola oferece a particularidade de tornar-se líquido em maio e setembro.

O milagre foi estudado por vários cientistas que o consideraram respeitável.

O ETERNO FEMININO

Lágrima de mulher - grão de malícia.
(Publius Myrus)

A mulher deve, desde a infância, exercitar-se no papel de doméstica a que é destinada. (Goethe)

E' sabido que os gatos, as moscas e as mulheres são os animais que levam mais tempo para fazer "toilette"... (Charles Nodie')

A historia das mulheres é a historia da pior

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL

Obra de extraordinario valor, de grande oportunidade, a "Consolidação" veio prestar serviço inestimável a quantos lidam com a legislação trabalhista em nosso país.

Em dois volumes estão condensadas todas as leis do trabalho, no Brasil; é realmente um plano sistemático perfeito.

Notas e observações de M. Cavalcanti de Carvalho, autor de "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", "Direito Sindical e Corporativo", "Evolução do Estado Brasileiro", etc.

Preço dos dois volumes: Cr\$ 70,00

Disponível em todas as livrarias do Brasil.

Pedir à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA S/A
Rua Banguape, 15 — Distrito Federal, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio.



Creme SANITARIO



LIMPEZA DE
TALHERES
LOUÇAS
ALUMINIOS
E AZULEJOS

tiranía do mundo. E' a tirania do fraco contra o forte, mas é a unica que dura. (Oscar Wilde)

A amizade de duas mulheres é, na maioria das vezes, conspiração contra uma terceira.
(Alphonse Karr)

Um pouco mais, um pouco menos, a mulher é sempre Dalila. (Alfred Musset)

Deus criou o céu e a terra, depois descansou. Criou depois o mar e os peixes e descansou. Criou o homem, o cavalo, o cão, os outros animais e todo o mundo descansou. Depois criou a mulher. E ninguém mais descansou. (Proverbio africano)

Chega de vez em quando em tua mulher. Tu não saberás porque lhe bates; ela, entretanto, saberá por que a corriges.

(Proverbio colhido por Francis de Croisset)

Como experimentar a finura do ouro? Com a pedra de toque. A força de um boi? Fazendo-o trabalhar. A natureza de um homem? Ouvindo-o. O pensamento da mulher? Não há meio.

(Proverbio indú)

Todos os homens são mentirosos, falsos, hipócritas, orgulhosos, covardes, desprezíveis. Todas as mulheres são mesquinhas, artificiais, vaidosas, curiosas. Mas há no mundo uma coisa santa e sublime: é a união desses dois seres imperfeitos e desprezíveis (Alfred Musset)

Um cigarro que agrada a todas!



**CIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**



Creusa